

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
AS MULHERES NA PASTORAL NEGRO.**

**CRISTIANE ANTUNES DE SÁ.**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
AS MULHERES NA PASTORAL NEGRO.**

**CRISTIANE ANTUNES DE SÁ**

*Sob a Orientação do Professor*

**Dr. Denis Giovani Monteiro Naiff**

*e Co-orientação do Professor*

**Dr. Celso Pereira Sá**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do **título de Mestre**, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da UFRRJ. Área de Concentração: **Processos Psicossociais e coletivos.**

Seropédica, RJ

2014

305.896081

S111r

Sá, Cristiane Antunes de, 1980-

T

Representações sociais, memória e  
identidade: as mulheres na Pastoral negro. /  
Cristiane Antunes de Sá. - 2014.

133 f.: il.

Orientador: Denis Giovani Monteiro  
Naiff.

Dissertação (mestrado) - Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de  
Pós-Graduação em Psicologia.

Bibliografia: f. 86-93.

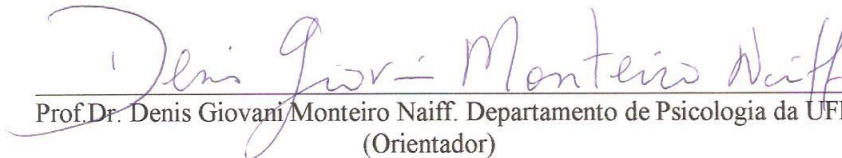
1. Negras - Identidade social -  
Brasil - Teses. 2. Negras - Aspectos sociais  
- Teses. 3. Identidade (Psicologia) - Teses.  
I. Naiff, Denis Giovani Monteiro, 1971- II.  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia. III.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CRISTIANE ANTUNES DE SÁ**

Dissertação/Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em **processos psicossociais e coletivos**.

DISSERTAÇÃO (TESE) APROVADA EM 20/05/2014

  
Prof. Dr. Denis Giovanni Monteiro Naiff. Departamento de Psicologia da UFRRJ  
(Orientador)

  
Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva. Departamento de Psicologia da UFRRJ

  
Prof. Dr. Rafael Coelho Pecly Wolter. Instituto de Psicologia da UERJ

## DEDICATÓRIA

*Aos meus amigos e familiares, em especial aos meus pais, Maria das Graças e Sidney e ao meu filho João Renato, a minha amiga Carla Franca e ao meu orientador Denis Naiff.*

## AGRADECIMENTO

Durante toda a minha trajetória de pesquisa muitas foram às pessoas que se fizeram presentes em toda a jornada que não pode ser resumida apenas aos dois anos de mestrado, mas a todo percurso de seleção até a aprovação, os quais honradamente eu posso chamar de verdadeiros amigos. Primeiramente, agradeço a Deus pela superação e aprovação na seleção de mestrado da Universidade Federal de Rural do Rio de Janeiro. A ele agradeço a inspiração e paciência e, acima de tudo, a esperança de poder ver esse trabalho concluído.

Honradamente agradeço aos meus pais, Sidney Antunes de Sá e Maria das Graças Brito de Sá, os melhores educadores que já tive; eles me ensinaram a caminhar com garra, honestidade e determinação e nunca desistir dos meus ideais.

Agradeço em especial a minha amiga Carla Franca, pelas palavras de conforto quando mais precisei, pela companhia, pela ajuda nas revisões do texto e confiança depositada no meu trabalho.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Denis Naiff, por me orientar, por me desorientar e no final, sempre, me reorientar. E principalmente pelo carinho e paciência sempre dedicado ao meu trabalho.

Agradeço as mulheres Agentes de Pastorais Negros, representada nas pessoas de Darci da Penha Pereira, pela boa vontade em colaborar para que este trabalho fosse concluído.

Agradeço ao meu amado filho João Renato pela compreensão na minha ausência, e pelo carinho e amor dedicado a mim nos momentos de estresse.

Finalmente, aos meus amigos e familiares eu peço desculpas pela ausência durante o período do curso e agradeço por me apoiarem. Este caminho de crescimento não seria possível sem eles.

### **Resgate**

Sou negra ponto final  
devolvo-me a identidade  
rasgo a minha certidão  
sou negra  
sem reticências  
sem vírgulas  
sem ausências  
sou negra balacobaco  
sou negra noite cansaço  
sou negra  
ponto final

*(Alzira Rufino)*

## RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como alvo de estudo a construção de identidades das mulheres negras participantes dos APNs (Agentes de Pastoral Negros) em Seropédica. A Teoria das Representações Sociais é importante, pois foi utilizado para investigar as representações sociais sobre as mulheres negras. Para compreendermos melhor o objeto estudado, adotou-se dois estudos diferentes, os quais se complementam. No primeiro coletamos e comparamos os dados, por meio de um questionário com questões fechadas e de evocação livre em uma amostra de 200 mulheres, sendo cem mulheres participantes do movimento negro e cem que não participam de nenhum Movimento Social; no segundo realizamos uma pesquisa aprofundada sobre as narrativas de vida de seis mulheres participantes dos Apns, com o objetivo de compreender a formação da identidade social dessas mulheres a partir de suas memórias. O interesse por esta pesquisa teve início em 2007 com as atividades do Laboratório de História Oral e Multimídia da UFRRJ, mediante uma entrevista realizada com uma das fundadoras dos Apns em Seropédica, a missionária Maria Inês. Em nossa sociedade, a real condição do negro está “disfarçada” na existência de uma democracia racial, na qual não existe o preconceito racial. Na sociedade brasileira, essa camada da população tem sido vítima de profundas desigualdades sociais e raciais, e a mulher negra sofre mais ainda, sua renda é inferior a do homem e a da mulher branca. A elas destinam-se os trabalhos não qualificado, os quais, não necessitam de educação e instrução, como os serviços domésticos.

Palavras chave: Memória, identidade, representações sócias.



## ABSTRAT

This research project is aimed to study the construction of identities of black women participating APNs (Agents Black Pastoral) in Seropédica . The Social Representations Theory is an important theoretical and methodological tool, which was used to investigate the social representations of black women. To better understand the studied subject, we adopted two different studies, which complement each other. In the first collect and compare data through a questionnaire with closed questions and free recall in a sample of 200 women, with women participating in the hundred and one hundred motion that does not participate in any social movement; in the second we perform a thorough research on the life narratives of six women participating APNs, with the goal of understanding the formation of social identity of these women from their memories. The interest in this research began in 2007 with the activities of the Laboratory of Oral History and the Media UFRRJ through an interview with one of the founders of APNs in Seropédica , missionary Maria Ines . In our society, the real condition of the black is "disguised" in the existence of a racial democracy where there is no racial prejudice. In Brazilian society, this population segment has been suffering from deep social and racial inequalities, and the black woman suffers even more, your income is less than the man and white woman. As they intended the unskilled jobs, which do not require education and instruction, as domestic services.

Keywords: Memory, Identity, Social representations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Renda mensal total da família, de acordo com o salário mínimo vigente .....	58
Figura 2 - Grau de escolaridade dos sujeitos da pesquisa.....	58
Figura 3 – Representação esquemática das distribuições das representações sociais no esquema das quatro casas. ....	61
Figura 4 - Quadro de quatro casas sobre o termo indutor “Mulher Negra” em mulheres que participam do movimento negro (n=100). ....	62
Figura 5 – Quadro de quatro casas sobre o termo indutor “Mulher Negra” em mulheres que não participam do movimento negro (n=100). ....	62
Figura 6 - Interseção dos prováveis núcleos centrais das mulheres que não participam do MN e das mulheres que participam do MN.....	63
Figura 7 - tabela sobre os tipos de preconceito elencados pelos dois grupos.....	66
Figura 8 - tabela sobre as conquistas relacionadas pelos dois grupos.....	72
Figura 9 - Estrutura do <i>corpus</i> das entrevistas com o Grupo de Mulheres Negras (n = 100).	76

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 BREVE HISTÓRICO DA CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL.....	18
CAPÍTULO 2 - MEMÓRIA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	36
2.1 – MEMÓRIA .....	36
2.2 – IDENTIDADE.....	46
2.3 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	50
CAPÍTULO 3 – MÉTODO .....	56
3.1 –Objetivos da pesquisa.....	56
3.2 - Tipo de estudo.....	56
3.3 – Sujeitos.....	57
3.4 - Coleta e análise dos dados.....	58
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES DO ESTUDO 1.....	61
4.1 - Análise das evocações.....	61
4.2 – Análise das questões.....	66
CAPÍTULO 5 - RESULTADOS E DISCUSSÕES DO ESTUDO 2.....	75
5.1 - Descrições gerais dos Participantes.....	75
5.2 - Análise das histórias de vida através do ALCESTE.....	75
5.2.1 – Memória militância – organização.....	76
5.2.2 – Memória infância.....	77
5.2.3 – Memória trabalho.....	78
5.2.4 - Memória militância – religiosa.....	79
5.2.5 – Memória educação – escolar.....	80
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	86
APÊNDICE.....	94
ANEXOS.....	112

## INTRODUÇÃO

Durante décadas a história foi escrita sob a perspectiva masculina, logo, os estudos eram voltados para a figura do homem como sujeito universal. A mulher era “marginalizada”, deixada de lado pelos historiadores. Nas últimas décadas do século XX, essa situação sofreu modificações teóricas e metodológicas as quais despertaram os interesses dos historiadores para grupos outrora esquecidos e silenciados, como os idosos, operários, camponeses, escravos, mulheres, entre outros. A história das mulheres, nesse contexto, surge como uma área de pesquisa influenciada pelos movimentos feministas. Essa história “não é só delas é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, (...) dos seus sentimentos” (DEL PRIORI, 2007, p.07). Estas narrativas reúnem diversas lembranças e múltiplas dimensões da memória que estão presas a recordações que fazem parte do cotidiano, na qual se estabeleceram relações com o trabalho, filhos e as crenças.

Assim como as mulheres, os negros também não eram objeto de destaque na história. Em uma sociedade onde o “ideal de ego” é ser homem e branco as mulheres e os negros sofrem constantes discriminações e preconceitos. Para entender os desafios enfrentados pela população negra faz-se necessário o conhecimento sobre os problemas ocasionados pelo ideário do branqueamento. Segundo Munanga (1999) “essa ideologia, caracterizada entre outros pelo ideário do branqueamento, roubou dos movimentos negro o ditado "a união faz a força" ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos” (p.15). Em nossa sociedade, o significado de ser branco, mestiço, pardo, amarelo, índio, mulato, negro representam categorias cognitivas, através das quais pensamos nossas identidades. Assim, o ideal de branqueamento prejudica a busca de uma identidade fundamentada na negritude. De acordo com Paixão & Carvano (2008), os seres humanos possuem uma grande variabilidade de aparências, “especialmente quando leva-se em consideração o grau de intensidade da pigmentação de suas peles, os tipos faciais, as cores dos olhos, o formato dos cabelos e, em alguns casos, a forma corporal” (p.28). Portanto, o termo raça aglomera indivíduos com mesmas características físicas. Conforme o autor supracitado, as distintas formas físicas incorporadas dentro de um padrão de relações difundido por uma ideologia legitimadora da “valorização ou desvalorização de tal sorte de diferenças (nos planos socioeconômicos, político, e estético), formam a problemática primeira do que podemos entender por relações raciais”.

No primeiro Censo Demográfico realizado em 1872, a classificação por raça apresentava “quatro opções de resposta: branco, preto, pardo e caboclo” (IBGE, 2008, p.01). No Censo de 1940 o quesito raça é substituído por cor da pele, mas em 1991 é trocado pelo termo “raça ou cor” e mais tarde em 2001 por “cor ou raça”, permanecendo assim até o Censo de 2010. As constantes mudanças nas opções relacionadas à raça demonstram o quanto é difícil essa classificação em um país com o Brasil, para Paixão & Carvano (2008, p.45) a mestiçagem formou uma gama de terminologias de autoidentificação, dificultando o estudo da nossa realidade sócio-racial. Sem dúvida o melhor conceito a ser usado é o de cor da pele, não por ser menos complicado, pois existe também uma dificuldade em se definir quem é negro, pardo ou branco no Brasil, mas pelo fato de o conceito de raça ser impróprio para os dias atuais, como aponta Viana (2007):

O campo de estudos sobre as relações raciais é ainda forte entre nós, mesmo que hoje se saiba que não existem “raças” na espécie humana, pois trata de uma modalidade de relações sociais e históricas na qual sobressaem conteúdos ligados aos grupos de cor, a discriminação e às heranças do passado escravista na conformação das hierarquias sociais (p.41).

A raça precisa ser abordada por uma perspectiva cultural e não biológica, uma vez que o brasileiro é um ser cultural em constante transformação. O tema raça tornou-se um debate central entre os séculos XIX e XX, pois a elite brasileira via “na pluralidade racial uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca” (MUNANGA, 1999, p.51). Tanto o negro quanto o índio eram considerados empecilhos para o avanço da civilização. A elite brasileira via na miscigenação a “solução” para o seu problema de construção de uma identidade nacional. Assim, ao final do século XIX o brasileiro se apresentava como uma raça mestiça. Éramos todos miscigenados, e isso gerava um sentido de nacionalidade, ou melhor, de identidade nacional. Mas os problemas pertinentes aos índios e aos negros permaneciam. As identidades são múltiplas e estabelecidas por diversos grupos sociais em diferentes momentos históricos. Não podemos alegar a existência de uma única identidade valorizada em detrimento ou exclusão das outras. “O mestiço é, para os pensadores do século XIX, mais do que uma realidade concreta, ele representa uma categoria através da qual se exprime uma necessidade social – a elaboração de uma identidade nacional” (ORTIZ, 2006, p.20). Para Ortiz o conceito de “cadinho”, essa mistura das três raças, branca, negra e indígena, “esgotou” as questões relacionadas à cor, mas ocultou as tensões sociais e étnicas e o preconceito racial.

Aceitar ou acreditar na “fábula ou mito das três raças” significa ocultar os conflitos raciais existentes no Brasil, permitindo que todos se reconheçam como brasileiros, mas negando aos subalternos, pobres, analfabetos, maioria descendentes de índios e escravos, a “tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria” (MUNANGA, 1999, p.80). Em seu livro “Relativizando”, DaMatta (1987) discorre um capítulo sobre a “fábula das três raças” ou o “preconceito à brasileira”. Segundo o autor, o “preconceito à brasileira” é uma demonstração da dificuldade de se pensar o Brasil socialmente. A raça não é o único elemento de classificação social. O poder político ou o dinheiro podem fazer com que uma pessoa negra ou parda seja considerada branca. Essa triangulação das três raças tornou-se uma ideologia dominante capaz de permear a visão do povo, “uns e outros gritando pela mestiçagem e se utilizando do branco, do negro e do índio como as unidades básicas através das quais se realiza a exploração ou a redenção das massas” (DAMATTA, 1987, p.63).

Em 1872, o pardo era uma classificação usada para distinguir o negro liberto do escravo. “A categoria parda (...) era usada para qualificar homens e mulheres livres de ascendência africana que já estavam relativamente distanciados do mundo da escravidão” (VIANA, 2007, p.26). Já no Censo de 1890 o termo pardo foi substituído por mestiço, essas terminações possuem o mesmo significado que mulato, classificações utilizadas para rotularem as pessoas procedentes das uniões entre um branco e uma negra, ou de um negro e uma branca. “O termo “mulato”, do espanhol mulo, tem nitidamente uma conotação mais pejorativa do que mestiço” (MUNANGA, 1999, p.20). O negro é o indivíduo de cor negra, mas atualmente tem-se usado a denominação afrodescendente para agrupar pessoas tanto de pele negra como parda, pois não se refere apenas à cor da pele, mas “preserva a referência históricas e culturais como ainda indica os laços de identidade entre os descendentes de africanos em todo o mundo” (NASCIMENTO, 2003, p.27). Assumir-se negro no Brasil é muito difícil, mas a principal dificuldade é reconhecer a situação de opressão, desigualdade e discriminação a que os negros são submetidos, se autodefinir negro e enfrentar peito a peito as condições de opressão em que estão imersos. “Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração” (SOUSA, 1983, p.7).

Estes são alguns dos dilemas enfrentados pelos movimentos negros na atualidade, que “buscam formas concretas de expressões culturais para integrá-las e reintegrá-las dentro de uma perspectiva mais ampla. (...) O que se propõe é uma interpretação do passado e da cultura

negra orientando-os no sentido de um movimento social” (ORTIZ, 2006, p.141). A memória histórica é fundamental para o processo de afirmação da identidade negra, pois é o resgate da verdadeira História do negro ligada à África que proporciona elementos para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual eles sejam reconhecidos como participantes do processo de construção da História do Brasil e da cultura brasileira, e não lembrados apenas como escravos. Nas últimas décadas, as mulheres negras vêm criando estratégias de sobrevivência diante do racismo a que estão expostas na escola, no trabalho e em outros ambientes. Dentro deste contexto, as mulheres começaram a exigir uma maior participação nos meios sociais, o que possibilitou o conhecimento sobre a condição feminina nesta sociedade. De acordo com Scott (1992), “A documentação da realidade histórica das mulheres ecoou e contribuiu para o discurso da identidade coletiva que tornou possível o movimento das mulheres” (p.83).

Ainda existem “silêncios” relacionados à história das mulheres, por isso precisamos analisar de modo rigoroso a situação destas no processo de produção do conhecimento histórico, portanto um estudo sobre as suas reivindicações dentro e fora do movimento negro é de grande relevância para a sociedade, com a finalidade de superar essa situação de exclusão e silêncio e tornar as práticas dessas mulheres reconhecidas como parte constitutiva da história. Um estudo pautado nas narrativas das mulheres negras e nas suas reivindicações dentro do movimento negro é de suma importância para a análise da formação de suas identidades.

Para falar a respeito da história das mulheres e, sobretudo, de sua história no movimento negro, é preciso levantar as seguintes questões: “será que há uma identidade comum para as mulheres e será que há uma história delas que possamos escrever?” (SCOTT, 1992, p.89). Dentro desta perspectiva, discutiremos neste trabalho a relação entre militância feminina dentro da Pastoral do Negro e a formação da identidade negra dessas mulheres, ressaltando a importância desta para a sociedade. Para tanto, buscaremos prosseguir o estudo já iniciado - com as gravações realizadas enquanto participante do Laboratório de História Oral e Multimídia da UFRRJ, durante o ano de 2007 - sobre o movimento negro em Seropédica. No ano de 2007, quando participava do Laboratório de História Oral da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi realizada uma pesquisa sobre a História de Seropédica, com o objetivo de escrever um livro didático. Na época pude conhecer a Missionária Maria Inês, pioneira do movimento negro em Seropédica e participante da Pastoral do Negro. Os Agentes de Pastoral Negros (APNs) surgiram em 1983, mas atingiram

o “auge em 1988 com a tão falada Campanha da Fraternidade sobre o negro, ecoou nos quatros cantos do Brasil o clamor de justiça da comunidade negra, sobretudo no interior da Igreja Católica” (ROCHA, 1998, p.41). Ocorreram inúmeros chamados por justiça. Uma expressão dessa solidariedade da Igreja com a causa da negritude foi “o lema Ouvi o Clamor Desse Povo”, trabalhada pela CNBB<sup>1</sup> na Constituição Federal de 1988.

O combate ao racismo não era presente nas discussões das Igrejas devido à mentalidade escravocrata presente nas mesmas, no qual negro ocupava o lugar de renegado, indesejado e não servia para a vida religiosa. Essa separação em relação ao pobre e ao negro na Igreja Católica em geral começou a mudar com o Concílio Vaticano II. Segundo Ana Lúcia Valente (1994) em seu livro *O negro e a Igreja Católica: O espaço concedido, um espaço reinventado*, “a partir do Episcopado Latino-Americano de Medellín pode-se perceber certo crescimento do interesse da Igreja com respeito ao negro” (p.89) A Igreja passou a desenvolver um trabalho pastoral. Com as mudanças ocorridas após o Concílio Vaticano II aumentou na Igreja Católica uma prática eclesial voltada para os distintos contextos sociais, no qual a Igreja se abre para os problemas do mundo moderno e se propõe a atualizar-se como forma de responder aos apelos do Evangelho frente aos novos desafios. A Conferência de Puebla possibilitou um avanço dos setores progressistas, resultando numa ação pastoral junto às classes inferiores. O percurso dos APNs tem significado uma esperança para os negros. A situação de injustiça, discriminação e racismo faz com que a comunidade negra se organize e, lute por seus direitos enquanto cidadãos.

Os APNs são formados por núcleos compostos por um número mínimo de associados que se reúnem periodicamente com o objetivo de implementar as políticas e diretrizes traçadas pela Associação Cultural de Agentes de Pastoral Negros do Brasil, e ainda são espaços para a valorização, conscientização, estudo e reflexão, construção da identidade e cidadania do povo negro. A partir de um compromisso em defesa da promoção da cultura do povo negro, os APNs buscam engajar-se em meio à população pobre e a partir de sua realidade, procuram formar uma consciência crítica para que o próprio povo esteja ciente de seu papel de cidadão e sujeito portador de direitos que devem ser reivindicados. Esse espaço colabora no processo de construção da identidade do povo afrodescendente. Os APNs e outros grupos ligados a eles, juntos à Igreja, buscam tecer um novo olhar da sociedade sob a ótica da negritude. Neste contexto, os Agentes de Pastoral Negros são definidos como: “pessoas

---

<sup>1</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.



engajadas que exercem atividades para a comunidade negra e, que se unem a todas as instituições e movimentos negros que lutam pela mesma causa; cujo trabalho ofereça acolhida a todos que se identifiquem com a luta contra toda forma de racismo” (VALENTE, 1994, p.98).

Durante a pesquisa e os contatos com o grupo APNs de Seropédica, chamou-me a atenção o fato de apesar de não ser um grupo só de mulheres, estas compunham a maioria e lideravam todas as atividades e atuações do grupo na militância. Por isso o interesse em realizar uma pesquisa sobre o desempenho destas mulheres enquanto militantes, suas ações, trajetórias e suas identidades coletivas e individuais, ou seja, o seu papel na sociedade onde estão inseridas. Rocha (1998) afirma que “nestes anos de história os APNs é uma organização de presença majoritariamente feminina. Esta realidade mostra um traço a mais da eclesialidade dos APNs” (P.117). As mulheres são as grandes dinamizadoras da luta de fé pelos empobrecidos. O desenvolvimento da consciência crítica das mulheres negras chamou atenção para a situação vivida dentro da própria entidade. Inicia-se assim um processo de organização e reivindicações específicas das mulheres negras nos APNs. A Pastoral do Negro de Seropédica tem como missão atender as necessidades a que se impôs a Igreja, tais como: respeitar os valores e direitos (inclusive religiosos) dos negros e mulheres negras, operacionalização das medidas apontadas no Concílio Vaticano II, realizar oficinas, seminários e encontros relativos à situação do negro no Brasil. Desta forma demonstrando que a postura da Igreja diante da escravidão deixou a desejar e, por isso, hoje é preciso esse esforço para que a modificação deste quadro.

Defendemos que nossa proposta de investigação encontra sua justificativa, em primeiro lugar, no fato de que, existem poucos escritos sobre a história das mulheres nos setores populares (JELIN, 1987), especialmente em se tratando da mulher negra. Neste sentido, uma pesquisa aprofundada sobre a militância feminina das mulheres negras é de amplo valor para a reconstrução de sua história. Sua importância se destaca, ainda, por se tratar de um estudo sobre as minorias e a sua influência para a sociedade, bem como a formação da identidade coletiva e individual das mulheres negras participante dos APNs (Agentes da Pastoral Negros). A pesquisa com esse grupo de ação coletiva busca trazer à tona o debate entre sociedade e ações, para assim compreendermos a relação existente entre o sujeito de nossa pesquisa e o reflexo de suas ações na sociedade. Essa relação se dá na constituição de uma identidade coletiva. A terminologia minoria será empregada aqui de acordo com o que Serge Moscovici determinou como Psicologia das minorias ativas, as quais

“representam grupos em situação de inferioridade, excluídos da ideia de normalidade da sociedade por meio de diversas formas de discriminação: econômica, social e racial” (MOSCOVICI, 2011, p.79). Essas minorias estão diante de nós todos os dias, mas não as notamos são “invisíveis sociais”, uma “multidão de indivíduos ou de grupos que estão reduzidos, de diversas formas, à invisibilidade aos olhos dos demais indivíduos ou grupos”. (MOSCOVICI, 2011, p.221). Essa minoria ativa luta por mudanças em sua situação social. Não aceitam os fatos passivamente, atuam como agentes inovadores buscando constantes melhorias para seu grupo social.

O presente trabalho será dividido em três capítulos: o primeiro contém um breve histórico dos negros no Brasil, abordando questões relacionadas às mulheres negras; no segundo, é discutida a Teoria da Representação Social, a memória, a identidade e suas respectivas relevâncias para tratar do objeto e os conceitos que serão utilizados na análise do trabalho empírico em campo; o terceiro capítulo contém a parte metodológica da pesquisa, com os objetivos, instrumentos, sujeitos, coleta e análise dos dados; no quarto capítulo apresentamos a pesquisa e a análise dos resultados e no quinto capítulo versaremos sobre as considerações finais da presente pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DA CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL.**

A história dos negros no Brasil é assinalada por profundas desigualdades nos níveis sociais, econômicos e políticos. Podemos dizer que em nossa sociedade a real condição do negro está relacionada à existência de uma “falsa” democracia racial, na qual se afirma não existir preconceito racial. Conforme bem salientou Ribeiro (2002) “o espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, “democracia racial”, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais” (p.24). A ideologia de uma democracia racial é um projeto implantado no Brasil por meio da imigração europeia e da miscigenação que buscavam embranquecer a população. “Nós surgimos, efetivamente, do cruzamento de uns poucos brancos com multidões de mulheres índias e negras” (RIBEIRO, 2002, p. 225), mas isso não significa que vivemos em uma “democracia racial”. São várias as formas de opressões, discriminações e preconceitos que o negro enfrenta no Brasil. Não podemos dizer que estamos em uma “democracia racial” e que somos todos iguais.

A noção de “mito da democracia racial” esboçada pelo sociólogo Florestan Fernandes (1978) é importante para compreender não apenas as ações do movimento negro, mas também a luta dos grupos de mulheres negras, o alvo dessa pesquisa. Um dos desafios do movimento negro brasileiro constituiu-se em desconstruir esse pensamento de que não há preconceito no Brasil, fator relevante para o combate à desigualdade e para a formação de uma identidade negra positiva. Segundo Fernandes (1978, p.254), “com a abolição e o nascimento da República saem de cena as razões legais e morais colonialistas que legitimavam a discriminação e o preconceito e surge uma nova elaboração e interpretação racional compatível com o sistema republicano”. Para o autor existe uma falsa percepção das relações raciais onde se constrói uma infiel consciência de nossa realidade social. Esse pensamento desencadeou um conjunto de práticas e ideias etnocêntricas, embasados na concepção de que o negro não tem problemas no Brasil. Se não existem problemas de justiça social com o negro, além dos que já foram resolvidos com a abolição da escravidão, então, por que se falar da temática em tela?

No artigo *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo*, Lima & Vala (2004) destacam os diversos tipos de racismo surgidos na modernidade, formas menos diretas, mas danosas aos indivíduos. As fórmulas do racismo mudaram tanto após a Segunda Guerra

Mundial, que gerou um pensamento de extinção do racismo. Porém estas ações não desapareceram, simplesmente modificaram suas demonstrações diante das pressões dos antirracistas. Nesta perspectiva, a psicologia social produziu diversas teorizações a respeito das novas expressões de racismo e preconceito, tais como racismo moderno, racismo simbólico, racismo aversivo, racismo ambivalente, preconceito sutil e o racismo cordial.

Lima & Vala (2004) caracterizam as formas veladas de preconceito e racismo, “o racismo simbólico presente nos EUA, representa uma forma de resistência às mudanças no status quo das relações racializadas após a Declaração dos Direitos Civis” (p. 404); o racismo moderno reflete a ideia de que os negros ganham mais do que merecem, infringindo os valores importantes para os brancos, como igualdade e liberdade. Este tipo de racismo também é mais atuante nos EUA; racismo aversivo consiste em uma atitude racial, mais comum entre os indivíduos que possuem fortes valores igualitários, os quais tentam apresentarem uma imagem de pessoas não preconceituosas; o racismo ambivalente é parecido com o racismo aversivo, tanto um, quanto o outro “procuram manter uma autoimagem e imagem pública de pessoa igualitária e não preconceituosa” (p.406); o preconceito sutil, mais presente na Europa é uma forma mais velada e disfarçada de preconceito. Caracteriza-se por um preconceito contra grupos exógenos, tendo como alvo minorias culturais; racismo cordial definido como uma forma de discriminação em relação às pessoas não brancas, mascarada por uma cortesia aparente que esconde atitudes discriminatórias, as quais são expressas em piadas, ditos populares e brincadeiras de péssimo gosto relacionadas às questões raciais. O racismo cordial comum no Brasil, também é conhecido como racismo à brasileira.

O tema democracia racial, que foi usado inicialmente para negar a existência do preconceito racial, por outro lado, pode se avaliar como um fator estimulante no combate às desigualdades. “O aumento da militância negra nas últimas décadas, assim como a crescente importância desse debate na comunidade científica atraíram a atenção do Estado brasileiro” (SOUZA, 2000, p.154). Para Schwacz (1998) no Brasil existe um tipo particular de racismo, ou seja, um racismo silencioso que se esconde por trás da suposta igualdade e universalidade dos direitos. A autora descreve que: “na ausência de uma política discriminatória oficial, estamos envoltos no país de uma “boa consciência” que nega o preconceito ou o reconhece como mais brando. Não se nega a existência do racismo, mas sua prática é atribuída ao outro” (p.179), ou seja, o indivíduo não admite ter preconceito, porém, sempre conhece alguém que o tem, seja um amigo ou parente. Conforme Schwacz (1998, p.155), “todo brasileiro se sente uma ilha de democracia cercado de racista por todos os lados”. O que nos leva a crer que no

Brasil existe uma forma velada de preconceito. Uma pesquisa realizada com a população brasileira apontou que aproximadamente 90 % dos brasileiros consideram-se não racistas e, ao mesmo tempo afirmam existir o racismo no Brasil (TURRA & VENTURRI, 1995).

Essas novas demonstrações de racismo “são tão ou mais danosas e nefastas do que as expressões mais abertas e flagrantes, uma vez que, por serem mais difíceis de ser identificadas, são também mais difíceis de ser combatidas”. (LIMA & VALA, 2004, p.408). Pereira & Vala (2010) fazem um questionamento acerca da discriminação contra grupos minoritários em sociedades altamente normatizadas. Os autores versam sobre o problema seguindo a hipótese da legitimação ou justificação do preconceito, ou seja, “o uso de justificações socialmente percebidas como legítimas pode ser o mecanismo encontrado pelo pensamento preconceituoso para legitimar a discriminação em sociedades e contextos igualitários” (p. 02). Um indivíduo discrimina o outro quando encontra uma justificação entendida como não preconceituosa. De acordo com Pereira e Vala (2010) as justificações legitimam as discriminações, as pessoas buscam essas justificações para não serem publicamente ou psicologicamente censuradas.

O negro não encontrou no branco um ponto de apoio efetivo às suas tentativas de tomada de consciência e de melhoria de sua situação histórico-social. Conforme Fernandes (1978):

A convicção de que as relações entre negros e brancos correspondem aos requisitos de uma democracia racial não passa de um mito. Como mito, ela se vincula aos interesses sociais dos círculos dirigentes da “raça dominante”, nada tendo que ver com os interesses simétricos do negro e do mulato. [...] Não operava como uma força social construtiva, de democratização dos direitos e garantias sociais na população de cor. (pp.262-263).

No Brasil, a situação da população negra de um modo geral e da mulher negra, em especial, faz parte de um processo histórico que tem suas origens no sistema escravocrata, em que se constituiu uma sociedade machista e conservadora, que deixou a mulher numa condição inferiorizada. “A prática camuflada da discriminação, ao lado de um discurso democrático racial, insere a mulher negra num contexto que denominaríamos aqui como espaço da falta” (GONZALES, 2008, p.50). Segundo a autora, essa discriminação faz com que a mulher negra acumule perdas ao longo dos séculos, as quais se refletem nas suas dificuldades de inserção nos quadros sociais representativos da sociedade onde vive, e interferem na construção de sua identidade social.

Ser mulher negra é receber dupla carga de preconceito, enfrentar problemas relacionados ao gênero e às questões raciais e as consequentes desigualdades sociais. Seu salário médio é inferior ao do homem branco, ao da mulher branca e ao do homem negro. A elas destinam-se os trabalhos menos qualificados, que não necessitam de maior nível de educação formal e instrução, como os serviços domésticos. “Em nossa sociedade, por intermédio da perpetuação do machismo e do racismo, são muitos os estigmas em relação à mulher negra, destacando-se os de objeto sexual, serviçal e subservente” (RIBEIRO, 2004, p.89). A discriminação e o preconceito refletem-se no corpo, no trabalho e no lazer dos indivíduos, influenciando diretamente suas vidas. “Assim, crenças, estigmas, mito e realidade se confundem, provocando uma repetição de fatos que reafirmam a continuidade do racismo e do machismo” (RIBEIRO, 2004, p. 90).

Paul Thompson (1992), em seu livro *A voz do passado*, destaca que “até pouco tempo, a história das mulheres foi ignorada pelos historiadores em parte porque a vida delas ligadas ao lar, ou ao trabalho desorganizado ou temporário, muito frequentemente transcorreu sem ser documentada” (p.134). O silêncio que envolve a história das mulheres evidencia a hipocrisia de nossa sociedade, “durante longo tempo, somente os feitos heróis e as grandes decisões políticas eram consideradas dignos de interesse da história” (SOIHET, 2010, p. 363). De acordo com Perrot (2005), “as mulheres não estão sozinhas neste silêncio profundo. Ele envolve o continente perdido das vidas tragadas pelo esquecimento [...]. Mas ele pesa mais fortemente sobre ela, em razão da desigualdade dos sexos” (p.11). Fazer uma história das mulheres acarreta em muitas dificuldades, pois estas são costumeiramente descritas, imaginadas e pouco relatadas. Segundo Perrot (2005), durante muito tempo não existia uma vontade de saber sobre as mulheres, e escrever suas histórias “supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades” (p.14).

A chamada história do “cotidiano”, que está relacionada aos camponeses, escravos, mulheres e pessoas que não eram consideradas importantes, passam a despertar o interesse da história somente a partir da década de 1960. Segundo Burke (1992), “alguns novos historiadores estão preocupados com a história vista de baixo, ou seja, com as opiniões das pessoas comuns e com suas experiências diante das mudanças sociais” (p.12-13). Esse “novo” procedimento de fazer história possibilita a construção da história dos “esquecidos” ou “silenciados”. Esses métodos estão diretamente relacionados à busca por novos tipos de fontes, o que não implica no abandono das oficiais, mas no estabelecimento de um novo

tratamento e olhar sobre estas. Para Perrot (2005), a “nova história”, nome dado à segunda geração dos *Annales*<sup>2</sup>, mostra-se partidária à criação de novas temáticas, mas contida diante de qualquer esforço de teorização, em que ela farejava os vestígios marxistas (p.16).

A grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribuiu para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres. Fundamental, neste particular, é o vulto assumido pela história cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos, as pessoas comuns. Pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas a condição de objeto e sujeito da história (SOIHET, 1997, p.399).

Cada indivíduo desenvolve estratégias particulares para superar as discriminações que lhes são impostas. As mulheres negras demonstram não estarem conformadas com suas condições de vida desde o período escravista. De acordo com Paixão e Gomes (2012), durante esse período, as mulheres negras “elaboraram formas de enfrentamentos, contrariando a ideia de que aceitavam a dominação com passividade” (p.298). Uma das formas de resistência e manifestação ocorrida durante o período escravista pode ser observada nas amas de leite, que contavam suas histórias e as de seu povo enquanto embalavam as crianças brancas. No campo religioso, buscavam “formas novas e criativas de recriá-las, mediante as novas circunstâncias” (APNs, 1990, p.37). Elas constituíam uma base de poder na luta pela família negra, protegiam-na e agiam de acordo com os interesses de seus filhos e esposos, em alguns casos rebelando-se para que estes não fossem vendidos. Temendo um possível envenenamento de seus filhos, os fazendeiros geralmente cediam às reivindicações. Assim, elas buscavam manter a unidade familiar e auxiliavam outros escravos. Elas são consideradas os primeiros agentes da emancipação das comunidades afrodescendentes na diáspora. Conforme citado por Paixão e Gomes (2012):

Em um mundo cercado de opressão, tais mulheres construíam ambientes de autoestima e se tornavam decisivas, por exemplo, para possibilitar fugas ou obter informações a respeito de vendas e transferências indesejáveis. Muitas delas prestavam auxílio àqueles interessados em escapar, além de providenciar suprimentos aos escravos em fuga (p.298).

---

<sup>2</sup> Os *Annales* foi fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch, originalmente chamada de *Annales d'histoire économique et sociale*, foi planejada para ser mais que simplesmente uma revista histórica, pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica (Burke, 2010, p.36). É composta por três gerações. Ver BURKE, Peter, 2010. *A escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora da Unesp. 2ª Ed.

Até o final da década de 1960 “ser mulher significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um ‘bom partido’ para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental” (RAGOS, 2004, p.31). O movimento feminista ocorrido a partir de 1960 reforçou o surgimento da história das mulheres, e o deslocamento destas da esfera privada para a pública, ou seja, a mulher passou a pleitear seu espaço fora do lar, a reivindicar melhores condições de trabalho, saúde, educação, enfim melhorias para suas condições de vida: “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo não só acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história” (SOIHET, 1997, p.402).

A mulher negra sempre enfrentou as discriminações sofridas, batalhou por visibilidade e para ter seus interesses atendidos, seja no período escravista, no pós-abolição e nos dias atuais. A luta das mulheres negras brasileiras contra a opressão de gênero e de raça vem esboçando novos contornos para as ações políticas feministas e antirracistas. Este novo olhar, ao integrar a tradição de luta do movimento negro, afirma uma nova identidade decorrente do ser mulher e negra. Hoje encontramos a mulher negra envolvida em manifestações, reivindicando direitos, tanto em grupos a que pertence ou em outros. Ela não se acomoda e nem se intimida diante das velhas ou renovadas práticas de discriminação. O movimento feminino negro atualmente atingiu um patamar de visibilidade. Antes as mulheres negras atuaram em organizações mistas a fim de melhores condições de existência. Estavam inseridas no movimento feminista e no movimento negro, ambos atuavam como fontes principais de diálogo no âmbito dos movimentos sociais. Muitas críticas foram feitas pelas mulheres negras que não estavam satisfeitas com a ocultação de suas ações políticas e a desatenção em relação as suas especificidades. (BAIROS, 1995; CARNEIRO, 2003; RIBEIRO, 1995; RIBEIRO, 2004).

A militância dessas mulheres negras surge a partir de 1970, influenciadas pelo movimento feminista que tinha presença majoritária de mulheres brancas da classe média urbanas. Suas principais reivindicações inicialmente eram: direto ao voto e melhores condições de trabalho e salário. A partir da década de 1980 as feministas ocupam-se das questões relacionadas à dominação masculina, igualdade entre homens e mulheres e às lutas sociais. Nesse período, influenciadas pelas feministas negras Norte-Americanas, as ativistas brasileiras direcionaram críticas ao movimento feminista por não contemplar em suas ações as questões raciais. Levantam, assim, uma nova bandeira: a de que eram mulheres negras com



peculiaridades da raça. A postura do movimento feminista fez com que as mulheres negras buscassem suas demandas em outros grupos.

Já no movimento negro, elas encontram um espaço importante de luta e combate às questões raciais, no qual mulheres e homens negros reivindicavam medidas enérgicas contra a discriminação racial. Conforme demonstrado por Gonzales (2008), “os primeiros grupos organizados de mulheres negras surgiram no interior do movimento negro. (...) É no movimento negro que se encontrou o espaço necessário para as discussões e o desenvolvimento de uma consciência política a respeito do racismo”. (p.37). Porém, as mulheres negras não estavam satisfeitas com a posição que ocupavam dentro do movimento negro e com a omissão de discussões sobre gênero na pauta e ações do grupo. Tanto o movimento negro quanto o feminista não acolheram as questões postas pelas mulheres negras. De acordo com Carneiro (2003) as mulheres negras enfrentaram

no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem. (...) O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais nas agendas dos Movimentos Negros Brasileiros (p.120).

A postura das mulheres negras é a mesma, tanto em relação ao movimento feminista quanto ao movimento negro. No primeiro estão os problemas relacionados às questões raciais e no segundo as relações de gênero. Nesse sentido, se impõe à mulher uma “dupla militância”, como forma de assegurar que as conquistas no campo racial não sejam inviabilizadas devido às desigualdades de gênero, e para que as conquistas dos movimentos feministas não privilegiem apenas as mulheres brancas. A luta das mulheres negras no movimento social, tanto feminino quanto negro, contribuiu para uma maior visibilidade destas mulheres como sujeitos políticos.

Por não terem suas peculiaridades atendidas nestes movimentos, as mulheres negras aglutinaram-se em um movimento próprio, com a esperança de alcançarem uma identidade social comum e, assim, obterem forças para reivindicarem seus direitos na sociedade. A mulher hoje tem uma participação ativa fora do âmbito familiar, e é na condição de militante no interior do movimento negro que algumas mulheres começaram a questionar o papel secundário reservado a elas nos rumos da administração e das deliberações das entidades que compunham os movimentos negro e feminista. Além de combater o racismo também

buscaram uma real inserção social nos movimentos existentes, e questionaram as desigualdades entre brancas e negras, se posicionam contrárias ao discurso machista, bem como ao discurso de caráter universalista de cidadania que deveria contemplá-las, mas não o fez, consistindo em um mito.

As mulheres participaram ativamente da construção do processo de democratização inserindo-se, inicialmente, em movimentos que protestavam o fechamento dos espaços políticos tradicionais, durante o regime autoritário, assim como em movimentos contra o alto custo de vida. Elas se organizaram em clube de mães, associações de bairros, movimentos contra carestia. Essas inserções começam a deslocar o lugar da mulher da família, para um âmbito da sociedade e, embora relacionada à sua condição de mulher, refletem um avanço no que tange à sua participação fora do espaço privado, familiar. (MOREIRA, 2007, p.51).

Um grupo de mulheres associadas ao IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), no ano de 1979, apresentou uma proposta de reunir mulheres militantes de várias organizações negras, para discutirem uma forma de combaterem o racismo e o sexismo. Surgiu assim a Reunião de Mulheres Negras Aqualtune (VIANA, 2006, p.213). Já existiam nessa época outros grupos de mulheres se organizando no interior das organizações mistas, porém, de acordo com Viana (2006), a militância política das mulheres era menosprezada e considerada desorganizada, desinteressada e omissa (p. 83). Como resposta as estas críticas, as mulheres negras buscaram formas organizativas dentro de suas entidades, sem a participação dos homens. Segundo Ribeiro (2004):

Em 1988 as mulheres negras deram impulso para a construção de sua organização com fisionomia própria e caráter nacional, visando intensificar as reflexões e ações para o combate às opressões racial e de gênero, o que se expressou por intermédio da realização de três Encontros Nacionais de Mulheres Negras (ENMN – 1988, 1991 e 2000). Este processo foi reafirmado em outros espaços, reforçando o entrecruzamento entre gênero e raça: nos Encontros Nacionais Feministas, nos Encontros Nacionais de Entidades Negras, nas mobilizações em razão do Centenário da Abolição da Escravatura (p.99).

De acordo com Carneiro (2003), as mulheres negras têm intensificado seu engajamento “nas lutas gerais dos movimentos populares e nas empreendidas pelos Movimentos Negros e Movimentos de Mulheres, buscando assegurar neles a agenda específica das mulheres negras” (p. 120). O resultado dessas ações culminou na criação de várias organizações de mulheres negras que atualmente encontram-se espalhadas em todo o país. “As mulheres negras conquistaram maior visibilidade como sujeitos políticos,

destacando duas expressões de organizações: ONGs de Mulheres Negras e Fórum Nacional de Mulheres Negras” (Ribeiro, 2004, p.99). A partir das décadas de 1980 e 1990, os movimentos de mulheres negras começaram a se consolidar no Brasil. Nessa época surgiram diversos eventos que possibilitaram a mobilização das mulheres negras de várias partes do mundo, como: III Encontro Feminista Latino americano (Bertioga, 1985), Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1993), Conferência Mundial sobre a Mulher (Beijing, 1995). As articulações desses movimentos impulsionaram o surgimento das primeiras organizações. Segundo Ragos (2004), as Conferências do Cairo e de Beijing, contabilizaram importantes conquistas para as mulheres, as quais culminaram no avanço das políticas públicas para as mulheres (p.31).

Para Ribeiro (1995), o I Encontro Nacional para Mulheres Negras (ENMN), realizado em Valença – RJ em 1988 foi importante para o surgimento das organizações destas. De acordo com a autora, “este evento foi precedido por encontros e seminários em vários estados, o que proporcionou não apenas a mobilização das mulheres negras, mas, acima de tudo, o aprofundamento do debate político” (p. 450). Esse primeiro encontro é importante para garantir a visibilidade e a representação da organização dessas mulheres diante da sociedade, do feminismo e do movimento negro. O I ENMN contou com a participação de 450 militantes de 17 Estados da federação. Segundo Moreira (2007), as metas assinaladas nesse encontro foram:

a) denunciar as desigualdades sexuais, sociais e raciais existentes, (...); b) fazer emergir as diversas formas locais de luta e autodeterminação face às formas de discriminação existentes; c) elaborar um documento para uma política alternativa de desenvolvimento; d) encaminhar uma perspectiva unitária de luta dentro da diversidade social, cultural e política as mulheres presentes no Encontro; e) realizar diagnóstico da mulher negra; f) discutir as formas de organização das mulheres negras; g) elaborar propostas políticas que façam avançar a organização das mulheres negras, (...) (MOREIRA, 2007, p.66-67).

O II Encontro aconteceu em Salvador (BA) em 1991. Este encontro permitiu o aprofundamento de questões debatidas no I Encontro. No II ENMN foi sugerida a elaboração de um I Seminário Nacional de Mulheres Negras, realizado em Atibaia SP. O II Seminário Nacional de Mulheres Negras ocorreu em 1994. “Este Encontro permitiu o aprofundamento de discussões iniciadas no I Encontro e a avaliações dos trabalhos. Mais uma vez os debates foram intensos, demonstrando as diversas concepções políticas” (RIBEIRO, 1995, p.452). Uma das sugestões do II ENMN foi a realização de Seminários tanto locais,

quanto regionais. Ribeiro (1995) alerta que estes “seminários cumpriram um importante papel, o de detalhar e aprofundar debates que se esboçavam há vários anos. Porém, foram pouco propositivos no sentido de contribuir para gestão de forma de operacionalização das definições” (p.453).

O I Seminário Nacional de Mulheres Negras ocorreu de 12 a 15 de novembro de 1993 no Estado de São Paulo em Atibaia, com a participação de 48 mulheres de nove Estados. Abordaram-se dois temas: o primeiro foi a probabilidade de “reunir as mulheres negras que estiveram diretamente envolvidas neste emergente processo nacional, e o segundo, a necessidade de se concretizar uma organização mais criativa, como a criação de uma Rede Nacional de Mulheres Negras” (RIBEIRO, 1995, p.452). Este seminário possibilitou a definição unificada de que o Movimento de Mulheres Negras (MMN) vem se erguendo a partir da ligação entre gênero, raça e classe social, devendo ser autônomo, independente, composto por mulheres de distintos setores da sociedade e de distintos movimentos sociais, sem deixar de articula-se com o Movimento Negro e o Feminista “na medida em que estes incorporem e apoiem a luta das mulheres, mantendo suas especificidades” (RIBEIRO, 1995, p.452).

O II Seminário Nacional de Mulheres Negras realizou-se no período de 09 a 11 de setembro de 1994, com a participação de 67 mulheres de diferentes estados. Os objetivos do seminário eram: debater os rumos do movimento e avaliar a mulher negra na última década, “foram tratados temas relacionados ao racismo, relação de gênero, inserção política nos movimentos negros e de mulheres, sociais, religiosos e partidários entre outros” (RIBEIRO, 1995, p.453). Diante dos impasses políticos, constatou-se a impossibilidade da implementação de uma Rede Feminista de Mulheres como havia sido debatido no I seminário. De acordo a autora estes eventos nacionais fortaleceram o Movimento de Mulheres Negras e viabilizaram sua bandeira de luta.

A IV Conferência Mundial sobre Mulher ocorrida em Beijing em 1995 teve uma ampla participação das mulheres negras, cujo “O objetivo foi integrar as avaliações reafirmando que o racismo e o machismo têm que ser tratados conjuntamente, tanto para a definição de políticas contra as discriminações sociais como para a própria redefinição do conceito e da ação para a cidadania.” (RIBEIRO, 1995, p.455). A autora salienta que a participação de mulheres negras nesta Conferência possibilitou uma ampliação do debate sobre as questões raciais em nível mundial, articulando feministas negras e brancas no

conhecimento da necessidade de inclusão de propostas na Declaração Oficial, pretendendo desmascarar o racismo e a constituição de uma plataforma de ação baseada na conquista da plena cidadania a todos os povos (p. 456). Nas décadas de 1970 e 1990 pode-se perceber certo avanço nas relações entre as mulheres negras e o movimento feminista. O canal de diálogo entre essas mulheres são os Encontros Feministas e os Seminários. Essa maior participação da mulher negra nos meios sociais possibilitou a análise de ideias que determinavam a condição feminina.

A III Conferência Mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, ocorrida em Durban, África do Sul de 31 de agosto a 08 de setembro de 2001, foi de significativa importância para o Movimento de Mulheres Negras. A Conferência de Durban aponta os problemas característicos da mulher negra e as diversas formas de discriminações a que estão sujeitas. O parágrafo 9 da Declaração de Durban recomenda que os Estados fortaleça as políticas públicas em favor das mulheres e jovens negros, uma vez que o racismo os afeta de forma mais intensa, colocando-os numa condição de marginalidade. No parágrafo 10 solicita ao Estado que:

Assegure o acesso à educação e a promoverem o acesso a novas tecnologias que ofereçam aos africanos e afrodescendentes, em particular, a mulher e crianças, recursos adequados e à educação, ao desenvolvimento tecnológico e ao ensino à distância em comunidades locais”; ainda, “insta os Estados a promoverem a plena e exata inclusão da história e da contribuição dos africanos e afrodescendentes no currículo educacional (DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE DURBAN, 2001 p. 27)

As resoluções da Conferência de Durban permitiram que os movimentos sociais exigissem do Estado brasileiro a realização das metas estabelecidas no Programa de Ação da Conferência, abrindo um vasto espaço para discussões sobre medidas reparatórias, política específica para as mulheres negras, entre outras questões importantes para se alcançar a igualdade racial no país. A Conferência representou para as mulheres uma mudança em se tratando da mobilização política. Depois de Durban, o Movimento de Mulheres Negras passou a ter uma ação no sentido de ampliar os espaços de interlocução com agentes governamentais, não apenas para exigirem medidas específicas, mas para interferirem na agenda governamental possibilitando que as questões raciais e de gênero sejam aceitas em todas as esferas do governo.

Moreira (2007) afirma que uma parcela do movimento negro usou estratégias que buscaram diminuir o quadro de desigualdade racial no Brasil, dentre essas medidas podemos destacar:

A denúncia que organizações sindicais e negras fizeram a Organização Internacional do Trabalho pelo descumprimento do Brasil em reconhecer e promover medidas de promoção de igualdade no emprego e ocupação; (...) a Géledes organizou um Seminário para discutir Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras que resultou em um documento guia para os movimentos negro e feminista (...); a Marcha Contra Racismo, pela Cidadania e Vida (...) (p.48).

O engajamento das mulheres negras nos movimentos sociais constituiu para a maioria delas a saída do privado, ou seja, a partir de sua inserção nestes movimentos, estas mulheres romperam os limites de suas vidas cotidianas, restritas ao lar, e passaram a discutir nestes espaços não somente os problemas relacionados à vida, escola, habitação, mas entraram em discussão também as questões referentes ao gênero e à separação público-privado que era destinada a estas mulheres. Segundo Ribeiro (2004), “a ausência da população negra na vida pública brasileira resultou na condição histórica da não colocação das relações raciais nos processos organizativos dos movimentos sociais e das agendas políticas” (p.98). A partir destes movimentos, as questões de gênero passaram a ser discutidas, trazendo à baila questões que ao longo dos anos não eram sequer consideradas um problema, como a violência doméstica, e outros fatos que afetavam a condição da mulher, como saúde, legislação trabalhista, o direito a creches para seus filhos, a questão do aborto, vista como uma questão problemática e geradora de discórdia até mesmo no movimento de mulheres negras e nos movimentos feministas.

As primeiras organizações de mulheres eram na sua maioria associadas à Igreja Católica. Esse fator impedia a inserção de questões relacionadas à sexualidade e ao aborto nas pautas de discussões, mas o movimento feminista sofreu diversas modificações e estas inovações possibilitaram uma maior aproximação entre os movimentos de mulheres e outros movimentos sociais, principalmente os atrelados à sexualidade e a questões étnicas raciais. Segundo Carneiro (2003) as mulheres negras “enegreceram” a agenda dos movimentos feministas e “sexualizaram” a do movimento negro, causando uma diversificação das percepções e práticas políticas em um duplo ponto de vista, tanto afirmando novos sujeitos políticos quanto exigindo reconhecimento das diferenças e desigualdades entre esses novos sujeitos.

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construído em sociedades multirraciais e pluriculturais. (CARNEIRO, 2003, p.118).

As mulheres negras procuraram equiparar a igualdade de direitos com relação aos homens brancos, homens negros e às mulheres brancas, para que fossem reconhecidas como sujeitos coletivos, mantendo suas diferenças protegidas. A questão de gênero das mulheres negras possui demandas específicas, portanto, não podem ser tratadas exclusivamente pela categoria sem levar em consideração suas especificidades. Para as mulheres negras, o combate ao racismo é prioridade, uma vez que o mesmo produz gêneros inferiorizados em relação aos homens, e das mulheres negras em relação à mulher branca. A mulher negra busca desde a década de 1970 uma maior visibilidade sobre sua condição social, e seu reconhecimento como cidadã, detentora de uma identidade individual e coletiva marcada pelo racismo, sexismo e pela pobreza. Os resultados desta luta começam a emergir a partir da criação de uma plataforma política feminista que resulta da Conferência Nacional das Mulheres Brasileiras realizada nos dias, 6 e 7 de junho de 2002, em Brasília, que estabelece um marco de praticamente duas décadas de luta pelo reconhecimento do combate ao racismo, a discriminação racial e as desigualdades de gênero e raça que eles geram.

Tal concepção constitui-se em um dos eixos estruturais da luta das mulheres brasileiras. A plataforma, [...], sela um pacto de solidariedade e corresponsabilidade entre mulheres negras e brancas na luta pela superação das desigualdades de gênero e entre as mulheres no Brasil. Redefine os termos de uma verdadeira justiça social no Brasil (CARNEIRO, 2003, p.127).

A introdução dessas questões na esfera pública colabora para a ampliação do conhecimento sobre democracia, igualdade e justiça social, noções fundamentais para as discussões sobre gênero e raça. Atualmente existem mudanças em relação à participação social dos setores excluídos historicamente, tais como as mulheres, as mulheres negras e os homens negros. Conforme aponta Nascimento (2008), “as mulheres assumiram um papel de liderança mundial no final do século XX” (p.145), ampliaram sua participação dentro das associações negras ocupando cargos de liderança e protagonizando discussões que entrecruzavam as questões raciais e de gênero, conquistando dessa forma o reconhecimento das especificidades da condição feminina negra, conseguindo colocar em pauta assuntos como planejamento familiar, aborto e violência contra a mulher.

O crescente protagonismo destas mulheres, voltado para o desejo de liberdade, buscou por uma humanidade negada pela escravidão, e em um segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações e articulações nacionais, vem esboçando novos cenários e perspectivas, recobrando as perdas históricas. (CARNEIRO, 2003, p.129). O Movimento de Mulheres Negras tem colaborado para a constituição de uma sociedade mais igualitária do ponto de vista das relações raciais e de gênero. Nesse sentido, tem sido um movimento bem-sucedido. As mulheres conseguiram significativas mudanças em relação as suas condições na sociedade.

Em 2003, com o objetivo de estimular e articular, de forma transversal, a institucionalização das questões de gênero, foi criado, pelo Governo Federal, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Esta Secretaria, que tem status de Ministério, desenvolve ações conjuntas com todos os Ministérios e Secretarias Especiais, tendo como desafio a incorporação das especificidades das mulheres nas políticas públicas e o estabelecimento das condições necessárias para a sua plena cidadania (PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES, 2005, p.05). No ano seguinte, o governo federal organizou a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (I CNPM), com a finalidade de elaborar, através da interação da sociedade civil, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM). Participaram desta I Conferência 120 mil mulheres de diferentes segmentos, tais como Organizações não Governamentais, universidades públicas e particulares, entre outros. De acordo com as resoluções da I Conferência, cujo tema foi “Políticas para as Mulheres – Um desafio para a igualdade numa perspectiva de gênero”, o PNPM tem por objetivo a concretização dos direitos das mulheres, e suas ações possuem quatro eixos de atuação: 1) Autonomia, Igualdade no mundo do trabalho e cidadania, que envolve 05 prioridades; 2) Educação inclusiva e não sexista, que abarca 05 prioridades; 3) Saúde das mulheres, Direitos sexuais e Direitos reprodutivos, que contempla 06 prioridades; e 4) Enfrentamento à violência contra as mulheres, que engloba 07 prioridades (PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES, 2005, p.13 à 21).

Outra conquista das mulheres foi a sanção da Lei Maria da Penha, número 11.340, decretada pelo Congresso Nacional e aprovada pelo ex- presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva em 07 de agosto de 2006. O nome Maria da Penha é uma “homenagem à mulher que fez do combate à violência de que foi vítima uma razão para viver e para lutar pela dignidade humana e pela justiça social” (PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER, 2010, p.07). É importante destacar que no Brasil, a elaboração de leis não é suficiente, é preciso que estas



leis cheguem ao conhecimento do público e sejam cumpridas pelas autoridades, afim de que se transformem em ferramentas de cidadania a que todos têm direito. Para as mulheres negras intervir nos processos sociais representava “uma tomada radical de consciência de sua subjetividade feminina negra, construindo, dessa maneira, o sentido de pertencimento à sociedade como tal” (MOREIRA, 2007, p.75). As mulheres negras têm como objetivo o resgate das suas histórias para assim recriarem tentativas de mudanças nos quadros sociais que permitam novas experiências na sociedade.

Sabemos que estas conquistas ainda não são suficientes para mudar a circunstância que se encontram atualmente as mulheres, e principalmente as negras no Brasil. Quando se nota o universo negro como um todo, pode-se concluir que estes avanços são bem reduzidos. Se observarmos os dados do IBGE – Censo 2010 - confirmaremos que as mulheres continuam recebendo os salários mais baixos. Por esses dados podemos observar a desvantagem salarial das mulheres negras em relação aos homens negros, aos homens brancos e às mulheres brancas. A luta do movimento feminino negro e a construção da identidade negra estão ligadas a superação deste quadro de discriminações e desigualdades sociais.

No sistema capitalista, que sobrevive à custa da exploração do ser humano, a mulher negra é a mais explorada. Em termos de divisão racial e sexual do trabalho, ela ocupa os mais baixos escalões (...), e é uma minoria que possuem carteiras assinadas. É importante assinalar que a opressão racial, ao lado da exploração econômica, leva a grande maioria dessas mulheres a sustentar sozinha sua família. (THEODORO, 2008, p.90).

Apesar dos avanços, as mulheres negras ainda são alocadas em posições subalternas. Existem poucas mulheres negras trabalhando como executivas, médicas, juízas, dentre outras profissões de destaque. O que se verifica é a maioria realizando trabalhos domésticos e recebendo baixos salários. Os melhores cargos e salários, na sua maioria, são ocupados pelos homens e mulheres brancas. Mesmo aquelas que possuem diploma universitário sofrem as discriminações do mercado de trabalho. Algumas não conseguem exercer a profissão a que se dedicaram no ensino superior e, sem opção continuam exercendo as mesmas profissões de outrora.

As mulheres negras possuem baixa representação em categorias mais estáveis e de maior status social, como empregados com carteira e empregadores. Por sua vez, em estratos ocupacionais com baixo prestígio e menor remuneração, elas apresentam maior participação, o que fica nítido no caso dos empregos domésticos. (LIMA, M; RIOS, F & FRANÇA, D. 2013, p.76)

As conquistas foram importantes, entretanto, o maior desafio enfrentado por essas mulheres será modificar a visão machista e preconceituosa da sociedade. Ribeiro (2004, p.87) afirma que “o reconhecimento oficial do racismo e do machismo unido à proposição de uma política de governo eficaz aponta para possibilidades concretas de superação de tais desigualdades”. Enquanto a mulher não for verdadeiramente respeitada como ser humano, a violência emocional, física e moral permanecerão. O movimento negro e o movimento de mulheres negras têm contribuído para os avanços relativos às problemáticas específicas da negritude em nossa sociedade, apontando para a realidade da situação do negro, ou seja, a situação de racismo não explícito e de desfavorecimento em termos de oportunidades que surgem na sociedade.

A mulher tem papel fundamental nesse processo, porém é preciso ainda “desvendar as intrincadas relações entre a mulher e a sociedade [...], mostrando como o ser social que ela é articula-se com o fato social que ela mesma fabrica e do qual faz parte integrante.” (DEL PRIORE, 2007, p.235). Na sociedade contemporânea, o movimento de mulheres negras, constitui um espaço importante para a formação da identidade dessas mulheres e para o seu reconhecimento enquanto sujeito social. “Nessa perspectiva, a afirmação das mulheres negras enquanto sujeito político de direito traz uma constituição identitária relacionada às condições objetivas e materiais de vida, ao reconhecimento social e às relações que constroem (...)”. (RODRIGUES, 2010, p.453). Nesse sentido o movimento de mulheres negras tem contribuído para a construção de uma sociedade mais igualitária, no que diz respeito às relações de raça e gênero.

O grupo organizado de mulheres negras emerge na sociedade como sujeito coletivo. Sua identidade é pautada na interação entre homens, mulheres, negros e brancos, demonstrando a importância não apenas das práticas de pertencimento, bem como o reconhecimento de suas diferenças, “articulando em sua construção identitária reivindicações do discurso democrático e de direitos de outros sujeitos sociais oprimidos”. (RODRIGUES, 2010, p.453). Ao lutarem por seu reconhecimento na sociedade enquanto sujeitos coletivos, as mulheres negras buscam um sentimento de pertencimento a sujeitos que compartilham uma história comum de opressão, linguagem, religião e outros.

Segundo Le Goff (2003), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos

indivíduos e da sociedade de hoje (...)" (p.469). Na reconstrução da memória histórica negra, destaca-se a valorização da identidade negra, que resulta de um processo construído historicamente. São diversas as compreensões acerca do significado de identidade negra. Quando se fala de identidade, entretanto, está se fazendo alusão ao "assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer de cabeça erguida: sou negro." (MUNANGA, 1986, p.44). A partir desta memória em reconstrução, os discriminados, marginalizados étnico-racialmente, juntam-se e se fortalecem no processo de reconstrução da identidade, da dignidade e da cidadania.

As mulheres negras estão inseridas neste processo de reconstrução da identidade. O lugar reservado à mulher na sociedade vem sendo redimensionado, devido às ações desenvolvidas por elas, e as contribuições oferecidas no processo de estabelecimento de uma sociedade mais justa, no combate à discriminação e à desigualdade.

A história da comunidade negra certamente seria diferente, não fosse à ação e intervenção das mulheres negras, que guardam e preservam a memória ancestral, tanto do ponto de vista cultural como religioso. Portanto, o processo de resistência da comunidade negra nas Américas está diretamente relacionado com a presença feminina. No entanto esta realidade foi ofuscada historicamente pela discriminação. (ROCHA, 1998, p.117).

Como participantes ativas do movimento negro, essas mulheres, conscientes da importância de seu papel na história, tencionam mudar situações de conflitos e exclusões. Não apenas contribuíram para que tivessem destaque como sujeito político perante esses movimentos e a sociedade, como também "construíram" um movimento próprio e independente, uma vez que as reivindicações do movimento feminista clássico não se enquadravam nas necessidades das **mulheres negras**.

No processo de formação da identidade negra no seio do Movimento Negro brasileiro ocorrem duas operações simultâneas: a percepção de pertencimento a um grupo racial, (...) e a consequente tentativa de construção de uma identidade étnica a partir da afirmação de um grupo étnico (...). (BAPTISTA, 2002, p. 64).

O preconceito e a discriminação racial são processos que permeiam a construção da identidade do brasileiro, seja ele branco ou negro e, tem sido discutido em diversos trabalhos, tais como (NASCIMENTO 2003; FERNANDES 1978; SOUSA 1983; MUNANGA 1999; VIANA 2007 e outros). Porém perante as múltiplas identidades coletivas, existe uma típica ao povo negro, ou seja, a negritude. Essa identidade não consiste em um produto acabado, mas sim em um processo, o qual não será estabelecido no vácuo. Em relação ao movimento negro

contemporâneo, sua identidade parte das características do grupo como, por exemplo, o passado histórico e as narrativas. A afirmação desta identidade não é fácil, devido aos obstáculos enfrentados pelos negros. A formação da “identidade dos excluídos supõe, na perspectiva dos movimentos negros contemporâneos, o resgate de sua cultura, do seu passado histórico negado e falsificado, da consciência de sua participação positiva na construção do Brasil” (MUNANGA, 1999, p.101). A concepção da identidade social está relacionada à memória, pois ela permite aos indivíduos estabelecerem um vínculo com as gerações passadas. Nesse sentido, a memória do grupo influencia na formação da identidade destes sujeitos e, suas representações sociais são adquiridas por meio das práticas sócias vivenciadas no grupo. Para Candau (2012) não existe identidade sem memória, assim como não há memória sem identidade.

## **CAPÍTULO 2- MEMÓRIA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.**

### **2.1 – MEMÓRIA**

As reflexões sobre a memória não são recentes. Surgiram de estudos na Antiguidade como os de Sócrates que utilizava a metáfora do bloco de cera para falar da memória. Para ele o bloco de cera tem qualidades específicas do indivíduo. Esses blocos atuam sobre os nossos pensamentos e, a partir deles, expressamos aquilo que queremos lembrar, que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito. O que foi apagado, ou não lembramos é esquecido. De acordo com Ricoeur (2007) “a metáfora da cera conjuga as duas problemáticas, a da memória e a do esquecimento” (p.28); Já Aristóteles caracteriza a memória por duas formas distintas, *mneme* e *anamnesis*, por um lado tem a capacidade de conservar o passado, onde a lembrança surge como um dom, enquanto que a recordação precisa ser buscada intensamente, por outro lado “a lembrança está sob o império do agente da impressão” (RICOEUR, 2007, p.37). Para Aristóteles as sensações e o afeto, a imaginação e o tempo são elementos fundamentais nas ponderações sobre a memória.

Ricoeur (2007) faz referência a Santo Agostinho como precursor dos estudos da memória através de uma descoberta cristã. Nos livros X e XI das Confissões, o mesmo faz alusão aos palácios da memória, compreendidos como o lugar onde ficam as recordações. Nesse sentido, as confissões de um pecado estão relacionadas à memória, ou seja, para se confessar é preciso lembrar-se do pecado. “Santo Agostinho é ao mesmo tempo sua expressão e seu iniciador. Pode-se dizer que ele inventou a interioridade sobre o fundo da experiência cristã da conversão” (p.108). Com John Locke temos o surgimento da consciência e das três noções que formam uma sequência: “*identity, consciousness, self*” (RICOEUR, 2007, p.113), ou seja, identidade-consciência-si. Essa sequência é importante uma vez que, para lembrar, é preciso ter consciência do que está acontecendo, nesse sentido consciência e memória não se distinguem. Para Santo Agostinho a memória é temporalizada e não faz parte da consciência de si, enquanto que para John Locke a consciência de si é fundamental, pois permite a relação entre passado e futuro.

No fim do século XIX, surgiram trabalhos sobre o tema em vários campos de reflexão devido às alterações ocorridas nas relações humanas sucedidas da urbanização. Podemos citar os trabalhos de reflexão filosófica de Henri Bergson e a psíquica de Sigmund Freud, fundador da psicanálise, que em suas pesquisas sobre histeria, afirmava que esta “provinha do recalque de traumas reais ou imaginado no inconsciente e que o objetivo da psicanálise era trazer as

recordações à tona para que o paciente pudesse chegar à descoberta das causas do seu problema” (GOODWIN, 2010, p.445). Para Freud a memória teria um caráter seletivo, ou seja, nos lembramos das coisas de forma parcial, a partir de estímulos externos. Escolhemos as lembranças e estas liberam nossas emoções. Podemos citar ainda o estudo experimental da memória de Hermann Ebbinghaus, o qual afirmou que a repetição era indispensável para uma boa memorização. Ebbinghaus criou a “aprendizagem serial”, por meio de um conjunto de sílabas sem sentido ou significado, o uso de materiais sem significado justifica-se pelo fato que estes não afetariam a aprendizagem.

Na qual o desempenho correto requer a reprodução precisa de um conjunto de estímulos na ordem exata em que são apresentados, presta-se bem ao exame de associações existentes numa série não “significativa de sílabas” (GOODWIN, 2010, p.137).

De acordo com Henri-Louis Bergson, filósofo da vida psicológica, o passado sobrevive sob a forma de mecanismos motores, que consistem na repetição contínua do que aprendemos, e de lembranças independentes, que buscam no passado representações coerentes para serem acrescentadas a uma situação atual. Assim a memória permitiria não apenas a relação do corpo atual com o passado, mas também interviria no processo das representações. Bergson caracteriza a memória em dois planos. O primeiro da imagem-lembrança refere-se a uma situação definida, possui data certa e individualizada, constitui um momento único. Nela buscamos imagens, cenas de nossa vida passada. O passado é armazenado de forma natural, e permite o reconhecimento intelectual de um momento individual da vida. De acordo com Bergson (1999), “a lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data”. (p.91) Já o segundo, a Memória-hábito incorpora-se às práticas do dia a dia, como comer corretamente, andar, escrever, dirigir, enfim, todas as práticas que fazem parte de nossa vida cultural e social, ou seja, é uma memória adquirida pela repetição contínua. Essas duas memórias são distintas como afirma Bergson (1999):

(...) uma fixada no organismo, não se é senão o conjunto de mecanismos inteligentemente montados que assegurem uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis. Ela faz com que nos adaptemos à situação presente, e que as ações sofridas por nós (...) antes hábito, do que memória, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem. A outra é a memória verdadeira. Coextensiva à consciência, ela retém e alinha uns após todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu lugar, (...) data (...) (p.176-177).

A memória que opera no sonho e na poesia é livre, espontânea, enquanto a memória transformada em hábito limita-se aos esquemas da mente. Para Bergson a memória consiste em uma progressão do passado ao presente, onde o passado se conserva no espírito e as lembranças estariam latentes no inconsciente. Negar a existência desse inconsciente é o mesmo que negar a existência do que não enxergamos. Bergson propõe um vínculo entre espírito e memória, no qual a memória surge do embate entre subjetividade do espírito e exterioridade da matéria. “E a lembrança (...) representa precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria” (BERGSON, 1999, p.05). A matéria leva ao esquecimento e se apresenta como obstáculo à emergência desta lembrança. Em seus estudos sobre a memória Bergson não faz uma relação entre os sujeitos e os eventos lembrados. Neste caso a memória não é pensada como um fenômeno social.

Podemos observar que o estudo da memória perpassa várias áreas, o que lhe confere um caráter transdisciplinar e polissêmico. “Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações: de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos” (GONDAR, 2005, p.12). Esses signos (imagens, escritas, oralidades) podem auxiliar na construção da memória, e a importância que os grupos conferem a estes signos pode trazer para a memória significações diversas. A transdisciplinariedade do conceito de memória social procede do fato desta não pertencer a nenhum campo específico, ou seja, apesar da possibilidade de trabalhar com a memória em diferentes áreas, a formulação de um conceito depende do entrelaçamento desse diferentes campos de saber. Conforme esboça Gondar (2005):

a memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existentes, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas (p.15).

O conceito de memória no tempo presente é construído mediante as relações sociais, como algo que os homens constroem a partir de seus valores. São formas de pensar o passado em função do futuro que se deseja. O homem, com suas crenças e valores passa a ser objeto de investigação. O estudo da memória é importante para a Psicologia Social, uma vez que o indivíduo se estabelece historicamente nas relações sociais e, nesse processo, a memória faz referência ao tempo vivido, cujo conjunto de experiências compõe um campo de sentidos que contribui para a formação de sua identidade. “A memória não deve ser considerada como uma

função psicológica semelhante a qualquer outra, ao contrário, ela é um lócus crucial onde questões de identidade pessoal e de ordem social são negociadas”. (MIDDLETON & BROWN, 2006, p.73).

O interesse pelo estudo da memória, no âmbito psicológico, cresceu a partir da afirmação da psicologia enquanto disciplina. De acordo com Sá (2005), nas últimas duas décadas do século XX acentua-se o interesse pelo estudo da memória em seus termos sociais, seja na sociologia, história e antropologia, “às quais mais tarde associaram-se a psicologia social” (p.63). Autores como Maurice Halbwachs, Frederick C. Bartlett e o psicólogo russo Lev Vygotsky enfatizam em seus estudos a dimensão processual da memória.

O sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederick C. Bartlett são os pioneiros no estudo da memória social. Halbwachs, discípulo de Durkheim, cujo estudo é caracterizado por uma perspectiva sociológica, propõe que a memória não pode ser estritamente individual, pois não estamos sós, e em alguns momentos é preciso recorrer a lembranças de outros para reforçamos as nossas, ou seja, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 2006, p.30). Isso não quer dizer que as pessoas se lembrem de modo igual. O indivíduo tem que estar conectado ao grupo, sentir-se pertencente para que sua “memória se aproveite das memórias dos outros” (HALBWACHS, 2006, p.39). De tal modo, as memórias não estariam presentes nos corpos e mentes, mas na sociedade, e as lembranças se estabelecem através do que é vivido coletivamente. Nesse sentido, Halbwachs discorda da ideia de Bergson de que as imagens estavam relacionadas ao espírito humano, ou a uma consciência interna pura, para ele essas imagens estariam associadas às representações coletivas estabelecidas pelos grupos sociais.

Halbwachs focaliza seus estudos nos “quadros sociais da memória”, ou seja, o relacionamento do indivíduo “com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão: enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1979, p.17). A memória depende da relação do sujeito com esses grupos sociais. Para Halbwachs a memória deve se entendida como um acontecimento coletivo e social, submetido a mudanças constantes. De acordo com Santos (1998), existem duas dimensões que podem ser destacadas dos trabalhos de Halbwachs: “a primeira diz respeito à relação entre memória individual e coletiva e a segunda entre passado e presente” (p.03). A memória tanto individual, quanto coletiva é limitada no tempo e no espaço, permeada por



uma rede de interações e relações sociais, sendo assim o indivíduo nunca parte do vazio para reconstruir suas memórias. As lembranças individuais de um sujeito são apoiadas e reforçadas por lembranças individuais de outros sujeitos, as quais se encaixam como um grande quebra-cabeça, constituindo assim uma “lembrança coletiva”, desde que, esses indivíduos estejam conectados, façam parte de um mesmo grupo ou sociedade. Halbwachs (2006) afirma que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (p.69).

Frederick C. Bartlett, autor do livro *Remembering: a study in experimental and social psychology* (1932), em suas pesquisas optou por analisar a memória como uma variável independente, e não apenas como uma variável estranha. “Em vez de examinar indivíduos que se deslocavam de um grupo a outro, analisou o que sucede com os conteúdos correntes de memória em grupo quando são transferidos para outro grupo” (SÁ, 2005, p.66). Suas ideias eram contrárias as de Ebbinghaus. Em seus experimentos sobre a memória Ebbinghaus considerava importante “eliminar as repostas pessoais e idiossincráticas que as pessoas poderiam ter em relação ao material que são solicitados a memorizar e recordar sob as condições controladas dos experimentos sobre a memória” (MIDDLETON & BROWN, 2006, p.75). Bartlett discorda desse pensamento de que a memória seria uma simples reprodução mecânica, e argumenta que para captar os aspectos principais da memória é indispensável uma abordagem diferenciada. Sua pesquisa era direcionada para o “estudo dos processos pelos quais as condutas individuais eram forjadas no contexto social” (SANTOS, 2003, p.57).

Bartlett apresenta a noção de convencionalização em seus estudos sobre a memória social, conceito cunhado por W. H. R. Rivers. De acordo com Bosi (1979) “convencionalização, para Rivers, é o processo pelo qual imagens e ideias, recebidas de fora por certo grupo indígena, acabam assumindo uma forma de expressão ajustada às técnicas e convenções verbais já estabelecidas há longo tempo nesse grupo”. (p.25). Ou seja, as transformações ocorridas nas recordações dos sujeitos sofrem influências das convenções sociais: crenças, usos, costumes, valores e estereótipos enraizados nos grupos que as adotam. No processo de convencionalização as lembranças do relato original se aproximam de um significado próximo aos do modelo de história presentes na cultura de cada indivíduo. “Voltado para um modelo antropológico, o psicólogo considerou o tratamento que cada imagem nova sofre na memória do indivíduo (...)” (BOSI, 1979, p.26).

E para tal, analisou três processos da convencionalização: assimilação social - o material é inserido no universo do grupo por classificação do que já pertence ao grupo -; simplificação e elaboração - os detalhes que não são essenciais para dar um sentido ao objeto são esquecidos ou simplificados pelo indivíduo e construção social - “forma simbólica que resultaria das interações do próprio grupo receptor, capaz, portanto de transformar a matéria recebida e incluir-lhe o sentido de uma prática social específica” - (BOSI, 1979, p.27). Nesse processo o grupo guarda o que possui um sentido, o qual pode sofrer alterações ou não. A partir desses novos elementos o grupo institui um “universo de significados” que confere ao material recebido uma forma histórica própria. Para Bartlett existe uma memória “no grupo” e não uma memória “do grupo”.

A partir de uma ideia dada por seu amigo, - Nobert Wiener, a de trabalhar com o método do “telefone sem fio”, mais tarde conhecido como “O Método da Reprodução Serial”, - Bartlett inicia uma série de estudos no qual “os sujeitos ouviam histórias exóticas e então eram solicitados a recordá-las em vários intervalos subsequentes”. (GARDNER, 2003, p.129). Bartlett constata que nas reproduções alguns detalhes da história original foram omitidos ou substituídos, por dados mais próximos da condição social dos sujeitos. Com a finalidade de interpretar os resultados de sua pesquisa, Bartlett utiliza o termo esquemas (às vezes chamado de schemata) introduzido na psicologia por Henry Head, “Bartlett afirmava que o sistema de memória típico usado pelos humanos envolve a formação de estruturas cognitivas abstratas ou esquemas”. (GARDNER, 2003, p.130).

Assim os sujeitos ao ouvirem uma história, ou ao se depararem com um fato novo, recorrem aos esquemas existentes em sua memória para compreenderem os acontecimentos. As divergências entre os mesmos podem produzir distorções e desvios na reprodução da história original, se esses forem inclusos e rígidos as chances de concepções erradas são maiores, tais como os estereótipos. Os eventos são lembrados em formas de esquemas sob os quais os indivíduos reconstróem seu passado enquadrando-se a eles, o que alteram suas representações. Ou seja, a memória faz um processo de seleção e exclusão, retém as informações significativas e exclui as que não são. Mas para que isso ocorra, “para que práticas coletivas exerçam influência sobre indivíduos é necessário que estes encontrem significados nessas práticas e as percebam” (SANTOS, 2003, p.58).

Com o objetivo de explicar a memória a partir do encontro de diferentes culturas, Bartlett realiza experiências em um grupo da tribo swazi (tribo africana) que visitava Londres.

Em suas observações Bartlett constata que a imagem guardada na memória dos swazi foi de um guarda de trânsito com a mão erguida. Esse gesto ficou fixado na mente dos swazi por se tratar de uma saudação entre amigos na África. Era um gesto familiar, fácil de ser lembrado posteriormente, pois já fazia parte do meio social do grupo e, portanto carregado de sentido e significados para estes. “Dá-se na memória o que se dá na percepção: uma organização, em torno de um elemento significativo, dos pormenores apresentados” (STOETTZEL, 1967, p.129). Os estudos de Bartlett propõe a distinção entre recordação e meio social, no qual o indivíduo constrói sua memória em função do meio social em que está inserido e das experiências individuais, as quais determinam as trocas de experiências entre os membros do grupo social. Mesmo em meio social estrangeiro os swazi reconhecem algo familiar a sua cultura. Isso é possível, pois os elementos culturais transitam de um grupo para outro e sofrem mudanças no percurso. “Eles são apropriados e sofrem mudanças no processo de incorporação por grupos que detém costumes, valores, hábitos distintos do grupo que produziu os primeiros significados”. (SANTOS, 2003, p.59). Para Bartlett, a memória é construída e reconstruída constantemente em uma reconstrução individual e imaginativa, uma vez que, ao contarmos uma história, esta é sempre alterada. Para ele, a exatidão da memória é sem importância, pois em um mundo de constante mutação até os fatos decorados são raramente recordados corretamente.

Bartlett usa a expressão esquema enquanto “cenários organizados”, no qual novas experiências são incorporadas. “Um “cenário organizado” é, portanto, um complexo abrangendo a cognição e o âmbito emocional que está localizado nas, e é dependente das particularidades culturais e materiais do ambiente local”. (MIDDLETON & BROWN, 2006, p.77). O ato de recordar é compreendido por Bartlett como uma capacidade do indivíduo de utilizar e reutilizar as imagens a partir de modelos anteriormente apreendidos. Os “cenários organizados” se modificam conforme o ambiente e as relações sociais que o compõe, de forma que não existem possibilidades de separar o que é mental do social. Bartlett trabalha a partir de uma abordagem psicológica, na qual tenta capturar a integração entre mentalidade individual e cultural. Os esquemas enquanto “cenários organizados” nos proporcionam uma liberdade de pensamento, na qual temos a capacidade de discordar dos nossos esquemas, ou seja, nos permitem ser conscientes e dialogar, repensando os símbolos culturais presentes em determinados “cenários organizados”. O diálogo é imprescindível no ato de lembrar, pois a recordação acontece quando as pessoas conversam entre si. Quando lembramos “somos então

capazes de reconstruir e transformar nossos modos de condutas cotidianas” (MIDDLETON & BROWN 2006, p.77).

As contribuições de Halbwachs e Bartlett acerca dos processos pelos quais os indivíduos constroem suas memórias coletivas são de grande relevância para a psicologia social, “enquanto Halbwachs enfatizou o fato de que os indivíduos recordam a partir de quadros sociais, Bartlett destacou que os indivíduos estão sempre atribuindo significado às suas memórias à medida que as estão construindo”. (SANTOS, 2003, p.71). Ambos comungavam da ideia de que os indivíduos não podem ser vistos como seres humanos isolados, mas como seres que interagem uns com os outros a partir das redes sociais existentes. “A partir dessas novas contribuições teóricas, os estudos sobre memória passaram a ser majoritariamente constituídos por uma crescente interdisciplinaridade e pela associação entre memória e representação” (SANTOS, 2003, p.77). A memória passa a ser captada não apenas nos escritos, mas também nos gestos, imagens, ritos, comemorações e outros.

Em seus estudos comparativos da memória humana, Vygotsky (1998) destaca que existem dois tipos de memória: a natural, “caracterizada pela impressão não mediada de materiais e retenção das experiências reais como a base dos traços mnemônicos (de memória)” (p.52), é uma memória biológica; e a mediada, onde o indivíduo utiliza os signos como elementos mediadores, os quais auxiliaram na lembrança do que foi esquecido. Segundo Vygotsky (1998) as “operações com signos são produtos das condições específicas do desenvolvimento social” (p.52).

O autor supracitado alega que a relação entre mundo e sujeito é mediada por ferramentas e signos, ou seja, estímulos artificiais que auxiliam a memória. Os seres humanos mudam seu ambiente constantemente de modo a criar novos estímulos. De acordo com Vygotsky (1998) “a estrutura de operação com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Este elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (signo), colocado no interior da operação” (p.53), criando uma nova relação entre estímulo e resposta. A relação simples entre estímulo e resposta é substituída pela conexão triangular entre estímulo – resposta – instrumentos de mediação. Os signos permitem que os seres humanos controlem seu comportamento e “conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura” (VYGOTSKY, 1998, p.54).

A memória faz parte do nosso cotidiano. Estamos constantemente recorrendo a ela para nos recordarmos dos acontecimentos, de datas, rosto de pessoas, da nossa infância e etc. De acordo com Le Goff (2003) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada” (p.419). É um fenômeno individual e psicológico associado à vida social e é através do estudo da memória social que os problemas da história são abordados. A história busca mostrar as formas do passado, enquanto que a memória as aperfeiçoa, “onde a história se esforça em colocar o passado a distância, a memória busca fundir-se nele” (CANDAU, 2012, p.132).

Memória e história se opõem. Enquanto a memória evolui constantemente, a história estabelece uma representação do passado. Segundo Nora (1993) “a memória emerge de um grupo que ela une (...) ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal” (p.09). É importante identificar as características que distinguem a memória da história. As relações entre história e memória são formuladas na interpretação do presente em função do passado, a memória permite compreender o “presente passado”. Nesse sentido, entender a memória não é entender tudo ou parte do passado, mas a presença incerta desse passado e, mais precisamente ainda, sua presença não como ocorreu, mas a impressão que essas coisas que passam deixaram ao passar.

Halbwachs (2006) ao pesquisar a memória coletiva e a memória histórica, faz uma distinção entre memória autobiográfica e memória histórica. As lembranças agrupam-se em duas espécies de memórias das quais o indivíduo participa adotando atitudes diferentes diante de cada uma. Na memória autobiográfica habitam as lembranças ligadas à personalidade, à vida pessoal. A histórica está relacionada ao convívio do grupo, no qual o indivíduo contribui para elaboração das lembranças que interessam ao grupo. É uma memória partilhada por todos os indivíduos da sociedade. Conforme explica o autor:

[...] uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. (...) A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHS, 2006, p. 73).

A memória provém de uma interpretação contínua do passado, ou seja, ela dá sentido ao passado. A memória se apoia na história vivida e não na história aprendida. A história vivida é diferente da história escrita, pois ela pode ser compreendida como um cenário vivo e espontâneo, no qual o pensamento pode sustentar-se. Nesse sentido, a história não pode ser pensada como “uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto” (HALBWACHS, 2006, p. 78).

Como se pode observar, memória e história são coisas distintas e a expressão “memória histórica” é contraditória, pois segundo Halbwachs (2006) “a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito” (p.98). A história começa a ser escrita quando a memória se acaba, “nesse sentido, somente a “história vivida” poderia ensejar uma memória, e esta não ultrapassaria os limites e a duração do grupo que a tivesse construído” (SÁ, 2012, p.97). Nesta concepção não é possível relacionar a memória com a história documental, apenas os estudos da história oral são amparados por ela. Segundo Candau (2012) a escrita significaria a solução para não se perder a memória. Ela possibilitou “a socialização da memória e a possibilidade de estocagem de informações cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira bem mais eficaz que a transmissão oral” (p.108).

Partindo do ponto de vista psicossocial, a “memória histórica” pode ser entendida como uma “memória da história”, a qual segundo Sá (2012) engloba:

memórias orais e memórias documentais, para cuja construção contribuem: tanto memórias coletivas quanto memórias comuns e memórias pessoais; (2) tanto a história vivida quanto os testemunhos ouvidos; (3) tanto documentos históricos *stricto sensu* quanto produções didáticas, midiáticas e artísticas posteriores.(p.97).

Para Halbwachs (2006) a memória não pode ser absolutamente individual, pois ela precisa da referência de outros, sendo assim, o que existe são memórias coletivas. Jedlowski (2000) define a memória coletiva como “um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, elabora, guarda e transmite através da interação de seus membros”. (125). O que caracteriza uma memória coletiva são os fatos elaborados em conjunto pelo grupo, frutos de uma influência mútua, relacionada aos interesses e a identidade dos membros de um grupo. Segundo Nora (1993) “a psicologização integral da memória

contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado” (p.18). Cada indivíduo tem que encontrar o seu pertencimento, a sua identidade, que o engaje inteiramente no grupo.

Sobre as relações intragrupais, Vala (1997) apresenta em sua pesquisa dois tipos particulares de representações sociais, as quais facilitam a compreensão das relações entre grupos. São elas, “as representações sociais polemicas, que ancoram no conflito implícito ou explícito entre grupos sociais, e as representações sociais emancipadas, que ancoram nas relações de cooperação entre grupos sociais” (p.07). Existem também as representações sociais hegemônicas. Essas são “partilhadas por todos os membros de um grupo altamente estruturado (uma nação, um partido, etc.) e prevalecem implicitamente em todas as práticas simbólicas, parecendo ser uniformes e coercivas” (CABECINHAS, LIMA & CHAVES, 2006, p.69).

As representações que os grupos fazem de sua história influenciam na definição de sua identidade, pois a memória pode ser compreendida como “um produto social construído nos processos comunicativos, que reflete as pertenças e as identidades sociais dos indivíduos assim como as suas trajetórias pessoais” (CABECINHAS, 2006, p.188), todas elas marcadas socialmente. A história do grupo atua nas relações intergrupais e, dependendo do momento histórico pode predominar a harmonia ou a transformação dos indivíduos. Nesse sentido, “as representações sociais constituem um conceito fundamental para entender o modo como a história é recordada ou esquecida pelos indivíduos em função das suas identidades sociais” (CABECINHAS, 2006, p. 187).

## **2.2 - IDENTIDADE**

Segundo Vala (1997), a identidade social constitui-se a partir de duas interrogativas, quem sou eu? E o que significa pertencer este grupo? A resposta para a primeira questão procede da relação do eu com as categorias sociais, “uma vez que a percepção da realidade social se faz através da organização dos seres humanos em grupos ou categorias” (p.10). A segunda resposta refere-se às normas e crenças do grupo, as quais auxiliam na formação de conceitos sobre os membros do endogrupo e do exogrupo. Ou seja, “envolve atividades de comunicação através das quais são aprendidas ou criadas normas, símbolos, crenças e valores que tornam distintos os grupos que os indivíduos associaram à sua autoimagem daqueles que eles dissociaram” (p.10). Assim, o grupo de pertença constitui um ponto de referência fundamental no processo de construção da identidade social. Neste aspecto, a identidade

social pode ser imaginada como uma forma de resistência das minorias sociais diante às pressões de um grupo dominante.

Michael Pollak assinala a relação entre memória e identidade, destacando que é a partir da memória que o sujeito estabelece sua identidade, tanto individual como coletiva, e é também um fator importante na construção do eu em função do outro. De acordo com Pollak (1992) a “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros” (p.204). Sendo a memória construída socialmente e individualmente, ao relacioná-la com a identidade podemos dizer que uma é indispensável à outra. A identidade só se constrói a partir de referências exteriores, ou melhor, do outro, e a memória só se forma a partir de alguma identificação. Assim, os significados e as identidades são produzidos pelos grupos a partir das relações que estabelecem entre si.

Pollak (1992) define a identidade como uma “imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria (...)” (p. 204). A identidade possui três características, que são: os limites de pertencimento a um grupo, a continuidade temporal e o sentimento de coerência, ou seja, os elementos que compõem um indivíduo ou um grupo estão de fato unificados e a quebra desse sentimento de unidade e continuidade pode acarretar fenômenos patológicos no plano individual e na desagregação no campo coletivo. Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos sociais e políticos diversos.

A memória e a identidade são fatores que, em conjunto, objetivam gerar unidade, organização, sentido histórico. Para isso, atuam no sentido de regular o comportamento social dos indivíduos com o objetivo de evitar o desligamento, a unidade do grupo e manter a harmonia em torno de referenciais comuns. Estudar as sociedades contemporâneas à luz desses conceitos é importante na medida em que nos auxilia a compreender como os agentes históricos se constituem e como constituem relações entre si em qualquer sociedade. Estudar as identidades compartilhadas pelos indivíduos é vasculhar o universo de significados que norteiam sua experiência enquanto grupo social, instituição, comunidade, etnia, enfim, enquanto agentes da memória. Segundo Pollak (1992)

quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a



necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual.(p.207).

O grupo estabelece sua memória coletiva, a qual influencia na constituição das memórias individuais dos sujeitos e na formação de sua identidade. Com isso, a memória reforça a identidade, seja no nível individual ou coletivo. Assim como fortalece ela também pode ameaçar ou arruinar o sentimento de identidade, como pode ser observadas nos estudos sobre as memórias traumáticas, de abusos sexuais, tragédias e memória do Holocausto, entre outras. “O jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos” (CANDAU, 2012, p.18). Restituir uma memória é o mesmo que restituir a identidade de uma pessoa, a perda da memória é a perda da identidade. “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (CANDAU, 2012, p.60). De acordo com Sá (2005) as sociedades contemporâneas tem demonstrado um interesse crescente pelos problemas da memória, que pode ser observado na atenção dada aos aspectos dramáticos e afetivos das experiências fictícias acerca da perda da memória, tal como apresentado nos personagens de: “Matt Damon, em A identidade Bourne, e Jim Carrey, em Brilho eterno de uma mente sem lembranças” (p.69).

De acordo com Candau (2012) a memória possui uma dimensão individual separada em três níveis: 1) memória de baixo nível ou protomemória, composta pelo saber e pela experiência mais profundos e mais compartilhados pelos membros de uma sociedade e que se aproxima da memória repetitiva ou hábito de Bérghson; 2) memória de alto nível ou memória de lembranças (ou de reconhecimento), que incorpora vivências, saberes, crenças, sentimentos e sensações, podendo contar com extensões artificiais ou suportes de memória; e 3) a metamemória, ou seja, tanto a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, quanto àquilo que fala sobre ela, em uma dinâmica de ligação entre o indivíduo e seu passado, como uma memória reivindicada.

A protomemória ou memória hábito não pode ser aplicada aos grupos. Ela se insere apenas no nível individual, uma vez que nenhuma sociedade come, dança, ou caminha de maneira própria. São os indivíduos dessa sociedade que possuem essas características. A memória apropriada aos grupos é a metamemória, a qual aparece subtendida na expressão memória coletiva. “Memória coletiva é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2012, p.24). Memória e

identidade só existem a partir da relação mútua mantida com o outro. É através da memória que o indivíduo encontra sentido para as coisas a sua volta, descobre o seu Eu.

As narrativas são importantes para a memória e a identidade. Os narradores tendem a reformular e reajustar os acontecimentos de sua vida que julgam significativos, “interpretação e reinterpretação constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa” (CANDAUI, 2012,p.71). É através de diversos cenários classificados, ordenados em sua memória que o indivíduo vai construir sua própria memória. O passado influencia diretamente sobre as representações da identidade, nas histórias de vida o narrador sempre recorre ao tempo vivido, se referindo a este como “tempo bom”, ou “minha época”. Nesse caso há um ajuste entre a representação do passado e a expectativa do futuro que deseja.

As representações da identidade são essenciais para o enraizamento do indivíduo no grupo de pertencimento. De acordo com Candau (2012),

é a partir de múltiplos mundos classificados, ordenados e nomeados em sua memória, de acordo com uma lógica do mesmo e do outro subjacente a toda categorização – reunir o semelhante, separar o diferente – que um indivíduo vai construir e impor sua própria memória (p.84).

A memória tem uma ação imediata sobre as representações da identidade e essas representações são adquiridas através das interações e experiências sociais que ocorrem no grupo de pertença. Ou seja, o processo de construção da identidade se desenrola na relação entre o sujeito e o social, mediado pelas representações sociais. As representações atribuem aos grupos uma identidade e assegura-lhes uma especificidade. O grupo tem o propósito de valorizar essas representações e atribuir-lhe uma imagem positiva. Nesse sentido, as representações sociais constituem a capacidade de dar uma nova forma às coisas por meio de uma atividade psíquica. As representações sociais “são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade e como o senso comum” (MOSCOVICI, 2009, p. 49).

De acordo com Breakwell (1993, p.03), a relação entre identidade social e representação social é, sem dúvida, dialética. A integração dessas duas teorias contribui para a criação de um modelo explicativo mais poderoso de ação e poderia marcar um passo para uma real mudança de paradigma na psicologia social. O autor supracitado versa sobre um modelo de identidade, o qual baseia-se no argumento de que a identidade, por um lado é um

produto da interação entre as capacidades de memória e consciência, ou seja, as interpretações que são características do organismo biológico e, por outro lado ela é um processo social. Nesse sentido, a identidade possui dois processos, o de assimilação-acomodação, no qual a memória absorve novos elementos, tais como valores, atitudes e os ajusta a estrutura existente para aloca-lós. O segundo processo é o da avaliação que consiste na atribuição de valor aos elementos de identidade (BREAKWELL, 1993, p.08).

### **2.3 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

As primeiras teorias sobre representações sociais surgiram com Serge Moscovici em sua obra seminal “La Psychanalyse, son image et son public”. Atualmente ela é a base para diversos trabalhos científicos e de análise no campo de estudos do pensamento social. Para o autor as representações sociais configuram-se como símbolos e linguagens utilizados para interpretar o mundo a nossa volta, que se constituem através das relações estabelecidas entre sujeitos, objetos e acontecimentos. Segundo Vala (2004), a representação social “exprime a relação de um sujeito com um objeto, relação que envolve uma atividade de construção e de simbolização”. (p.460). A representação social confere ao sujeito uma forma de comportamento. É através dela que este estabelece um sistema de significações que o permite se sentir seguro daquilo que lhe é estranho, fazendo com que este associe os fatos novos a conhecimentos que foram elaborados e transmitidos por seu grupo social, ou seja, transformar o não familiar em familiar. As representações nos são atribuídas e são resultados de sucessivas gerações.

A teoria das representações sociais é considerada atualmente uma das mais relevantes em Psicologia Social por proporcionar um padrão de análises e interpretações que permitem entender a interação entre o desenvolvimento individual e as condições sociais nas quais os sujeitos sociais evoluem. Ou seja, possibilita o entendimento das adaptações sociocognitivas dos indivíduos e as características do seu convívio social e ideológico. Nesse sentido, as representações sociais atuam como um “sistema de interação que regem nossa relação com o mundo e com o outro” (JODELET, 2001, p.22). A sociedade é composta por indivíduos que pensam, mas não pensam sozinhos. “Criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares, segundo regras variadas” (MOSCOVICI, 2001, p.63). Os aspectos midiáticos da comunicação social surgem como condição de determinação das representações sociais e do pensamento, e quando partilhados afirmam um vínculo social e uma identidade, ou seja, as representações sociais surgem através das mediações sociais e em

alguns casos são elas próprias mediações sociais. Existem duas “formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações” (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 2011, p. 69): objetivação e ancoragem, as quais atuam como meios de conhecimentos que exercem a função de familiarizar os sujeitos com o não familiar. De acordo com Sá (1996):

A duplicação de um sentido por uma figura, pela qual se dá materialidade a um objeto abstrato, é cumprida pelo processo de objetivação. A duplicação de uma figura por um sentido, pela qual se fornece um contexto inteligível ao objeto, é cumprida pelo processo de ancoragem (p.46).

Moscovici (2009) afirma que a “objetivação unia a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (p.71). A objetivação é uma maneira de materialização da representação, uma forma de adquirir uma expressão natural. A ancoragem atua como uma âncora nas ideias estranhas, reduzindo-as a categorias e imagens comuns, ou seja, nomeiam os objetos, e aquilo que não tem nome é considerado estranho e ameaçador. Conforme Moscovici (2009) “esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.” (p.61) A ancoragem e a objetivação tornam o estranho algo conhecido pelos sujeitos.

Para compreender o processo de objetivação é preciso analisar três elementos importantes: a construção seletiva, a esquematização e a naturalização. De acordo com Vala (2004), na construção seletiva as informações, crenças e ideias acerca do objeto da representação social passam por uma seleção, de modo que apenas uma parte da informação disponível passa a ser útil segundo as normas e valores subjacentes. Ou seja, é um processo de seleção. Neste caso, as representações sociais exprimem e servem de interesse a valores de um grupo (p.466). A esquematização é uma organização dos elementos num esquema ou nó figurativo denominado de esquematização estruturante. A relação entre os conceitos na esquematização revestem uma dimensão figurativa, na qual cada elemento de sentido corresponde a uma imagem, permitindo a materialização de um conceito ou palavra. Essa figuração dos esquemas permite compreender a naturalização, onde o abstrato se torna concreto quando expresso em imagens e metáforas e a percepção se torna realidade. A naturalização possibilita que os conceitos retidos no esquema figurativo adquiram materialidade e sejam naturalizados. Essa materialização pode se dar através da personificação (associar uma teoria sobre um objeto a um indivíduo); pela figuração (processo pelo qual imagens e metáforas substituem conceitos complexos) e ontologização (atribuir

coisas, qualidades ou forças às ideias ou palavras). “Analisar o processo de objetivação consiste em identificar os elementos que dão sentido a um objeto” (VALA, 2004, p. 467), assim como constatar como eles são selecionados até se tornarem naturalizados. A objetivação caracteriza todo o pensamento social, e não apenas a passagem das teorias científica para o senso comum.

A ancoragem classifica e dá nomes. O objetivo principal do sistema de classificação e nomeação “é facilitar interpretação de características, a compreensão de intenções subjacentes às ações das pessoas, na realidade formam opiniões” (MOSCOVICI, 2009, p.70). São processos pelos quais uma representação constituída organiza as relações sociais, ou seja, é a identificação de um elemento novo por um já presente no sistema cognitivo do sujeito. Tais elementos atuam como “âncoras” que permitirão construir a representação. De acordo com o autor supracitado:

a ancoragem e a objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (p.78).

Com base nesses dois processos, podemos observar que é da natureza do ser humano formular explicações para os fenômenos que ocorrem a sua volta, principalmente aqueles que são novidades. Sobre esse tema, Jodelet (2001) salienta que as representações sociais surgem devido à necessidade do homem de se informar sobre o mundo que o rodeia e de como interagir com este. Segundo a autora o homem não age somente automaticamente aos estímulos de seu ambiente, ela diz que:

Frente ao mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos apenas automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelos conflitos, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. (2001, p. 17).

Portanto, para Jodelet (2001) a relação com o outro constitui um fator indispensável para a elaboração e trocas de saberes entre o indivíduo e o grupo, pois “as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativos e em ação na vida social” (p.21). O estudo das representações sociais deve ser feito considerando os elementos afetivos, cognitivos, mentais e sociais, que se concretizam pela linguagem e comunicação. A autora aponta que a

representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.22). Assim, podemos dizer que as representações sociais não se constituem no nada, elas fazem parte do nosso sistema sócio-cognitivo.

Para Abric (1994) a representação social guia as ações e as relações sociais, funcionando como um sistema de interpretação da realidade que conduz as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, determinando práticas e condutas. O autor descreve quatro funções atribuídas às representações sociais: 1ª) Função de saber – As representações sociais nos permitem apreender e explicar a realidade. Este saber fornece aos sujeitos elementos cognitivos para lidar com as situações cotidianas; 2ª) Função identitária – O compartilhamento das representações por um grupo cria um laço que faz com que os sujeitos identifiquem os outros integrantes do grupo como seus “iguais” e isto define uma identidade. Esta identidade situa as pessoas dentro do campo social; 3ª) Função de orientação – Nossos comportamentos e práticas são guiados por esta função. Ela serve como um guia para as ações, refletindo sobre as normas sociais e definindo o que é aceitável, tolerável e inaceitável em um determinado contexto social; 4ª) Função justificadora – Esta função ocorre após a realização de uma ação, permitindo justificar as posições tomadas e os comportamentos, além de preservar a diferenciação social podendo estereotipar as relações entre os grupos, colaborando para a discriminação ou para a conservação da distância social entre eles.

As representações sociais não existiriam em um mundo de indivíduos isolados. Elas funcionam como uma passarela entre o saber científico e o senso comum, tendo como objetivo tornar o incomum em comum, e o desconhecido em conhecido. “As representações sociais, enquanto fenômenos psicossociais estão necessariamente radicados no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade” (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 54). Em nossa sociedade atual existe uma busca por grupos de pertencimento, por uma identidade, ou seja, um reconhecimento do mundo em que vivemos. Neste sentido, as representações sociais contribuem para o entendimento das relações sociais, em que o objetivo do indivíduo é conferir uma imagem positiva de si mesmo. Por mediação da representação, “torna-se possível penetrar no cotidiano dos indivíduos, considerando seus valores e identidades culturais, buscando suas verdadeiras raízes e origens, proporcionando o descobrimento de aspectos antigos e novos de sua identidade”. (ALEXANDRE, 2004, p. 130). Assim, podemos dizer que o pensamento social está mais associado à memória do que à razão.

Para Abric (1994) a estrutura de uma representação social possui uma modalidade específica, hierarquizada e se organiza ao redor de um núcleo central, constituído por um ou mais elementos que lhe dão significados. A abordagem estrutural foi elaborada inicialmente por Jean-Claude Abric em 1976, na tese de seu doutoramento intitulada: *Jeux, conflits et représentations sociales*. Segundo Abric (1994), o núcleo central “é determinado em parte pela natureza do objeto representado e pela relação que o sujeito e o grupo mantêm com o objeto, e pelo sistema de normas sociais que constitui o entorno ideológico do grupo” (p.22). O núcleo central é diretamente determinado pelas condições históricas, sociológicas e ideológicas e, ainda, fortemente marcado pela memória coletiva e pelo sistema de normas ao qual se refere. Ele estabelece a base comum, coletivamente compartilhada, da representação, logo sua identificação é imprescindível para que se possa verificar a unidade do grupo.

O núcleo central é determinado tanto pela natureza do objeto como o tipo de relação que o grupo mantêm com o mesmo, podendo assim assumir duas diferentes dimensões: a primeira é funcional, cujo objetivo é operatório; a segunda é normativa, que pode ser notada em circunstâncias onde se observam intervenções sócio-afetivas ou ideológicas. Relevante também são as normas sociais e o sistema de valores vigentes na sociedade que utiliza esta representação. Outro ponto importante em relação à centralidade de uma representação é que ela não é atribuída apenas por critérios quantitativos, os aspectos qualitativos também são relevantes. O que define a centralidade de um elemento em uma representação não é a quantidade, mas se ele dá ou não significado a esta representação.

De acordo com Abric (1994) as representações sociais não se manifestam como reflexos da realidade, elas representam uma organização constituídas de significados que dependem de fatores circunstanciais e fatores gerais (p.13). A perseverança ou a inalterabilidade desses fatores podem modificar a composição do núcleo central, resultando no surgimento de uma representação diferente do objeto. As dimensões funcionais e normativas aparecem tanto no núcleo central, quanto no sistema periférico. “Entretanto, por sua organização e sua composição mais flexível, o sistema periférico torna a representação mais reigente”. (CAMPOS, 2005, p. 25). Os elementos periféricos formam uma espécie de arco do núcleo central, se relacionando diretamente com ele. Sua presença, avaliações, valor e função são produzidos pelo núcleo, compondo a essência da representação tornando-as mais acessíveis, vivas e concretas. Abrangem informações selecionadas e interpretadas, os julgamentos formulados a respeito do objeto e seu ambiente, estereótipos e crenças. Estes elementos estão hierarquizados, o que significa que eles podem aparecer mais ou menos perto

dos elementos centrais. O sistema periférico possui as funções de concretização, regulação e defesa. A função de concretização constitui a interface entre o núcleo central e os aspectos concretos da vida do sujeito, permitindo que a representação se torne mais compreensível e transmissível. A função de regulação permite aos elementos periféricos uma maior adaptação e flexibilidade às mudanças do contexto, captando novos elementos do meio para a periferia da representação, a função de defesa está profundamente ligada com a anterior. Por ter como características centrais a mobilidade e a flexibilidade, o sistema periférico evita que as novas informações e as variações individuais contradigam e transformem o núcleo central.

A Teoria das Representações Sociais tem como objeto de estudo pensamento do senso comum, tantas vezes preterido pela ciência. Esta teoria devolveu ao conhecimento produzido no cotidiano um status de legitimidade, deixando para trás a crença de que as massas produziam saberes confusos e desarticulados. O fato do pensamento concreto dos indivíduos não se encaixar em uma lógica científica não significa que seu estudo não tenha valor ou que seja impossível estudá-lo, mas que é necessário se criar uma nova lógica para se compreender esses fenômenos que escapam à ciência tradicional. Ignorar o senso comum por ser um conhecimento diferente do que a sociedade tem cultuado nos últimos dois ou três séculos é instaurar uma lacuna permanente na história do conhecimento e na realidade.

As representações sociais são um sistema de interpretação que rege nossa relação com o mundo e com os outros, permitindo que possamos nos posicionar no mundo, identificar e solucionar possíveis problemas. Partilhamos o mundo com os outros, que nos servem de apoio, ora compartilhando, ora se opondo às nossas ideias. E a partir deste “debate” podemos compreender e enfrentar o mundo que nos rodeia. A representação não possui o poder de definir o objeto completamente, uma vez que se trata de uma reconstrução do objeto, realizada pelos sujeitos. Elas são o resultado dos fenômenos de comunicação dentro de um grupo social e suas interações e acabam deixando vestígios da situação desse grupo, dos seus problemas, projetos, estratégias e também de suas relações com diferentes grupos.



## **Capítulo 3 – MÉTODO**

A primeira preocupação do pesquisador das representações sociais é escolher as ferramentas para captar seu objeto. “A pesquisa das representações sociais tem se caracterizado, desde o início, por uma utilização bastante criativa e diversificada de métodos e pelo desenvolvimento contínuo de novas técnicas, tanto no que se refere à coleta quanto ao tratamento dos dados”. (SÁ, 1996, p.99).

### **3.1 - Objetivo Geral:**

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como se tem desenvolvido a identidade social dessas mulheres, participantes dos APNs através de uma análise de suas memórias e de suas representações sobre o movimento negro.

#### **3.1.1 - Objetivos Específicos:**

- Pesquisar o processo de constituição da identidade social, com o intuito de pensar esse processo na elaboração de diversas práticas sociais coletivas;
- Aprofundar a análise historiográfica relativa ao feminismo negro, sobretudo no que se refere ao recorte do nosso projeto;
- Registrar a trajetória destas mulheres, enquanto participante da Pastoral do Negro em Seropédica;
- Discutir a questão da militância feminina no interior do movimento negro.

### **3.2 – Tipo de estudo**

O campo de pesquisa deste estudo são as mulheres participantes do Movimento negro em uma Cidade da Baixa Fluminense do Rio de Janeiro, Seropédica. Para lidar com as exigências de tal objeto de pesquisa, optou-se por adotar mais de um modo de aproximação com ele, uma vez que, em alguns estudos em representações sociais, as abordagens múltiplas permitem uma melhor aproximação do elemento para a identificação dos objetivos da pesquisa. Para compreendermos melhor o objeto estudado, adotaram-se dois estudos diferentes, os quais se complementam.

A pesquisa é composta por dois estudos distintos: no primeiro coletamos e comparamos os dados, por meio de um questionário com questões fechadas e de evocação livre em uma amostra de 200 mulheres, sendo cem mulheres participantes do movimento

negro e cem que não participam de nenhum Movimento Social; no segundo realizamos uma pesquisa aprofundada sobre as narrativas de vida de seis mulheres participantes dos Apns.

### 3.3 – Sujeitos

O primeiro estudo versa sobre as representações e identidades sociais da “mulher negra”, participaram desta etapa 100 (cem) mulheres Agentes de Pastoral Negros e 100 (cem) mulheres que não faziam parte de Movimentos Sociais. As 100 mulheres participantes dos Apns declaram-se de cor negra, as outras 100 não participantes do MN declaram-se pardas 37%; negras 21%; brancas 40 % e amarelas 02%. A faixa etária entre as mulheres do MN contemplou idades entre 18 e 73 anos, apresentando uma média de 47,06 anos e desvio padrão de 12,00 anos. No outro extremo as mulheres não participantes do MN apresentam idade entre 18 e 63 anos, com uma média de 33,48 anos e o desvio padrão de 11,66 anos. 54 % das mulheres que participam do MN possuem o ensino superior completo; 30 % o ensino médio completo; 9% ensino superior incompleto; 4% ensino fundamental completo e 3% ensino médio incompleto. Já entre as mulheres que não participam do MN 41% têm ensino superior incompleto; 28% ensino superior completo; 23% ensino médio completo; 4% ensino fundamental incompleto; 3% ensino médio incompleto e 1% ensino fundamental completo.

Quanto à condição socioeconômica, entre as mulheres do MN 36% declaram ter uma renda familiar entre R\$ 2.117,00 e R\$ 3.620,00; 29% entre R\$ 724,00 e R\$ 2.117,00; 24% entre 3.620,00 e 5.068,00; 7% declaram renda familiar de R\$ 724,00; 3% possuem uma renda familiar superior a R\$ 5.068,00 e 1% declarou-se não assalariada. No grupo de mulheres não participantes do MN 53% declaram renda familiar entre R\$ 724,00 e R\$ 2.117,00; 21% entre R\$ 2.117,00 e R\$ 3.620,00; 12 % possuem renda familiar entre R\$ 3.620,00 e R\$ 5.068,00; 10 % até R\$ 724,00 e 4% tinham uma renda familiar maior que R\$ 5.068,00. Portanto, em parâmetros gerais, o perfil dos participantes foi de mulheres entre 33 e 47 anos com nível superior completo e renda familiar entre R\$ 724,00 e R\$ 2.117,00, como pode ser observado nas figuras.

<b>Faixas salariais</b>	<b>Porcentagem (%) entre as mulheres participantes do MN</b>	<b>Porcentagem (%) entre as mulheres não participantes do MN</b>
Não assalariada	1	00
Até 1salário mínimo	7	10
Entre 1 e 3 salários	29	53

Entre 3 e 5 salários	36	21
Entre 5 e 7 salários	24	12
Mais de 7 salários	3	4

**Figura 1 - Renda mensal total da família, de acordo com o salário mínimo vigente (R\$ 724,00).**

<b>Escolaridade</b>	<b>Porcentagem (%) entre as mulheres participantes do MN</b>	<b>Porcentagem (%) entre as mulheres não participantes do MN</b>
Ensino Superior Completo	54	28
Ensino Superior Incompleto	9	41
Ensino Médio Completo	30	23
Ensino Médio Incompleto	3	3
Ensino Fundamental Completo	4	1
Ensino Fundamental Incompleto	00	4

**Figura 2 - Grau de escolaridade dos sujeitos da pesquisa.**

### **3.4 – Coleta e análise dos dados**

As respostas do questionário sobre as conquistas das mulheres negras e os tipos de discriminações, foram agrupadas em categorias e avaliadas pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Essa técnica possibilita o exame minucioso dos significados de um texto, isso possibilita a elaboração de novas interpretações a partir das conclusões do mesmo. Esse processo ocorreu da seguinte forma: primeiramente uma leitura flutuante do corpus com anotação de impressões gerais. Depois uma segunda leitura do corpus e a realização de uma pré-categorização, com a contagem parcial dos elementos identificados na primeira leitura, objetivando a confirmação ou não de categorias gerais. A partir da terceira leitura elaboramos as grades de categorias contendo um tema geral com palavras e frases relacionadas a este. Após essas etapas, realizamos o agrupamento das palavras em categorias e em seguida a contagem da frequência dos elementos nas categorias.

O tratamento dos dados da técnica de associação livre, com o termo indutor “Mulher Negra”, foi realizado através do software EVOC. O objetivo foi identificar as representações compartilhadas por estas mulheres sobre si mesmas e sobre o outro. A vantagem do método das associações livres é que através deste é possível reduzir as dificuldades que as expressões discursivas habituais impõem às pesquisas de representações sociais. O programa proporciona dados para o reconhecimento dos possíveis elementos centrais e periféricos que constituem a estrutura das representações sociais, de acordo com os critérios de frequência e de ordem de evocação. Os elementos primeiramente citados e evocados com maior frequência, possivelmente, integrantes do núcleo central.

O EVOC produz o que se chama de quadro das quatro casas, uma ferramenta que tem como objetivo um acesso rápido e prático aos elementos que estruturam uma representação social. Cada uma dessas casas tem uma diferente função: **Primeiro quadrante** - é formado por elementos que, provavelmente, constituem o núcleo central. É importante ressaltar que nem todas as palavras pertencentes a esse quadrante são, obrigatoriamente, parte do núcleo central. No entanto, o núcleo central, invariavelmente, integrará o quadrante. **Segundo quadrante** - possui a primeira periferia, o que significa dizer que os elementos periféricos mais difundidos estão presentes neste local. **Terceiro quadrante** - é a zona de contraste, que possui palavras que, embora importantes, não são largamente compartilhadas. Este quadrante torna-se importante ao demonstrar a existência de subgrupos com representações diferentes ou as potenciais mudanças no núcleo da representação. **Quarto quadrante** - Elencam os elementos menos citados do sistema periférico da representação. Em outras palavras, os termos aqui evocados estão mais distantes do núcleo central e mais sujeitos a variações individuais.

O segundo estudo baseia-se na história oral, por meio de gravações calcadas na história dos depoentes, que consistem no relato autobiográfico do narrador sobre sua trajetória de vida, com algumas intermediações do pesquisador. Participaram deste estudo 06 (seis) mulheres negras do grupo Apns, o primeiro contato com o grupo foi através da observação participante, para obtermos uma aproximação com estes e, compreender as características, costumes e as relações que mediam esse grupo. As entrevistas seguiram um roteiro de questões semi-estruturadas abertas e individuais, o que possibilita um acompanhamento, por parte do pesquisador, da construção reflexiva dos entrevistados e os argumentos utilizados nessas reflexões. A escolha da história oral se deve ao fato dela privilegiar o estudo dos

excluídos, dos marginalizados e das minorias. De acordo com Pollak (1989), “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas” (p.04).

As entrevistas foram transcritas e analisadas pelo software Alceste - *Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte* (Reinert, 2005). Utilizado para exames de dados textuais, “empregando uma análise de classificação hierárquica descendente, além de permitir uma análise lexicográfica do material textual, oferece contextos (classes lexicais)” (CAMARGO, 2005, p.512). Nas pesquisas na área da psicologia social, interessadas em estudar o campo do senso comum, essas classes podem atuar como indicadores das representações sociais.

Cada entrevista corresponde a um UCI, Unidade de Contexto Inicial, ou seja, as narrativas das entrevistadas, as quais totalizam 06 UCIs. Os UCIs devem constituir-se em um conjunto textual centrado em um tema, para assim obtermos uma melhor análise do programa. Em seguida o programa divide o material discursivo em classes, formadas por Unidades de Contexto Elementar (UCEs), que são “segmentos de texto, na maior parte das vezes, do tamanho de três linhas, dimensionadas pelo programa informático em função do tamanho do corpus e, em geral, respeitando a pontuação” (CAMARGO, 2005, p. 514).

O teste qui-quadrado fornece o fundamento para o agrupamento de UCEs em determinada classe, de acordo com seu vocabulário específico. “Esta etapa fornece os resultados mais importantes. Nela o programa apresenta o dendograma da classificação hierárquica descendente (CHD), que ilustra as relações entre as classes” (CAMARGO, 2005, p. 515). Ou seja, quanto maior o qui-quadrado, mais característica da Classe é a UCE apresentada.

## Capítulo 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES DO ESTUDO 1.

### 4.1 – Análise das evocações

A figura 3 apresenta uma esquematização da distribuição dos resultados gerados pela técnica da evocação livre. O cruzamento da frequência média das evocações com a ordem média em que foram evocadas gera quatro quadrantes, pelos quais os elementos evocados se distribuem. A técnica advoga que no quadrante superior esquerdo estariam abrigados os possíveis elementos centrais e no quadrante inferior direito estariam os elementos nitidamente periféricos dessa representação (NAIFF, FERREIRA & NAIFF, 2013). No segundo quadrante, encontramos a primeira periferia composta pelos elementos periféricos mais importantes da representação, possuidores de frequência elevada, mas que foram mais tardiamente evocados. O terceiro quadrante seria composto pelos elementos de contraste, que foram considerados importantes pelos sujeitos, apesar de sua baixa frequência total no conjunto da análise. (NAIFF, NAIFF & SOUZA, 2009). De acordo com Abric (1994) e Sá (1996), os elementos presentes no quadrante superior esquerdo do Quadro de quatro casas são cognições provavelmente centrais para a representação social estudada, sendo mais frequente entre as evocações.

<i>Frequência média</i>	1º quadrante Elementos do Núcleo Central prontamente evocados + alta frequência	2º quadrante Elementos da 1ª periferia tardiamente evocados + alta frequência
	3º quadrante Elementos de contraste prontamente evocados + baixa frequência	4º quadrante Elementos da 2ª periferia tardiamente evocados + baixa frequência

Figura 3 – Representação esquemática das distribuições das representações sociais no esquema das quatro casas.

A análise das evocações entre as mulheres que participam do Movimento negro (MN), presentes na figura 4, demonstra um provável núcleo central da representação social da mulher negra organizada em torno das seguintes cognições: “forte”, “luta” e “resistência”. Na primeira periferia encontramos a presença dos elementos “desigualdade” e “discriminada”. O terceiro quadrante apresenta os elementos “conquista”, “corajosa”, “guerreira”, “liderança” e “persistente”. Os elementos “beleza”, “explorada”, “injustiça” e “sofrimento” aparecem localizados no quadrante inferior direito, refletindo sua dimensão apenas periférica para os sujeitos.

	Rang Moyen < 3,0	Rang Moyen >= 3,0																																	
<b>Frequência &gt;= 17</b>	<b><u>Núcleo Central</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>forte</td> <td>27</td> <td>1,815</td> </tr> <tr> <td>luta</td> <td>44</td> <td>2,159</td> </tr> <tr> <td>resistência</td> <td>22</td> <td>2,091</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	forte	27	1,815	luta	44	2,159	resistência	22	2,091	<b><u>1º Periferia</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>desigualdade</td> <td>22</td> <td>3,727</td> </tr> <tr> <td>discriminada</td> <td>46</td> <td>3,500</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	desigualdade	22	3,727	discriminada	46	3,500												
Evocação	F	MOE																																	
forte	27	1,815																																	
luta	44	2,159																																	
resistência	22	2,091																																	
Evocação	F	MOE																																	
desigualdade	22	3,727																																	
discriminada	46	3,500																																	
<b>Frequência &lt; 17</b>	<b><u>Contraste</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>conquista</td> <td>10</td> <td>2,300</td> </tr> <tr> <td>corajosa</td> <td>11</td> <td>2,455</td> </tr> <tr> <td>guerreira</td> <td>18</td> <td>2,167</td> </tr> <tr> <td>liderança</td> <td>12</td> <td>2,000</td> </tr> <tr> <td>persistente</td> <td>09</td> <td>1,889</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	conquista	10	2,300	corajosa	11	2,455	guerreira	18	2,167	liderança	12	2,000	persistente	09	1,889	<b><u>2º periferia</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>beleza</td> <td>16</td> <td>3,125</td> </tr> <tr> <td>explorada</td> <td>12</td> <td>3,833</td> </tr> <tr> <td>injustiça</td> <td>15</td> <td>3,933</td> </tr> <tr> <td>sofrimento</td> <td>10</td> <td>4,300</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	beleza	16	3,125	explorada	12	3,833	injustiça	15	3,933	sofrimento	10	4,300
Evocação	F	MOE																																	
conquista	10	2,300																																	
corajosa	11	2,455																																	
guerreira	18	2,167																																	
liderança	12	2,000																																	
persistente	09	1,889																																	
Evocação	F	MOE																																	
beleza	16	3,125																																	
explorada	12	3,833																																	
injustiça	15	3,933																																	
sofrimento	10	4,300																																	

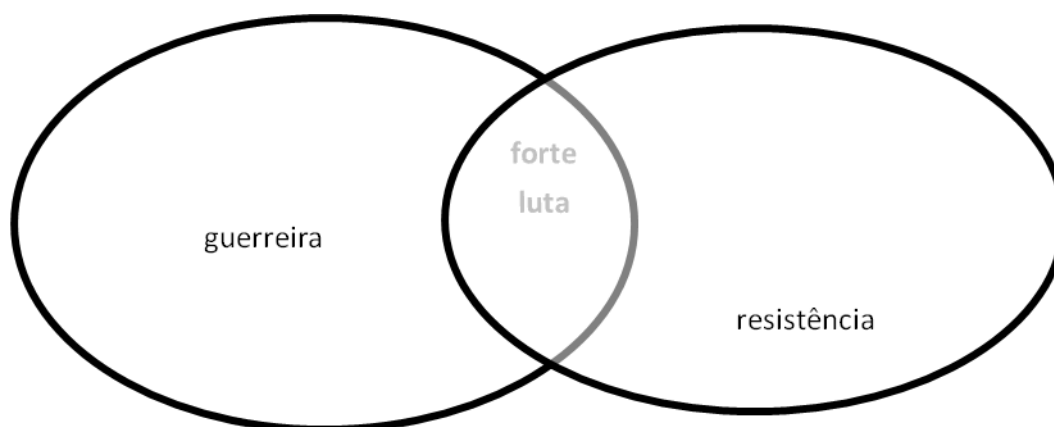
Figura 4 - Quadro de quatro casas sobre o termo indutor “Mulher Negra” em mulheres que participam do movimento negro (n=100).

	Rang Moyen < 3,0	Rang Moyen >= 3,0																											
<b>Frequência &gt;= 17</b>	<b><u>Núcleo Central</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>forte</td> <td>24</td> <td>2,333</td> </tr> <tr> <td>guerreira</td> <td>20</td> <td>2,150</td> </tr> <tr> <td>luta</td> <td>26</td> <td>2,192</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	forte	24	2,333	guerreira	20	2,150	luta	26	2,192	<b><u>1º Periferia</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>beleza</td> <td>34</td> <td>3,118</td> </tr> <tr> <td>discriminada</td> <td>22</td> <td>3,273</td> </tr> <tr> <td>preconceito</td> <td>37</td> <td>3,270</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	beleza	34	3,118	discriminada	22	3,273	preconceito	37	3,270			
Evocação	F	MOE																											
forte	24	2,333																											
guerreira	20	2,150																											
luta	26	2,192																											
Evocação	F	MOE																											
beleza	34	3,118																											
discriminada	22	3,273																											
preconceito	37	3,270																											
<b>Frequência &lt; 17</b>	<b><u>Contraste</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>batalhadora</td> <td>14</td> <td>2,429</td> </tr> <tr> <td>trabalhadora</td> <td>08</td> <td>2,500</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	batalhadora	14	2,429	trabalhadora	08	2,500	<b><u>2º periferia</u></b> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Evocação</th> <th>F</th> <th>MOE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>boa de samba</td> <td>12</td> <td>3,750</td> </tr> <tr> <td>conquista</td> <td>12</td> <td>3,000</td> </tr> <tr> <td>escrava</td> <td>12</td> <td>3,750</td> </tr> <tr> <td>racismo</td> <td>09</td> <td>3,444</td> </tr> <tr> <td>sofrimento</td> <td>14</td> <td>3,429</td> </tr> </tbody> </table>	Evocação	F	MOE	boa de samba	12	3,750	conquista	12	3,000	escrava	12	3,750	racismo	09	3,444	sofrimento	14	3,429
Evocação	F	MOE																											
batalhadora	14	2,429																											
trabalhadora	08	2,500																											
Evocação	F	MOE																											
boa de samba	12	3,750																											
conquista	12	3,000																											
escrava	12	3,750																											
racismo	09	3,444																											
sofrimento	14	3,429																											

**Figura 5 – Quadro de quatro casas sobre o termo indutor “Mulher Negra” em mulheres que não participam do movimento negro (n=100).**

As evocações entre as mulheres que não participam do movimento negro, presentes na figura 5, apresentam as cognições “forte”, “guerreira” e “luta” que compõem o provável núcleo central da representação. As cognições “beleza”, “discriminada” e “preconceito” aparecem na primeira periferia. O terceiro quadrante expõem os elementos “batalhadora” e “trabalhadora”. O quadrante mais distante do núcleo central contém as cognições “boa de samba”, “conquista”, “escrava”, “racismo” e “sofrimento”.

Os elementos “forte” e “luta” formam a interseção nas cognições da representação social dos dois grupos, conforme ilustra o diagrama da figura 6 e figuram como representantes do núcleo central das representações dos dois grupos.



**Figura 6: Interseção dos prováveis núcleos centrais das mulheres que não participam do MN e das mulheres que participam do MN.**

Segundo Abric (1994), a organização das representações sociais é estabelecida por um duplo sistema. O primeiro é o sistema central (o núcleo central), cuja determinação é essencialmente social, relacionado com as condições históricas, sociológicas e ideológicas. Diretamente associados aos valores e normas, define os princípios fundamentais ao redor dos quais se constituem as representações. E o segundo é o sistema periférico, cujas determinações são mais individualizadas e contextualizadas, mais associadas às características individuais e ao contexto imediato e contingente em que estão imersos os indivíduos. (p. 26). Ao observarmos as hipóteses do núcleo central das representações dos dois grupos, constatamos que elas se aproximam visto que elementos constituintes do primeiro quadrante de um grupo também estão presentes no outro grupo como as cognições: “forte” e “luta”. Essa



referência é importante, pois tanto as mulheres que participam do MN quanto as que não participam do MN reconhecem a luta das mulheres negras para superar a discriminação a que são submetidas, seja no trabalho, na mídia, na saúde, na educação e na sociedade como um todo. A cognição “forte” pode ser interpretada como um atributo físico ou ideológico. Persiste no pensamento social que o negro é forte fisicamente e a mulher negra também é considerada mais forte que a mulher branca. Esse estereótipo forte permanece em nossa sociedade desde a escravidão e, em alguns casos, é usado como justificativa para o preconceito, tal como o de achar que a mulher negra só serve para ser empregada doméstica. A cognição forte também pode ser explicada como uma característica de resistência das mulheres negras ao preconceito e a discriminação. Vivemos em uma sociedade regida pela lógica capitalista, o que faz com que a luta destas mulheres seja por direitos sociais básicos ao ser humano. Direitos garantidos pela Constituição, mas pelos quais as mulheres negras precisam lutar.

De acordo com o núcleo central percebe-se que a mulher negra é vista como forte e lutadora. Pode-se observar que no primeiro quadrante a palavra “luta” aparece 26 vezes no grupo de mulheres que não participam do movimento negro e 44 vezes no grupo de mulheres que participam do movimento negro. Já a cognição “forte” é evocada 27 vezes pelo grupo de mulheres que participam do movimento negro e, entre o grupo das que não participam foi 24 vezes evocada. Os elementos constituintes da primeira periferia corroboram com os elementos do núcleo central “forte” e “luta”, uma vez que são causa ou efeito do elemento central. Na primeira periferia do grupo de mulheres que participam do movimento negro aparecem as cognições “desigualdade” e “discriminada” e, no grupo das que não participam do movimento negro as cognições: “discriminada” e “preconceito”. Entende-se que a mulher negra apesar das constantes situações de discriminação se mantém firme e resistente, o que faz com que ela seja representada como uma mulher forte e que luta pelos seus direitos, tanto pelas mulheres que participam do movimento negro, quanto pelas mulheres que não participam do movimento negro.

Do lado esquerdo inferior do quadrante de quatro casas, encontramos os elementos de contraste, compostos pelas palavras “conquista”, “corajosa”, “guerreira”, “liderança” e “persistente”, no grupo de mulheres participantes do MN; já no grupo de mulheres não participantes do MN temos as cognições “batalhadora” e “trabalhadora”. Os elementos de contraste são compostos de elementos de baixa frequência, mas considerados importantes pelos participantes. As cognições de ambos os grupos não refletem opiniões diferentes e, não oferecem risco de mudanças no núcleo central. São apenas elementos complementares da

primeira periferia. As cognições apresentadas pelas mulheres do MN que enaltecem as mulheres negras são características que buscam valorizá-las, para assim, modificar o quadro de preconceito e discriminação aos quais estão expostas constantemente. Os estereótipos de mulher batalhadora e trabalhadora vigoram em nossa sociedade, desde a escravidão. Os negros de um modo geral foram escravizados para satisfazer as necessidades dos brancos europeus. E as mulheres negras serviam ainda aos prazeres sexuais de seus senhores. Esses estereótipos designam às mulheres negras os papéis subalternos, do trabalho braçal ou de empregada doméstica e acarretam nos altos índices de desemprego e nas diferenças salariais já citadas no primeiro capítulo. Para aquelas mulheres negras que não estão vinculadas ao trabalho braçal, resta o rótulo de símbolo sexual, instituída ao papel de mulata sensual e provocante.

Na segunda periferia surgem os elementos que tem a função de proteger o núcleo central das influências externas. Nos dois grupos as cognições “beleza” e “conquista” estão profundamente alinhadas com a busca por uma autodeterminação étnica e a valorização da cultura de matriz africana. Assim como as palavras: “explorada”, “injustiça”, “sofrimento”, “escrava” e “racismo” estão ligadas às reivindicações pelo reconhecimento do negro como sujeito histórico e pela desmistificação da democracia racial brasileira. Na segunda periferia do quadro das quatro casas das mulheres que não participam do movimento negro surgem duas cognições curiosas “escrava” e “boa de samba”, estereotípias comumente associadas às mulheres negras. Desde o período escravocrata perpassa no imaginário brasileiro que as mulheres negras têm um gingado, tem a bunda grande e são sensuais. Podemos observar que as mulheres que participam do movimento negro não partilham destas representações. É importante destacar que todas as 100 mulheres participantes do MN declararam-se negras e, elas não se veem representadas como escravas ou boas de samba, enumerando outras qualidades diferentes destas. Elas se veem como mulheres corajosas e de liderança. O movimento feminista negro tem lutado pela quebra destes estereótipos impostos às mulheres negras, pois os mesmos ocultam a discriminação e o preconceito mantido há séculos na sociedade brasileira. Para mudar essa situação é preciso reconhecer de fato como a mulher negra se vê. As mulheres negras propõem debates que trazem à tona um novo significado de sua imagem.

#### 4.2 - Análise das questões

As respostas das questões foram agrupadas por categorias, seguindo a metodologia da análise dos conteúdos, segundo Bardin (2011). Para melhor leitura dos resultados foram montadas tabelas e alguns gráficos. As perguntas exploraram as seguintes questões: se lembra de fatos marcantes na luta pelos direitos das mulheres negras e quais; se existe preconceito atualmente em relação à mulher negra e quais os tipos. Todas as mulheres participantes do MN disseram existir preconceito em relação à mulher negra na atualidade e 84% das mulheres não participantes do MN também deram uma resposta afirmativa. Na figura 7 podemos observar os tipos de preconceito elencado pelos dois grupos.

<b>Tipo de preconceito</b>	<b>Número de veze citado entre as mulheres participantes do MN</b>	<b>Tipo de preconceito</b>	<b>Número de veze citado entre as mulheres não participantes do MN</b>
Saúde	22		
Trabalho	54	Trabalho	41
Salário	22	salário	09
Mídia	32	mídia	10
social	12	social	13
Violência	05	cultural	03
Educação	15	educação	08
Estética	09	aparência	12
Racismo	03	racial	26
Sexual	02	sexual	02
Gênero	04	gênero	04
Religiosa	01	religiosa	03

**Figura 7 - tabela sobre os tipos de preconceito elencados pelos dois grupos.**

Comparado às respostas dos dois grupos podemos observar que ambos relacionaram tipos de preconceitos parecidos, com apenas uma exceção, às mulheres não participantes do MN não citaram preconceito relacionado à saúde da mulher negra. As mulheres participantes

do MN afirmam que as mulheres negras recebem um tratamento diferente nos hospitais, seja pela condição econômica ou pela cor da pele. Oliveira (2002) sistematiza uma série de doenças causadoras do alto índice de mortalidade precoce entre os negros no Brasil, tais como, diabetes tipo II; hipertensão arterial; miomas uterinos; anemia falciforme; deficiência de glicose; fosfato desidrogenase; mortalidade infantil; mortalidade materna; síndromes hipertensivas na gravidez; câncer cérvico-uterino e HIV/AIDS (p.91). A maioria destas doenças atinge as mulheres negras e o índice HIV entre esse grupo no país vem crescendo absurdamente. Podemos notar nas falas das entrevistadas alguns exemplos de preconceito relacionado à saúde da mulher negra.

“Sou enfermeira e em um plantão chegou uma menina de 15 anos negra em trabalho de parto, mas não tinha passagem para o parto normal, o médico deixou a menina sofrendo um tempão e, nesse período chegou uma menina branca na mesma situação e o médico logo fez a cirurgia. A menina negra sofreu até o próximo médico chegar e fazer a cirurgia”. (suj.25. participante do MN).

“São poucas as informações sobre a anemia falciforme e, algumas mulheres morrem sem serem diagnosticadas” (suj.80. participante do MN).

“Podemos observar que a maioria das mulheres com HIV no Brasil são negras” (suj.65. participante do MN).

“Falta fazer um trabalho de conscientização, muitas mulheres negras não tem acesso a informações sobre sua saúde e os cuidados que precisa ter”. (suj.32. participante do MN).

A saúde precisa ser avaliada levando em consideração a qualidade de vida dos grupos populacionais raciais ou étnicos, pois a sociedade brasileira ainda não tem a compreensão dos diferenciais raciais, da opressão de gênero e do racismo relacionado à saúde da população negra. Por isso a mulher negra, desde o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, tem solicitado a inclusão de medidas voltadas para a saúde da população negra e da mulher negra nas políticas governamentais.

O tipo de preconceito citado o maior número de vezes pelos dois grupos está relacionado ao trabalho. Ambos os grupos comungam da ideia de que as mulheres negras são discriminadas nas relações de trabalho, seja nas diferenças salariais ou no tipo de serviço prestado. As mulheres negras ainda são vítimas de uma dupla discriminação: o racismo e o sexismo. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômico Aplicado (IPEA) as mulheres negras “encontram-se concentradas nos piores postos de trabalho, recebendo os

menores rendimentos, sofrendo com as relações informais de trabalho e ocupando as posições de menor prestígio na hierarquia profissional” (IPEA, 2008, p.16). No mercado de trabalho, as mulheres negras são na maioria empregadas domésticas. “No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo”. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2013, p.67). Os dois grupos destacam que as mulheres negras recebem salários inferiores aos dos homens e aos das mulheres brancas e são comumente designadas ao trabalho doméstico. Quando buscam outro tipo de trabalho, como recepcionista ou vendedora, por exemplo, são discriminadas. Como pode ser notado abaixo:

“Nosso perfil nunca está adequado para o mercado de trabalho”. (Suj. 09 participante do MN).

“A mulher negra às vezes não é admitida em um trabalho devido à cor da pele”. (Suj.61 participante do MN).

“A principal discriminação é achar que a mulher negra só serve para o trabalho doméstico” (suj.29 participante do MN).

“Quando a mulher negra consegue um trabalho, geralmente é de cozinheira, gari ou auxiliar de serviços gerais, raramente em uma posição de destaque”. (suj. 04 participante do MN).

“Salário inferior ao do homem e ao da mulher branca”. (suj.90 não participantes do MN).

“As mulheres negras recebem salários inferiores aos das outras mulheres, mesmo exercendo a mesma função”. (Suj.12 não participantes do MN).

Os dados do último Censo (2010) corroboram com essas falas. Os rendimentos mensais dos brancos são de (R\$ 1.538); amarelos (1.574); pardos (R\$ 845); negros (R\$ 834) e indígenas (R\$ 735). Esses dados demonstram que a população negra possui um salário inferior ao dos brancos, se comparados ao salário da mulher negra constatamos que elas possuem um salário inferior ao dos homens negros, aos dos homens brancos e das mulheres brancas.

Os dois grupos também concordam que a mulher negra sofre discriminação na mídia como um todo, sejam nas telenovelas, propagandas, telejornais e música. Nas telenovelas, as mulheres negras são representadas com estereótipos de mulata gostosa, apontada por sua sensualidade e sexualidade. É comum assumirem papéis de domésticas, prostitutas, enfim subalternos. Raramente são retratadas em uma família “habitual”, com condições econômicas favoráveis como geralmente são as mulheres brancas. Este preconceito também pode ser evidenciado nas letras de algumas músicas, as quais retratam a mulher negra de forma pejorativa. Essas representações diminuem a autoestima da mulher negra. A exclusão “oculta” que existe na mídia brasileira atua no sentido de reforçar os padrões de uma cultura dominante em nossa sociedade, fruto de uma constante ideologia de branqueamento pautada em “um discurso construído no século XIX que é revivido no dia-a-dia de nossas telinhas através da exclusiva escolha de louras como apresentadoras ideais dos programas infantis e de modelos brancos para os papéis de galãs e mocinhas”. (ARAÚJO, 2008, p.981). Precisamos rever o papel desenvolvido pela mídia brasileira, uma vez que, em uma sociedade midiática e consumista como a brasileira, ela influencia na construção de identidades, logo não deve fazer uma representação negativa do (a) negro (a) e, ou de classe alguma. De acordo com as mulheres pesquisadas:

“São poucos os negros repórteres, nos comerciais e nas novelas quando aparecem é sempre pobre, empregado. Nunca bem sucedido”. (suj. 15 não participantes do MN).

“A mulher negra aparece nas novelas como prostituta ou doméstica e sofre todo tipo de violência”. (Suj. 18 não participantes do MN);

“Na mídia, novelas ou filmes, a mulher negra quando aparece é colocada em posição menos favorecida, ou seja, ela é inferiorizada”. (suj. 01 participante do MN).

“Na mídia a mulher negra é sempre retratada com doméstica e pobre”. (suj.17 participante do MN).

A representação das mulheres negras associada apenas aos serviços menos valorizados confirma sua exclusão das estruturas de poder político e social. A telenovela, ao não demonstrar a real composição racial do país, “pactua com um imaginário de servidão e de inferioridade do negro na sociedade brasileira, participando assim de um massacre contra aquilo que deveria ser visto como o nosso maior patrimônio cultural” (ARAÚJO, 2008, p.982).

As mulheres negras têm menos acesso à educação, elas são minorias nas universidades e algumas nem chegam a concluir o ensino médio. Um período que demonstra bem a discriminação presente na vida das pessoas é o momento de socialização escolar. Segundo Oliveira (2002), as escolas e a família constituem “os espaços privilegiados de reprodução e, portanto também de destruição de estereótipos, de segregação e de visualização dos efeitos perversos que esses fenômenos têm sobre os indivíduos” (p.12). Os números educacionais propagam as desigualdades a que as mulheres negras estão submetidas. Uma das falas das pesquisadas chama a atenção para isso. Ela diz: “ainda não somos conhecidas pela nossa capacidade intelectual, mas apenas pela nossa força braçal” (suj.03 participante do MN). A força braçal é um estereótipo propagado nos livros didáticos, incentivando o pensamento de que o negro e a mulher negra tem força e, sendo geralmente demonstrados como escravos através de imagens em situação de fome e castigos corporais.

No Brasil beleza consiste em ter os cabelos loiros e lisos, ter a pele branca e, ser magra, fato que pode ser visto como uma elitização com viés racial do que é ser belo, condicionado por um padrão que valoriza a estética europeia. A exigência desses padrões de beleza pode ser percebida constantemente na mídia. A discriminação em relação à estética das mulheres negras prejudica desde sua vida escolar até sua inserção no mercado de trabalho e a formação de sua identidade. Um exemplo são os apelidos colocados na escola, que marcam a história de vida dos (as) negros (as). Uma das principais piadas preconceituosas está relacionada ao cabelo da mulher negra. De acordo com as mulheres pesquisadas, a aparência da mulher negra é alvo constante de piadas musicais e, usada como xingamentos e ofensas. Como podemos confirmar nas falas abaixo:

“Já fui agredida na rua chamada de cabelo duro, macumbeira e feiticeira, pelo jeito de me vestir” (Suj. 06 participante do MN).

“A mulher negra é muito discriminada por causa do cabelo, principalmente em músicas e piadas” (suj.40 participante do MN).

“Vivemos em uma sociedade que cria estereótipos diversos e quem não se encaixa em tais padrões é discriminado”. (suj. 02 participante do MN).

“A beleza negra não encanta os padrões europeus”. (suj. 30. não participante do MN).

“Em relação à aparência, devido à condição imposta pela sociedade, que “beleza” é ser branca do cabelo liso”. (suj.26 participante do MN).

O preconceito social que aparece algumas vezes nas citações dos dois grupos pesquisados, pode ser entendido como um tipo de preconceito que atinge as pessoas em diferentes níveis, tais como poder aquisitivo, posição social, escolaridade, local de moradia e outros. No livro “A Integração do Negro na Sociedade de Classe”, Florestan Fernandes (1978) relata o processo de integração do negro na sociedade e sua luta política. Em suas pesquisas o autor constata as dificuldades enfrentadas pelo negro na sociedade e as diversas formas de rejeições que sofrem. Para a elite dominante o negro não se enquadrava nos novos padrões econômicos e sociais. Ao negro restaram dois caminhos: “incorporar-se à escória do operariado urbano ou procurar no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuitas, meios para salvar as aparências e a dignidade de “homem livre”” (FERNANDES, 1978, p.28).

A mulher negra quando não é associada ao sensualismo, exotismo ou sexualidade, é considerada barraqueira, vulgar, favelada e outros. Esses estereótipos às desvalorizam e a impede do exercício pleno da cidadania, desqualificando sua identidade. As pessoas tendem a achar que uma mulher negra é empregada doméstica, ou que um homem negro pode ser assaltante, são ideias presentes em nosso imaginário social. Abaixo temos alguns exemplos de preconceito social relacionados pelas mulheres de ambos os grupos.

“Na sociedade como o fato de muitas vezes exigirem que uma mulher negra use o elevador de empregados mesmo não sendo empregada”. (suj. 48 participante do MN)

“A mulher negra é marginalizada socialmente” (suj.42 participante do MN).

“Algumas pessoas enxergam a mulher negra como “vulgar” e “barraqueira”” (suj. 54 participante do MN).

“A mulher negra é referenciada com apelativos sexuais, como sensual e gostosa”. (suj. 84 participante do MN).

“Nossa sociedade é machista, hipócrita e faz distinção entre raças” (suj.15 participante do MN).

Em relação às conquistas das mulheres negras notamos que a maioria das mulheres não participantes do MN as desconhece. Uma minoria tem informações de algumas conquistas. A porcentagem de mulheres não participantes do MN que não se lembram de nenhuma conquista é de 78% e, as 22 % que lembram citaram apenas 03 exemplos. As



mulheres participantes do MN citaram um total de 20 vitórias, as quais foram agrupadas em categorias resumindo-se em 09. 95% das mulheres do MN se lembram de pelo menos um triunfo da mulher negra na historiografia recente do Brasil.

<b>Conquista</b>	<b>Número de veze citada entre as mulheres participantes do MN</b>	<b>Conquista</b>	<b>Número de veze citada entre as mulheres não participantes do MN</b>
Aprovação da Lei Maria da Penha	43	Aprovação da Lei Maria da Penha	08
Eleição da Senadora Benedita da Silva	07	Eleição da Senadora Benedita da Silva	06
Políticas Públicas para mulheres negras	25	Políticas Públicas para mulheres negras	13
Secretaria da Mulher	18		
Aprovação dos Direito das Empregadas Domésticas	16		
Estatuto da Igualdade Racial	09		
Organizações de Mulheres Negras	05		
Eleição da Dilma	05		
Voto	04		

**Figura 8 - tabela sobre as conquistas relacionadas pelos dois grupos.**

O Estatuto da Igualdade Racial e a Secretaria da Mulher foram citados como exemplos de conquistas. No ano de 2003 foram criadas: a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Como já citado no primeiro capítulo, a SPM desenvolve ações voltadas para o estabelecimento de políticas públicas para as mulheres. O SEPPIR articula as políticas para a promoção da igualdade racial dos grupos étnicos discriminados, com ênfase na população negra. O Estatuto da Igualdade Racial é um documento criado em 2000, o qual estabelece

algumas normas para combater a discriminação racial nos âmbitos da saúde, educação, trabalho, mídia, cultura, esporte, religião e lazer. Aprovado em 20 de julho de 2010, esse documento levou dez anos para ser aprovado pelo Congresso Nacional.

De acordo com a Declaração de Durban, os Estados precisam firmar as políticas públicas para as mulheres e jovens negros, pois as discriminações os atingem veementemente colocando-os à margem da sociedade. As ações sobre saúde, violência, educação, trabalho e outros necessitam objetivar uma evolução na condição de vida da população negra, que visem melhorar o acesso a esses serviços, proporcionando assistência que abrigue e respeite a diversidade. As políticas públicas consistem em ações que tendem para a redistribuição dos benefícios a todos, ou seja, busca corrigir as injustiças sociais. As políticas públicas para as mulheres negras precisam englobar diversos setores, como os das “violências físicas e simbólicas, a pobreza, a baixa escolaridade, a desigualdade no mundo do trabalho, entre outros. Priorizando também enfrentar o racismo (...) e as múltiplas discriminações que nos atingem na sociedade e nos mecanismos institucionais” (WERNECK, 2010, p.13). As políticas públicas sem dúvida são uma conquista grandiosa para as mulheres negras e, a Conferência de Durban possibilitou a essas mulheres exigirem do governo medidas reparatórias relacionadas às questões raciais e de gênero.

As mulheres pesquisadas consideram a Lei Maria da Penha (11.340) como uma conquista das mulheres negras, uma vez que a maioria das mulheres vítimas de violência são negras. A Lei recebe esse nome em “homenagem à farmacêutica cearense Maria da Penha Maia Fernandes, que em 1983 recebeu um tiro do marido, enquanto dormia” (BRASIL, 2010, p.05) deixando-a paraplégica. A Lei prevê que todo caso de violência doméstica contra a mulher é crime independente da classe social, religiosa ou cor da pele, conforme o 2º artigo da Lei Maria da Penha.

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (BRASIL, 2010, p.12)

Em 1994, o Brasil elege a primeira mulher negra como senadora da república. A eleição de Benedita da Silva é motivo de orgulho para várias ativistas negras. Ambos os grupos pesquisados concordam que a vitória da senadora é uma conquista importante para as

mulheres negras do Brasil, primeiro pelo fato de ter uma mulher negra em um cargo tão importante para a política brasileira e, em segundo porque ela adotaria políticas que atendessem as especificidades da mulher negra. A Eleição da Presidenta Dilma Rousseff não é uma conquista apenas para as mulheres negras, mas para todas as mulheres do Brasil. Podemos considerar como a segunda maior conquista da mulher brasileira na política, tendo em vista que a primeira foi o direito ao voto. Do I Encontro Nacional para Mulheres Negras surgiram diretrizes para a criação das Organizações de Mulheres Negras, que representam espaços importantes para o combate ao racismo, sexismo, intolerância religiosa e todos os tipos de discriminação contra as mulheres negras.

Os dados das entrevistas demonstram um avanço, em alguns setores, contra a discriminação. Esses avanços corroboram com a leitura dos prováveis núcleos centrais dos grupos pesquisados, pois a força e a luta das mulheres negras que possibilitaram essas conquistas. A exigência de melhores condições, igualdades de direito e políticas reparatórias está propiciando mudanças no quadro socioeconômico da população negra, mas essas mudanças são mínimas se comparadas à disparidade social e racial existente no Brasil.

## **Capítulo 5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES DO ESTUDO 2**

### **5.1 - Descrições gerais dos Participantes**

Ana Maria, viúva com 59 anos, formada em Administração e tem sua própria empresa. Nasceu em Minas Gerais e mudou-se para Seropédica quando tinha um ano. Aparecida, casada com 60 anos, formada em Ciências Sociais e é professora do Município de Nova Iguaçu. Nasceu em Itaperuna interior do Rio de Janeiro. A família veio para Seropédica, pois o pai pensava ser melhor para os filhos estudarem. Conceição, casada 65 anos, formada em Técnico de Enfermagem e funcionária pública na área de saúde. Nasceu em Seropédica. Francisca, casada com 58 anos, possui curso superior em Letras (Inglês e Português) e é professora concursada. Tereza, casada com 68 anos, formada em Letras (Língua Portuguesa e Literatura). Nasceu em Seropédica. Márcia, solteira com 47 anos, tem formação em Letras (Língua Portuguesa e Literatura) e trabalha na Prefeitura de Seropédica e em um curso preparatório. Nasceu em Seropédica.

### **5.2 - Análise das histórias de vida através do ALCESTE**

Das 06 UCI (entrevistas) do grupo de mulheres negras, o software Alceste registrou 145 UCE, tendo sido analisado 74% do corpus. A intercessão das classes resultantes dos dois procedimentos de classificação hierárquica descendente resultou em 108 UCE classificadas, sendo 10 o número mínimo de UCE estabelecido para a formação de cada classe do dendograma. As formas reduzidas foram selecionadas a partir do valor do qui-quadrado, e chegou-se à formação de 05 classes estáveis. A lista de UCE característica de cada classe serve como base para nomeá-las, pois compõe as palavras integradas com a classe em seu contexto mais próximo. Cada classe foi submetida a uma análise qualitativa, a partir da qual foram nomeadas, de acordo o conteúdo que expressam.

Na figura 9 podemos observar a porcentagem de UCE (total 108) contidas em cada classe, as formas reduzidas de palavras relacionadas a cada uma das classes, sendo 10 para cada classe e os títulos destas. Podemos observar que a classe 1 está bem próxima a classe 4, ambas versam sobre a história de militância dessas mulheres. As classes 3 e 2 também associam-se falam sobre as infância e o trabalho na infância para ajudar a família. Já a classe 5 está ligada as classes 3 e 2 e, nela contém as histórias de vida relacionadas à educação.

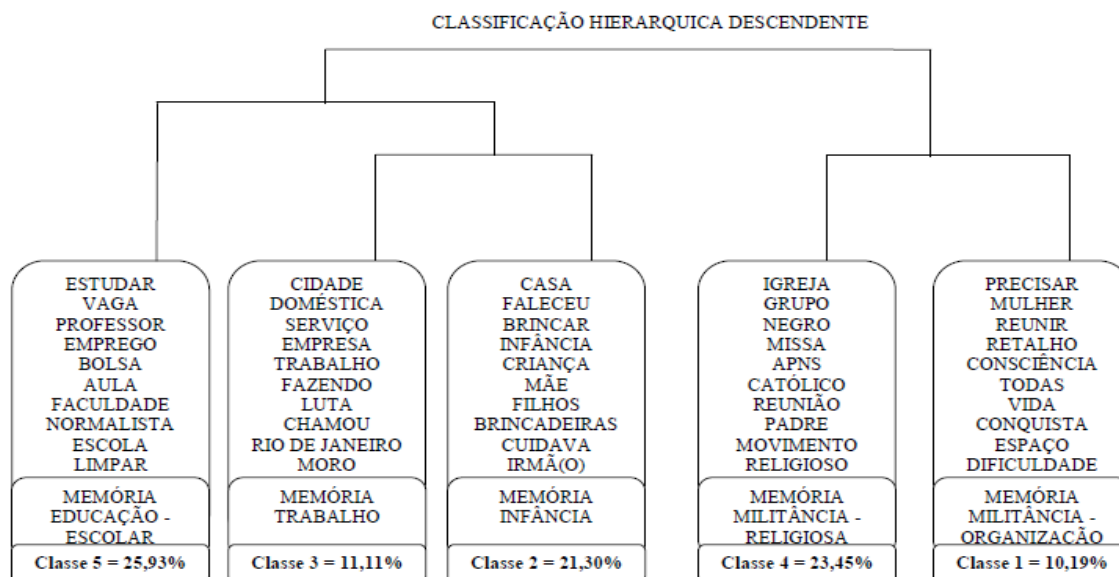


Figura 9 - Estrutura do *corpus* das entrevistas com o Grupo de Mulheres Negras ( $n = 06$ )

### 5.2.1 – Memória militância – organização

Esta classe revela as dificuldades que esse grupo de mulheres encontra para reunirem-se e, para realizarem suas atividades. Os maiores problemas são: o financeiro e o de espaço físico, de acordo com as entrevistadas o grupo hoje se distanciou um pouco da Igreja Católica, a qual outrora servia de espaço para o grupo. Apesar de ser um grupo grande, o número de pessoas engajadas na busca de financiamentos para o grupo é pequeno. A maioria dessas mulheres oferecem oficinas e palestras com verba própria, ou proveniente da pouca ajuda que o grupo recebe. Conforme retratado nas falas das entrevistadas:

u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4\*K\_1

u.c.e. : 86 Classe : 1 Khi2 : 32

hoje o grupo tem muita dificuldade em se reunir, pois não temos um espaço físico, um dia nos reunimos aqui outro ali. existe muita discriminação ao grupo, acham que não precisamos lutar que exigimos muito, e difícil conseguir apoio.

u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4\*K\_1

u.c.e. : 87 Classe : 1 Khi2 : 8

quando nos reunimos para fazermos um evento enche de pessoas, mas quando precisamos registrar uma queixa de racismo, por exemplo, ninguém quer testemunhar. não concordam com as pessoas quem veem algo errado acontecendo e cruzam os braços, independente de ser com negro ou não, eu sou contra a injustiça.

(Márcia, 47 anos)

u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6\*K\_3

u.c.e. : 133 Classe : 1 Khi2 : 19

as dificuldades são as de conseguir recursos, não são todas as mulheres que querem sair pedindo ajuda para o movimento e isso fica a cargo meu e da danci, mas não é o suficiente, precisamos de um fundo de caixa.

(Ana Maria, 59 anos)

## 5.2.2 – Memória infância

A classe dois apresenta relatos da memória relacionados à infância das entrevistadas. Essa memória infância remete as origens dos sujeitos, como o local onde nasceram e como foi sua infância. O trabalho é o tema que predomina nas narrativas, seja ele relacionado às atividades rurais ou domésticas. A maioria destas mulheres começou a trabalhar na infância, para ajudar nas despesas da família e criarem seus irmãos mais novos. Iniciavam seus trabalhos em casas de famílias vizinhas, seja lavando e passando roupa, ajudando a cuidar da casa e dos filhos. As famílias das mulheres pesquisadas eram originárias, em sua maioria, de distritos situados na zona rural do Estado e trabalhavam em fazendas.

O maior problema apontado por essas mulheres, em relação ao trabalho na infância era a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho, principalmente no caso das famílias com muitos filhos. Para a maioria das entrevistadas, a possibilidade de estudar era muito importante. Representava uma mudança de vida, a possibilidade de “vencer” ou “ser alguém” (NAIFF, L.A.M., SÁ, C.P. & NAIFF, D.G.M., 2008). Mas o trabalho não era em todos os casos associados a uma coisa negativa, apesar da intensa rotina de trabalho, as mulheres entrevistadas também tinham, às vezes, tempo para as brincadeiras. E algumas vezes brincavam, enquanto trabalhavam. Vejamos abaixo os extratos de algumas falas das entrevistas, que confirmam o exposto acima:

u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3

u.c.e. : 115 Classe : 2 Kni2 : 22

como nao tinhamos poco em casa iam os eu e minha irma buscar agua no poco da vizinha. aqui era o sitio da familia e plantavamos de tudo para comer e criavamos animais de pequeno porte.

u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3

u.c.e. : 124 Classe : 2 Kni2 : 10

comecei com 10 anos de idade na casa dos vizinhos, eles tinha 8 filhos eu ajudava a cuidar da casa e das crianas. lavava a roupa da familia toda na mao que naquela epoca na existia maquina.

(Ana Maria, 59 anos)

u.c.i. : 5 \*5 \*E\_5 \*K\_1

u.c.e. : 93 Classe : 2 Kni2 : 18

nasci em seropedica, mas meus pais vieram do espirito santo para trabalharem na construo da universidade federal rural do rio de janeiro. minha mae faleceu eu tinha seis anos e mais nove irmaos, foi minha irma mais velha e meu irmao que ajudaram meu pai a cuidar dos menores.

(Conceição, 65 anos)

u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5

u.c.e. : 26 Classe : 2 Kni2 : 15

E aqui eles se conheceram e constituiram uma familia, a nossa familia, minha mae morreu cedo, e eu tive que parar de estudar para ajudar a criar meus irmaos.

(Tereza, 68 anos)

### 5.2.3 – Memória trabalho

Na classe três contém as narrativas sobre o trabalho das depoentes. Notamos que todas em algum período da vida realizaram o trabalho de empregadas domésticas. Apesar de considerarem-se bem sucedidas atualmente, assinalam que enfrentaram muitas barreiras para chegarem até onde estão. A principal barreira é a do preconceito, essas mulheres tinham dificuldades para conseguirem emprego e, quando obtinham era de servente ou doméstica. Necessitavam trabalhar devido as suas condições financeiras, e não tinham opções melhores de emprego. Como apontado nas narrativas da memória infância, a maioria iniciou no emprego doméstico ainda criança.

O trabalho doméstico está ligado à história de escravidão e, grande parte das domésticas no Brasil é negra. “A prestação desse serviço sempre constituiu o principal setor de inserção das mulheres no universo do trabalho no decorrer da formação da sociedade brasileira” (SOUZA, 2012, p.244). Em um dos relatos percebemos as consequências carregadas atualmente pela depoente, devido ao trabalho doméstico, o qual é desvalorizado e considerado uma “escravidão”. E no outro, a pesquisada encontrou no trabalho doméstico a única opção para financiar seus estudos.

u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3

u.c.e. : 128 Classe : 3 khi2 : 15

tenho problemas de saúde até hoje devido ao trabalho doméstico. ser doméstica e trabalho escravo. sai do trabalho doméstico e fui trabalhar como servente, minha carteira foi assinada e consegui crescer profissionalmente dentro dessa empresa que prestava serviço ao supermercado rio.

u.c.e. : 145 Classe : 3 khi2 : 10

pois na minha opinião a mulher como empregada doméstica ela não e nada. eu sofro na pele por ser mulher e negra, a minha empresa nunca teve uma oportunidade de realizar um trabalho aqui na cidade onde moro, na qual lutei pela emancipação, fiquei um so dia em casa ia para a rua, participei dos protestos

(Ana Maria, 59 anos)

u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.c.e. : 66 Classe : 3 khi2 : 4

trabalhei/ em tres casas de familia, no começo sofri muito, pois não entendia dos serviços/ domésticos, minha casa era fogão de lenha, não sabia usar o fômo a gás e nem usar a/ enceradeira.

u.c.e. : 65 Classe : 3 khi2 : 4

E assim eu trabalhava e pagava a escola, e ainda paguei para/ meu irmão, o diretor deu um desconto e eu pagava a metade da mensalidade. do meu/ salário sobravam apenas dez cruzeiros que dava para comprar um mineirinho.

(Francisca, 58 anos)

Apesar dos problemas essas mulheres cresceram profissionalmente e, atualmente orgulham-se de não serem mais empregadas domésticas. Uma delas é empresária, a outra técnica de enfermagem e as outras quatro são professoras do ensino médio da rede pública de ensino.

## 5.2.4 - Memória militância – religiosa

A classe quatro apresenta as características relacionadas à fundação do grupo, o primeiro contato das pesquisadas com este e as dificuldades para se estabelecerem. Como já mencionado na introdução, a Igreja Católica após Vaticano II passou por transformações que contribuíram para repensar a condição de vida do negro. Nesse sentido, os Apns surgem como um grupo cujas ações são voltadas para reivindicarem melhorias para a população negra. Apesar de ser um grupo originado na Igreja, suas práticas são ecumênicas.

Observamos nos relatos que inicialmente o grupo organizou-se na Igreja, e era restrito a esta. Onde se realizava missa afro, reuniões nos salões paroquiais entre outros, mas o grupo sentia necessidade de expandir suas ações para aqueles que não frequentavam a Igreja ou que pertenciam a outras religiões. Portanto, o grupo afasta-se um pouco da Igreja e aproxima-se mais da sociedade, para assim, ter um melhor conhecimento das necessidades da população negra e buscar por mudanças.

A maioria das pesquisadas tiveram conhecimento do grupo a partir da Igreja Católica ou devido às reuniões sobre o centenário da abolição. Segundo suas falas:

u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5

u.e.e. : 38 Classe : 4 Kni2 : 27

tem trinta anos que **faço parte dos apns**, e foi primeiro **movimento** dentro **da igreja catolica** que busca discutir **questoes** relacionadas **aos negros**, depois que foi criada a **pastoral afro**.

(Tereza, 68 anos)

u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4 \*K\_1

u.e.e. : 85 Classe : 4 Kni2 : 23

a imã **ines** fez um **movimento** na **igreja** com **missa afro**, exigindo mais espaço para o **negro** expressar sua **cultura** e convidou todos para **participar**. em 1982 surgiu **os apns** em seropedica, a imã **ines** sempre nos **motivou** a lutar por nossos **direitos**. minha funcao nos **apns** e cuidar **da agenda do grupo** e **fazer os contatos**.

u.e.e. : 84 Classe : 4 Kni2 : 21

atualmente sou formada em letras lingua portuguesa e literatura trabalho na prefeitura e em um curso preparatorio. meu primeiro **contato** com **os apns** ocoemeu na **igreja catolica**, eu **fazia parte da** juventude e na **epoca** estava tendo a **campanha da fraternidade**, cujo tema era **voltado** para a **populacao negra** com o titulo **ouvi** o clamor deste povo,

(Márcia, 47 anos)

u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.e.e. : 70 Classe : 4 Kni2 : 16

em 1988, no centenário **da abolicao** eu vi um anuncio falando de um **encontro da pastoral afro** e fui **ao encontro** para **saber** do que-se tratava. apesar-de frequentar a **igreja catolica** o **padre** nao tinha falado sobre isso. nesse **encontro** foi explicado **os** objetivos do **grupo** que era combater o **preconceito** e buscar **melhorias** para a **populacao negra** do pais.

(Francisca, 58 anos)



Inicialmente, dentro da própria Igreja Católica, o grupo encontrou problemas para se estabelecer. Alguns padres não colaboraram para a formação do grupo em suas paróquias, outros não divulgavam suas ações para os fiéis e, não lhes concediam espaço. Os devotos, por não conhecerem, escandalizavam-se com os cânticos e danças do grupo e afastavam-se da igreja. Como podemos observar nos relatos das entrevistadas:

u.o.i. : 1 \*1 \*E\_1

u.o.e. : 15 Classe : 4 Kh2 : 15

no início tivemos muitas dificuldades, os fiéis estranhavam os cânticos e os instrumentos eram mal vistos. eu sou responsável pelas palestras, faço reuniões com as mulheres, estudo de grupo para discutimos assuntos referente aos direitos das mulheres negras, questões sobre saúde, política e militância.

(Aparecida, 60 anos)

u.o.i. : 5 \*5 \*E\_5 \*K\_1

u.o.e. : 103 Classe : 4 Kh2 : 12

escandalizavam se com os nossos cânticos, pois o povo negro tem muita alegria. A discriminação ao grupo vinha até mesmo de alguns padres, mas resistimos e estamos aí até hoje, com muitas conquistas e com o nosso espaço estabelecido.

(Conceição, 65 anos)

### 5.2.5 – Memória educação - escolar

Nesta classe estão as memórias pautadas na vida escolar. Observar-se que as entrevistadas demonstram a importância da educação como meio de ascensão social e, a insatisfação, de algumas, devido à impossibilidade de conciliarem trabalho e estudo. Outras não puderam continuar o estudo, pois na região apenas as escolas particulares ofereciam o ensino médio (antigo 2º grau), e a família não tinha condições financeiras de pagar pelos estudos ou podiam pagar para um dos filhos. Vindas de famílias humildes e moradoras de regiões de difícil acesso, na maioria das vezes não dispunham de escolas ou o acesso a estas era muito difícil, devido à distância de suas casas até a escola. Mesmo diante de tantas dificuldades, as seis entrevistadas possuem nível superior. Umas trabalharam para pagarem seus estudos, outras voltaram para a escola na fase adulta, após terem criado os filhos. Enfim não desistiram e consideram-se vencedoras, ou seja, venceram por meio da educação. Na fala abaixo podemos observar as dificuldades que uma das entrevistadas enfrentou para volta à escola. Mesmo ficando um ano fora da escola, não desistiu de aprender, o pai orientava a irmã mais velha a ensiná-la o conteúdo. Conseguiu retornar à escola por meio de uma bolsa-trabalho, ou seja, estudava em um turno e no outro trabalhava na própria escola. A pesquisada

afirma sentir-se discriminada com essa situação, pois observou que esta bolsa-trabalho era destinada apenas para estudantes negros.

u.o.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.o.e. : 56 Classe : 5 Khi2 : 18

dos 14 ate os 15 anos fiquei fora da escola, mas meu pai dizia para minha irma me ensinar o-que ela aprendia, assim ela me dava aula. no ano seguinte o colegio morais dias ofereceu umas bolsas de estudo, minha mae foi la para ve se tinha as vagas, mas eram apenas 20 vagas.

u.o.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.o.e. : 57 Classe : 5 Khi2 : 14

entao minha mae implorou a/ diretora uma vaga, pois eu e minha prima queriamos muito estudar. A diretora disse que/ havia uma proposta, uma bolsa trabalho, ou seja, iriamos estudar em um horario e no/ outro trabalharíamos para pagar pelo estudo, eu e minha prima aceitamos, pois queriamos/ muito estudar.

u.o.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.o.e. : 63 Classe : 5 Khi2 : 10

as que eram negras eles pediam para limpar a escola e/ nao pagavam uma faxineira, ai nos nao aceitamos isso mais, e no ano seguinte/ conseguimos uma bolsa de estudo pelo centro comunitario.

(Francisca, 58 nos)

Outras duas histórias também chamam à nossa atenção, uma relacionada ao preconceito na escola, no qual uma criança acima do peso que sofre bullying discrimina a outra devido à cor da pele. A escola que representa um lugar comprometido com o bem estar das crianças tem sido campo de frequentes atos de violência e práticas de bullying, assim como de ações discriminatórias. A outra diz respeito a uma forma de preconceito social, ou seja, a dificuldade de aceitar, ou acreditar que uma pessoa negra ou pobre tenha cursado o nível superior e, possua um bom emprego. Conforme expressam as falas abaixo:

u.o.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5

u.o.e. : 29 Classe : 5 Khi2 : 12

A unica coisa que recordo do periodo escolar e sobre uma amiga que eu tinha, e todos debochavam dela porque ela era muito gorda. E um dia estava eu e ela nas escadas do colegio presidente dutra e ela disse para outra menina, olha ali que desperdicio, um corpo tao bonito, mas com a cor preta, eu e tinha que ter esse corpo na minha pele branca.

(Tereza, 68anos)

u.o.i. : 1 \*1 \*E\_1

u.o.e. : 11 Classe : 5 Khi2 : 10

E voce?trabalha na cozinha. respondi nao sou professora, e ela, mais que depressa disse: de primeira a quarta, eu disse: nao sou do ensino medio. ela falou com ar de espanto, entao voce fez faculdade. como-se aquilo fosse um absurdo. E o pai dela completou e hoje em dia ninguem quer mais trabalhar na roca, e nem em casa de familia, todo mundo quer estudar e ser doutor.

(Aparecida, 60 anos)

## **CAPITULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As identidades são múltiplas e, dependendo do contexto social algumas destacam-se mais do que as outras. Nesse sentido, Castells (2003) ressalta que a identidade pode ser compreendida com um “processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras formas de significado” (p.03). As identidades das mulheres negras possuem características próprias da negritude e do sexismo. Para refletirmos sobre as referidas identidades precisamos considerar que estas se constituem a partir da experiência de ser negro vivenciado através da raça e, de ser mulher sentida por meio do gênero. O caminho percorrido por uma mulher de aparência negra, para torna-se uma mulher negra cidadã é longo e seu início é marcado pelo resgate e afirmação de sua identidade. Afirmar ser mulher negra, não é fácil e ao dizer isso, elas assumem um passado doloroso, mas também constitui um passo importante na superação de seus dilemas.

Muitas das dificuldades encontradas em compreender as especificidades dessas mulheres, em analisar a sua trajetória de formação e consolidação no movimento social, bem como seus dilemas internos, tais como o enfrentamento ao racismo e a construção de identidades negras positivas se devem a precariedade de estudos relacionados a essas temáticas, principalmente sobre o ponto de vista da mulher negra. Escrever sobre sua história de vida possibilita a percepção de que estas são as fontes principais de conhecimento sobre si mesmas. E contribuem enriquecendo e ampliando o campo de conhecimento acerca de tal tema. Ao longo deste trabalho, pretendemos a partir da pesquisa com o grupo Apns e de uma construção teórica que resumisse distintas contribuições do estudo sobre as mulheres negras no movimento social, compreender a relação existente entre militância feminina dentro da Pastoral do Negro e a formação da identidade negra dessas mulheres a partir de suas memórias. Para tal realizamos dois estudos.

A pesquisa no campo das representações sociais possibilitou a evidência de elementos importantes para compreensão das construções sociais, as ideias, as crenças e ideologias que são compartilhadas e manifestadas entre os indivíduos nos distintos grupos sociais. As análises das evocações apontaram para certa proximidade quanto à representação da mulher negra entre os dois grupos, ambas possuindo uma representação positivada, idealizando uma mulher forte e que luta por seus direitos. As mulheres negras se reconhecem e são reconhecidas como aquelas que precisam sempre exigir o que é de direito. Segundo Ferreira

(2000), “o afrodescendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberto e, mesmo sobre tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor” (p. 41). Em relações as perguntas dos questionários, notamos que as mulheres não participantes do movimento negro, demonstram possuírem poucas informações relacionadas às conquistas das mulheres negras e, principalmente sobre a discriminação em relação a sua saúde. A falta de conhecimento sobre essas questões demonstram, o quão mínimas são ainda essas conquistas e apontam para a necessidade de maiores informações sobre a mulher negra, principalmente no que se refere a sua saúde.

Na presente pesquisa percebemos que a inserção no movimento social contribuiu para reforçar positivamente a identidade das participantes, pois notamos nas análises das entrevistas que essas mulheres, antes de ingressarem no movimento social, já tinham o conhecimento de sua identidade. Cujo processo se inicia na família e estabelece diversas ramificações a partir das relações com outros sujeitos. Na pesquisa realizada, a importância da família se apresentou como um tema recorrente nas narrativas. As lembranças do ambiente familiar e da presença ou não de situações de discriminação e de preconceito racial na infância, na adolescência e na vida adulta fazem parte da história de vida destas mulheres. E contribuem para o conhecimento de si, ou seja, a formação de sua identidade, a qual segundo Joaquim (2001) saber-se negro (a):

é viver a experiência de ter sua identidade negada, mas é também e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade. Essa identidade daí emergente é necessária, por ser historicamente formada em uma sociedade ambígua e multifacetada. Uma identidade, ao mesmo tempo, étnica e política, não somente individual, mas também coletiva. (p.56).

Nas narrativas das pesquisadas percebemos cinco traços marcantes, relacionados à memória escolar, memória infância, memória trabalho, memória organização do movimento social e memória religiosa do movimento social. A escola é o primeiro espaço de interação social após a família e, é neste que se encontram presentes, mitos, tabus e preconceitos. Os quais contribuem para os elevados índices de evasão e repetência escolar. O aluno negro tem dificuldades de se ver representado nos livros didáticos ou ainda a prática curricular apresenta parâmetros de exclusão, segundo Nascimento (2003), “o negro surge no livro didático em dois momentos: na discussão da formação do povo brasileiro e no estudo da abolição da escravidão” (p.389). Nesse sentido, de forma generaliza os livros didáticos passam a ideia de que ser branco é ser melhor e o negro é inferior a estes. Nas diversas áreas e espaços de

ensino, os preconceitos apresentam-se de forma camuflada e na expressão do bullying, nesse sentido a escola representa o lugar onde os indivíduos tomam consciência do racismo, da discriminação e do preconceito. A infância das entrevistadas é decorrida de situações difíceis e conflituosas, tais como falecimento da mãe, dificuldades financeiras e outros. Porém, mesmo diante dessas situações percebemos uma recordação agradável e saudosa da infância, principalmente relacionada às brincadeiras. É interessante observar que até a lembrança da infância agradável estava permeada pelo trabalho infantil e pela dificuldade de se manterem na escola. Algumas depoentes relatam que faziam do momento de trabalho uma diversão.

O trabalho como empregada doméstica foi uma recorrência na vida das pesquisadas, não se configurando, em alguns casos, apenas como porta de entrada para o mercado de trabalho, mas como a única forma possível de ocupação oferecida a essas mulheres. Longe de ser uma ocupação temporária, o trabalho como empregada doméstica era cheio de simbolismos e representações negativas, o qual era considerado por estas mulheres como uma herança da escravidão. Em suas falas percebe-se a influência da família para que estas se reconhecessem negras e o incentivo para estudarem. A educação foi apresentada como investimento e como uma possibilidade de romperem com a exclusão, mas na maioria das vezes exigia sacrifícios pessoais, como a dupla jornada do trabalho e do estudo levando algumas até abandonarem a escola, retornando só após casarem-se. De acordo com Sousa (1983) “a ascensão social se fazia representar, ideologicamente, para o negro, como um instrumento de redenção econômica, social e política, capaz de troná-lo cidadão respeitável, digno de participar da comunidade social” (p.21).

Conforme observado em algumas falas, o convívio escolar também colaborou para a construção desta identidade, porém, em alguns casos de uma forma negativa, como já citado em parágrafos anteriores, reforçando estereótipos e representações negativadas sobre os negros (as) e seu padrão estético. A importância da formação educacional apareceu com frequência nas falas das entrevistadas que se orgulhavam de terem concluído o ensino superior. Em relação ao trabalho, afirmaram que trabalharam desde muito nova para ajudar a família e financiarem seus estudos e, hoje se alegram por trabalharem na área de formação. Constatamos que o investimento na educação foi positivo, pois as seis mulheres pesquisadas concluíram o ensino superior. Seus posicionamentos diante das adversidades são compreendidas como uma maneira de resistir e enfrentar a opressão. A atuação no movimento social proporcionou discussões e ações positivas em relação aos problemas próprios destas mulheres, além de ter se tornado um canal de reivindicação e afirmação de uma identidade

positivada. Essa identidade social é vista como algo que está relacionada aquilo que o indivíduo atribui, de forma positiva, a um grupo de referência, com o qual compartilha valores e tradições. Assim, o grupo influencia na composição de uma identidade.

Castells (2003, p.04) aponta três processos que nos ajudam a entender como os indivíduos elaboram suas identidades, influenciados pelo meio ao qual fazem parte. São eles: a identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. A identidade legitimadora não demonstra o que o sujeito representa de fato enquanto pessoa, mas apenas reproduz o que é próprio das instituições dominantes. Na identidade de resistência os sujeitos são conscientes da sua realidade de marginalização, por isso, encontram na resistência um mecanismo de sobrevivência e luta. Assim, exercem o papel de agentes sociais conscientes de seus direitos e contrários à lógica de dominação à qual viviam submetidos. A identidade de projeto é a resistência que se consolida em torno de um projeto capaz de redefinir a posição do indivíduo na sociedade, em busca de uma transformação na estrutura social não mais construída pela submissão aos valores impostos, mas embasada numa identidade consciente. A construção da identidade é um processo elaborado a partir dos espaços sociais onde o sujeito está inserido. As três etapas descritas demonstram que os indivíduos partem de uma determinada realidade legitimadora das estruturas de dominação e faz o caminho de percepção do valor da resistência como meio para a construção de uma identidade apoiada em torno de um projeto concreto.

A militância contribui para um revigoramento da identidade dessas mulheres, tanto individual quanto coletiva, pois tinham uma consciência crítica, que as levaram a questionar o lugar que lhes eram delegados até o momento, e a se orgulharem de serem negras. Nesse sentido, o grupo representa um espaço que permite ao afrodescendente expressar o valor de sua identidade enquanto negro (a), assim como o seu papel e contribuição para as mudanças em sua realidade social. Percebe-se o valor dos Agentes de Pastoral Negros como espaço de resgate e valorização da identidade, bem como de preservação da história dos afrodescendentes. As ações políticas das mulheres Apns, as quais se destacam nas discussões acerca do racismo e sexismo, contribuem para refletirmos sobre suas peculiaridades e, para efetivas mudanças sociais para algumas dessas mulheres. Dessa forma, a presente pesquisa poderá contribuir para um aprofundamento do tema em questão, principalmente porque lidamos com lembranças de pessoas simples que jamais pensaram que poderiam possuir algo importante em suas vidas que merecesse ser contado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J.C. (org.) (1994). *Práticas sociais y representaciones*. México: Filosofia y Cultura Contemporanea.
- AGENTES DE PASTORAL NEGROS. (1990). *Mulher Negra: Resistência e Soberania de Uma Raça*. Petrópolis: Vozes.
- ALEXANDRE, Marcos (2004). *Representação Social: uma genealogia do conceito*. *Comum*: Rio de Janeiro. V.10 – nº 23 – p. 122-138. Julho/dezembro.
- ARAÚJO, Joel Zito (2008). “O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira.” *Revista Estudos Feministas* 16(3), Florianópolis, pp. 979-985.
- BAPTISTA, Karina Cunha. (2002). *O diálogo dos tempos: Memória da escravidão, história e identidade racial entre os afro-brasileiros*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói.
- BARDIN, Laurence. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 229 p.
- BERGSON, Henri. (1999). *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOSI, E. (1979) *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- BRASIL. IPEA. (2008). *Dados das Desigualdades. Gênero e Raça. Programa de Igualdade Gênero e Raça - UNIFEM*. Diretoria de Estudos Sociais.
- BRASIL. (2010). *Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 34 p. [882143] CAM.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (2013). Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Prêmio Mulheres Negras Contam sua História*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres.
- BREAKWELL, G. (1993). *Social Representations and Social Identity*. *Papers on Social Representations - Textes sur sur les Représentations Sociales (1021-5573)* Vol. 2 (3), 1-217.

- BURKE, Peter (org.). (1992). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP.
- CABECINHAS, R. (2006) 'Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste' in Martins, M.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras, pp. 183-214.
- CABECINHAS, R., LIMA, M., & CHAVES, A. (2006). "Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história". In: M. I. João e J. Miranda (Org.) *Identidades Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta. PP.67-92.
- CAMARGO, B. V. (2005). Alceste: Um Programa Informático de Análise Quantitativa de Dados Textuais. In: CAMARGO, B. V., JESUÍNO, J. C., MOREIRA, A. S. P., NÓBREGA, S. M. (orgs). *Perspectivas Teórico-metodológicas em Representações Sociais*. UFPB Editora Universitária. João Pessoa.
- CAMPOS, P.H.F. (. 2005). As representações sociais como forma de resistência ao conhecimento científico. In: OLIVEIRA D.C. de; CAMPOS, P.H.F. (Orgs). *Representações sociais: uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu da República. Pp.85-98.
- CANDAU, Joel. (2012). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- CARNEIRO, Sueli. (2003). *Mulheres em movimento*. Revista Estudos Avançados. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117 – 133 set/dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>>Acessado em: 10/09/2008.
- CASTELLS, Manuel. (2003). Paraísos Comuns: Identidade e Significado na Sociedade de Rede. In: CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES, I. (2004). Brasília. *Anais...* Brasília: SPM. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/estrutura-presidencia/sepm/arquivos/integra\\_anais](http://www.presidencia.gov.br/estrutura-presidencia/sepm/arquivos/integra_anais).



- CONFERÊNCIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL, I. (2006). *Relatório Final*. Brasília: Seppir. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/seppir/publicacoes/relatoriofinalconapir.pdf>.
- COSTA, Emília Viotti da. (1999). *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 6ª Ed.
- DAMATTA, Roberto. (1987). Digressão: A Fábula das Três Raças, ou o Problema do Racismo à Brasileira. In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE DURBAN. (2001). África do Sul.
- DEL PRIORE, Mary. (2001). *Histórias do Cotidiano*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2007). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2007). História das Mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto.
- FERNANDES, Florestan. (1978) *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática.
- GARDNER, Howard. (2003). *A Nova Ciência da Mente: Uma História da Revolução Cognitiva*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- GONDAR, Jô. (2005). Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social*. Rio de Janeiro: UNIRIO.
- GONZALEZ, L. (2008). *Mulher Negra*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). *Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: selo Negro.
- GOODWIN, C. James. (2010). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix.
- HALBWACHS, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- IBGE. (2008). *Notas técnicas: Histórico da investigação sobre cor ou raça nas pesquisas domiciliares do IBGE*. Brasil.

- JEDLOWSKI, P. (2000). La sociología y la memoria colectiva. In: A. Rosa; G. Bellelli; D. Bakhurst (Orgs) *Memória colectiva e identidade nacional*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- JELIN, Elizabeth. (1987). *Ciudadania e identidade lãs mulheres en los movimientos sociales latino-americano*. Ginebra: UNRISD.
- JOAQUIM, Maria Salete (2001). *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Pallas Editora.
- JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In Jodelet, D. (org.). *As representações sociais* (pp.17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. (2011). Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: Pedrinho A. Guareschi, Sandra Jovchelovitch (orgs). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LE GOFF, J. (2003). *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 5ª ed.
- LIMA, M; RIOS, F & FRANÇA, D. (2013). Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). In: MARCONDES, Mariana M. (Orgs). (2013). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea.
- LIMA, M. E. & VALA, J. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo*. Estudos em Psicologia. Natal. 9,3.
- MARCONDES, Mariana M. (Orgs). (2013). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea.
- MIDDLETON, D; BROWN, S.D. (2006). *A psicologia social da experiência – a relevância da memória*. *Pro-posições*, v. 17, n. 2, p. 71-96.
- MOREIRA, Núbia Regina. (2007). *O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo*. Dissertação (Mestrado) UNICAMP, Campinas, São Paulo: [s.n].

- MOSCOVICI, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In Jodelet, D. *As representações sociais* (pp.45-66). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- \_\_\_\_\_. (2009). O fenômeno das Representações sociais. In Moscovici, S. *Representações Sociais: investigação em psicologia social* (pp. 29-109). 6ª ed. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Psicologia das Minorias Ativas*. 1ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- MUNANGA, Kabengele. (1986). *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo, Ática.
- MUNANGA, Kabengele. (2004). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.
- NAIFF, D.G.M., NAIFF, L.A.M. e SOUZA, M.A.de. (2009). *As representações sociais de estudantes universitários a respeito das cotas para negros e pardos nas universidades públicas brasileiras*. Estudos e pesquisa em psicologia, abril. vol.9, no.1, p.216-229.
- NAIFF, L.A.M., FERREIRA, M.C., e NAIFF, D.G. M. (20013). *Bem-estar profissional de professores de escolas públicas e privadas*. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 65 (2): 288-303.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. (2003). *O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus.
- NORA, Pierre. (1993). *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Nº10, p.7-28, dez.
- OLIVEIRA, Fátima. (2002). *Saúde da População Negra*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.
- ORTIZ, Renato. (2006). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- PAIXÃO, Marcelo & CARVANO, Luiz M. (2008). A variável cor ou raça nos interior dos sistemas censitários brasileiros. In: SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo (orgs). *Raça: novas perspectivas antropológicas*. Salvador: EDUFBA.

- PAIXÃO, Marcelo & GOMES, Flávio. (2012). Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto e GOMES, Flavio (Orgs). *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro.
- PERROT, M. (2005). *Introdução*. In: *As mulheres e os silêncios da História*. Tradução. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSP.
- PEREIRA, C.R. & VALA, J. (2010). *Do preconceito à discriminação justificada*. Lisboa: In-Mind\_Português Vol.1, N.º 2-3, 1-13.
- PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES. (2005). *Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Governo Federal.
- PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER. (2010). *Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340*. Brasília: Centro de Documentação e Informação Edições Câmara.
- POLLAK, Michael. (1989). *Memória, esquecimento e silêncio*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2 (3), p.3- 15.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol 5, nº10, p.200- 215.
- RAGOS, Margareth. (2004). Ser Mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- RIBEIRO, Darcy. (2002). *O Povo Brasileiro: A formação e o Sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Matilde. (1995). *Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing*. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, v.03, n. 02, jul-dez. Disponível em: <http://www.portalfeminista.org.br/REF/PDF/v3n2/Ribeiro2>. Acessado em: 03/08/2012.
- \_\_\_\_\_. (2004). Relações raciais na pesquisa e processos sociais: em busca de visibilidade para a mulher negra. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Suely de. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

- RICOUER, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- ROCHA, José Geraldo da.( 1998). *Teologia e Negritude: um estudo sobre os agentes de pastoral negros*. Santa Maria, RS: Palloti.
- RODRIGUES, C.S. & PRADO, M.A.M. (2010). *Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizadoras e articulações com o Estado brasileiro*. *Psicologia & Sociedade*, 22 (3), 445-456.
- SÁ, Celso P. (2005). As memórias da memória social. In: C. P. Sá (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República.
- \_\_\_\_\_. (2012). *A memória histórica numa perspectiva psicossocial*. *Morpheus*, v. 09, p. 91-100.
- SANTOS, Myriam S. dos. (2003). *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume.
- SCOTT, Joan. (1992). *História das Mulheres*. In: *A Escrita da História novas perspectivas*. Peter Burke (Org). São Paulo: Unesp.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem Preto nem branco muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: Fernando Novais (Org), *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 04, 1998.
- SOIHET, Rachel. (1997). História das Mulheres. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus.
- \_\_\_\_\_. (2010). Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: Del Priori, Mary (Org). *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo: Contexto, 9ª ed..
- SOUSA, Neusa Santos. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- SOUZA, Jessé. (2000). Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, dezembro de 2000, pp.135-155.

- SOUZA, Flavia F. de. (2012). Escravas do lar: As mulheres negras e o trabalho doméstico na corte imperial. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto e GOMES, Flavio (Orgs). *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Selo Negro.
- STOETZEL, J. (1967). *Psicologia social*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. *Cap. VIII – Memória*.
- THEODORO, Helena. (2008). Mulher negra, cultura e identidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). *Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro.
- THOMPSON, Paul. (1992). *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed..
- TURRA, Cleusa e VENTURI, Gustavo (Org.). (1995). *Racismo Cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo, Editora Ática.
- WERNECK, Jurema. (2010). *Políticas Públicas para mulheres negras: passo a passo defesa, monitoramento e avaliação de políticas públicas*. Crioula: Rio de Janeiro.
- VALA, Jorge. (1997). Representações sociais e percepções intergrupais. *Análise Social*, vol. xxxii (140), (1.º), 7-29.
- \_\_\_\_\_. (2004). Representações sociais e psicologia do conhecimento cotidiano. In Vala, J & M. B. Monteiro (org.). *Psicologia Social* (457-502). 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. (2006). *Relações Raciais, gênero e movimento sociais: O pensamento de Léila Gonzales 1970-1990*. Dissertação (Mestrado em História Comparada), Departamento de História, CFCH/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro.
- VIANA, Larissa. (2007). *O Idioma da mestiçagem - as irmandades de pardos na América portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. (1998). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

## APÊNDICE

Termo de consentimento, Questionário e Roteiro de Entrevista.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “Representações Sociais, memória e identidade: as mulheres na Pastoral Negro”, respondendo às perguntas da entrevista e autorizo a utilização dos dados que fornecerei para fins da realização da pesquisa de mestrado da discente Cristiane Antunes de Sá da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Declaro estar ciente:

- Dos objetivos da pesquisa, que são averiguar quais e como são formadas as representações sociais sobre as mulheres negras e compreender como se tem desenvolvido a identidade social das mulheres, participantes dos Agentes de Pastorais Negros através de uma análise de suas memórias e de suas representações sobre o movimento negro;
- De que meu nome não será divulgado;
- De que não receberei dinheiro para participar do estudo e também não terei despesas;
- De que não serei obrigado a responder às questões que por ventura me forem incômodas e que por isto, não sofrerei nenhum tipo de penalização;
- De que serei comunicado sobre a data da defesa da dissertação da pesquisadora onde os resultados da mesma serão divulgados;

Nome e endereço da Pesquisadora Responsável:

Cristiane Antunes de Sá

Rua Estrada das Louças, 13, Seropédica, Rio de Janeiro- RJ. CEP 23890-000

Tels: (21) 991212800

Nome e endereço do Orientador:

Prof. Dr. Denis Giovani Monteiro Naiff

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Rodovia BR 465 - Km 7, Campus Universitário - Seropédica, Rio de Janeiro - RJ, 23851-970 / (21) 2682-1080.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa que tem como objetivo investigar algumas características de indivíduos e grupos na sociedade de maneira geral. Você não é obrigado a respondê-lo, mas sua participação é essencial para a realização do estudo proposto. Não é preciso qualquer tipo de identificação. As informações serão utilizadas para fins de estudo acadêmicos.

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Cor da pele: \_\_\_\_\_

Escolaridade:

Ensino fundamental incompleto

Ensino médio completo

Ensino fundamental completo

Ensino superior incompleto

Ensino médio incompleto

Ensino superior completo

Renda Familiar:

Até 1 salário mínimo

Entre 1 e 3 salários mínimos

Entre 3 e 5 salários mínimos

Entre 5 e 7 salários mínimos

Numa primeira pergunta, eu vou falar um termo e gostaria que a Sr<sup>a</sup> me dissesse 5 coisa que lhe vêm à cabeça quando se menciona esse termo.

1 - Muito bem, eu gostaria que a Sr<sup>a</sup> me dissesse as 5 (cinco) palavras ou expressões que lhe vêm logo à cabeça quando eu falo **MULHERES NEGRAS**.

a. \_\_\_\_\_ ( )

b. \_\_\_\_\_ ( )

c. \_\_\_\_\_ ( )

d. \_\_\_\_\_ ( )

e. \_\_\_\_\_ ( )



1.1 – Agora eu gostaria que a Sr<sup>a</sup> colocasse estes termos em ordem de importância. Destes termos que citou qual a Sr<sup>a</sup> considera o mais importante e sucessivamente até o último importante? Agora gostaria que a Sr<sup>a</sup> colocasse nos parênteses acima, (+) quando considerar a palavra positiva, (-) quando considerar negativa e (N) quando considerar neutra a expressão ou palavra que lhe veio a cabeça.

( )      ( )      ( )      ( )      ( )

1º

5º

2– A Sr<sup>a</sup> participa de alguma entidade do Movimento Social Negro?

( ) Sim

( ) Não – pular para a questão 4

Em caso afirmativo, qual o nome desta entidade?

---

3– Há quanto tempo militas nessa organização?

\_\_\_\_\_anos.

4– A Sr<sup>a</sup> se lembra de algum(ns) fato(s) que consideras marcante na luta pelos direitos das mulheres negras na história brasileira recente?

4.1 ( ) Lembra. Quais?

---

---

---

4.2 ( ) Não lembra.

5 – Na sua opinião, atualmente existe discriminação em relação à mulher negra?

( ) Sim. Quais tipos

( ) não

---

---

---

## ROTEIRO DA ENTREVISTA

NOME:

IDADE:

ESTADO CIVIL:

FORMAÇÃO \ INSTRUÇÃO:

PROFISSÃO:

FUNÇÃO NA ORGANIZAÇÃO:

1 - Quando e onde a Sr (a) nasceu?

2 - O que a Sr (a) recorda da História de vida de seus pais?

3 - Como foi a infância da senhora?

4- Com que idade começou a trabalhar e onde?

5- Quais os tipos de trabalho a senhora já teve e quais eram as condições?

6- Como e quando surgiu seu interesse pelo movimento social?

7 - Quais os maiores obstáculos enfrentados por você na prática?

8 - Quais as principais conquistas do movimento em relação às mulheres negras?

9 - Quais as críticas ao movimento?

10 - Qual o significado da militância para você?

11 - O que lhe motiva a continuar militar?

## TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Seropédica, 18 de outubro de 2013.

Entrevista com dona Márcia.

Eu nasci em 1967 na cidade de Seropédica, sou a terceira filha de sete filhos. Entrei na escola com sete anos nunca me senti discriminada, tinha as brincadeiras os apelidos, mas todo mundo brincava com todo mundo, não era tão agressivo como é hoje. As crianças hoje são excluídas, espancadas por causa da sua cor, ou maneira de ser, na minha época não era assim, não tinha maldade. Um chamava o outro de cabelo duro, neguinha, mas depois estava lá brincando. Hoje isso é mais forte, as crianças dizem saí daqui seu neguinho que não vou brincar com você, isso aconteceu com meu sobrinho na escola. Ele tem seis anos e uns coleguinhas disseram que não iam brincar com ele porque ele era negro. Achei isso um absurdo, perguntei a diretora da escola se os professores lá não trabalhavam a lei 10.639 e o bullying.

Minha mãe nos criou com muita dificuldade, pois meu pai faleceu e ela teve que criar sete filhos sozinha, mas teve ajuda dos familiares. Eu e meus irmãos mais velhos tivemos que trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Minha mãe ficava em casa cuidando dos menores e nós íamos trabalhar. Costumo falar que eu não trabalhava para comprar bala e sim para levar o sustento para minha família. Minha infância não foi das melhores, pois não tinha tempo para brincar, precisava trabalhar. Trabalhava pela manhã e estudava à tarde. Eu tinha 13 anos e ia encerrar a casa das pessoas, lavar uma louça, não me envergou dos trabalhos que fiz era duro e difícil, mas digno. Catava muita semente de sabia para vender. Eu vejo essas coisas hoje como um engrandecimento pessoal para minha vida, eu posso olhar para trás e vê quantas coisas conquistei como minha vida evoluiu. Atualmente sou formada em Letras (Língua Portuguesa e Literatura) trabalho na Prefeitura e em um curso preparatório.

Meu primeiro contato com os Apns ocorreu na Igreja Católica, eu fazia parte da juventude e na época estava tendo a campanha da fraternidade, cujo tema era voltado para a população negra com o título “Ouvi o Clamor deste Povo”, a irmã Inês fez um movimento na Igreja com missa Afro, exigindo mais espaço para o negro expressar sua cultura e convidou todos para participar. Em 1982 surgiu os Apns em Seropédica, a Irmã Inês sempre nos motivou a lutar por nossos direitos.

Minha função nos Apns e cuidar da agenda do grupo e fazer os contatos. Hoje o grupo tem muita dificuldade em se reunir, pois não temos um espaço físico, um dia nos reunimos aqui outro ali. Existe muita discriminação ao grupo, acham que não precisamos lutar que exigimos muito, é difícil conseguir apoio. Quando nos reunimos para fazermos um evento enche de pessoas, mas quando precisamos registrar uma queixa de racismo, por exemplo, ninguém quer testemunhar. Não concordam com as pessoas quem veem algo errado acontecendo e cruzam os braços, independente de ser com negro ou não, eu sou contra a injustiça. Meu objetivo no movimento negro é ajudar as pessoas não busco algo para o meu bem, eu posso dizer que já sou bem resolvida, tenho minhas conquistas, mas luto por aqueles que ainda não tem isso, por aquelas mulheres que não participam do movimento, e não tem consciência da real situação em que vivem, muitas são discriminadas e aceitam isso como algo normal. Não quero dizer que todas mulheres fora do movimento são assim, mas tem algumas que pensam dessa maneira. A mulher negra é a que mais sofre hoje no Brasil, temos muitas leis de proteção e conscientização da situação da mulher, mas ainda precisa de mais, é um caminho longo até mudar séculos de exploração e discriminação, por isso temos muito a buscar ainda e temos que continuar a caminhada não podemos parar.

Seropédica, 27 de janeiro de 2013.

Entrevista com dona Tereza.

Eu me chamo Darci tenho 68 anos, sou casada tenho uma filha. Costumo dizer que sou cria de Seropédica, nasci no Bairro Peixoto em casa mesmo, e minha mãe enterrou meu umbigo lá nas palmeiras, que tinha próximo a nossa casa. Sou a mais velha de oito irmãos, somos quatro meninas e quatro meninos. Minha mãe era Mineira e um pai Capixaba, minha mãe veio para Seropédica acompanhado os pais dela, meus avós, e meu pai veio em busca de mão-de-obra na construção da UFRRJ. E aqui eles se conheceram e constituíram uma família, a nossa família. Minha mãe morreu cedo, e eu tive que parar de estudar para ajudar a criar meus irmãos. Só após ter me casado que voltei a estudar.

Minha infância foi maravilhosa, tenho saúde das brincadeiras, da amizade que tínhamos naquela época, era muito bom. Não me lembro de nenhum fato ocorrido comigo relacionado ao preconceito, pelo contrário me sentia privilegiada na escola, eu sempre estudei muito, e os outros alunos sempre me procuravam para pedir ajuda nos estudos, eu ganhava o lanche da semana em troca das redações que fazia para eles. Os professores gostavam muito de mim e também me presenteavam por tirar sempre as melhores notas e ser uma aluna

dedicada e esforçada. A única coisa que recordo do período escolar é sobre uma amiga que eu tinha, e todos debochavam dela porque ela era muito gorda. E um dia estava eu e ela nas escadas do Colégio Presidente Dutra e ela disse para outra menina, olha ali que desperdício, um corpo tão bonito, mas com a cor preta, eu é tinha que ter esse corpo na minha pele branca. Isso se referindo a minha pessoa, hoje eu sei que aquilo foi uma forma de discriminação, ela sofria o bullying, mas praticava também.

Quando voltei a estudar optei pelo Normal (formação de professores), pois era o caminho mais rápido para o emprego, e eu precisava trabalhar. Meu pai sempre me dizia, quando não podemos ser o maior temos que ser o melhor, como éramos muito pobres tínhamos que estudar muito para ter sucesso e ser alguém na vida. Eu sempre segui esse objetivo de estudar, e sempre tomei frente nas coisas, procurava ser a melhor e fazer o melhor. Trabalhei como professora normalista e paguei minha faculdade, sou formada em Letras (Língua Portuguesa e Literatura) e atualmente me aposentei, mas estou estudando, sou aluna do curso de Ciências Sociais da UFRRJ, meu sonho é fazer o Mestrado e o Doutorado em Antropologia.

Na minha infância e adolescência eu nunca tinha atentado para minha cor, mas depois que eu tive minha filha e ela foi crescendo, e ela me olhou e falou: mãe você não é da cor de meu pai, eu disse por que não? Como assim? E ela respondeu você é negra e meu pai é branco, e eu disse: você vê problema nisso? E ela disse que não. Isso já despertou minha atenção, pois ela ficou me questionando sobre essa diferença, porque uns são brancos e outros negros? Eu mesma, não sabia bem como responder. Como sempre fui frequentadora da Igreja Católica, tomei conhecimento de uma missa que haveria voltada para as questões do negro, e sobre a Campanha da Fraternidade. Quando cheguei lá quem regia a missa era o Frei Davi da Educafro, e estava lá todo pessoal do movimento negro, tinha todo um movimento diferente, umas danças que a principio me assustaram, pensei que fosse macumba, mas depois eu participei de várias formações e fui percebendo que essas danças, cânticos e outras demonstrações religiosas e culturais eram a expressão do negro e a preservação de sua identidade. Tem trinta anos que faço parte dos Apns, e foi primeiro movimento dentro da Igreja Católica que busca discutir questões relacionadas aos negros, depois que foi criada a Pastoral Afro. Os Apns “ganharam mundo”, ou seja, foram trabalhar mais a questões sociais, do que religiosa apenas. Interessei-me por esse grupo, por isso, devido às questões sócias, relacionadas às mulheres, saúde, trabalho e em nosso grupo temos evangélicos, católicos e representantes das religiões de matrizes africanas.

O movimento negro enfrenta muitas dificuldades, mas uma das que mais pesa é a financeira e não aceitação. Em nossa caminhada encontramos muitas pessoas que não entendem nosso trabalho, e nos criticam, acham que não temos outras coisas para fazer. Eu sou aposentada, poderia está dentro da minha casa, mas não consigo eu estou todo dia na rua, fazendo reunião, atendendo mulher que foi agredida pelo marido, dando formação, enfim não consigo ficar sem tomar uma atitude diante de tantas injustiças e desigualdades. A maioria das mulheres que sofrem violência e as que estão em péssimas condições de vida são negras.

Seropédica, 10 de janeiro de 2014.

Entrevista com dona Conceição.

Meu nome é Célia Regina tenho 65 anos, casada e tenho um filho. Sou formada em técnica de enfermagem e trabalho na área da saúde, comecei a trabalhar de carteira assinada muito tarde, por isso não aposentei ainda. Nasci em Seropédica, mas meus pais vieram do Espírito Santo para trabalharem na construção da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Minha mãe faleceu eu tinha seis anos e mais nove irmãos, foi minha irmã mais velha e meu irmão que ajudaram meu pai a cuidar dos menores. Na minha infância eu nunca me senti discriminada, poderia até sofrer discriminação na escola ou na vizinhança, mas não tinha consciência do que era discriminação e isso não me afetava, na minha época era normal colocar o aluno de joelho no carço de milho, tanto negro quanto branco. Depois que comecei a participar dos APNs que fui saber o que é a discriminação, como a mulher negra são excluída e discriminada no mercado de trabalho, na mídia e como sofrem violência. As pessoas nem percebem que as negras não são protagonistas nas novelas e são poucas as modelos negras. No mercado de trabalho alegam que elas não possuem boa aparência e só servem para os trabalhos de limpeza ou domésticos. Associam sempre a imagem da mulher negra ao samba, ao sexo ou aos serviços braçais, não imaginam que existem muitas negras intelectuais e bem sucedidas. Esses anos trabalhando na saúde observei que as mulheres negras têm um tratamento diferenciado e preconceituoso em relação ao parto. Eu mesma sofri discriminação no parto de meu filho, fiquei três dias internada sem poder comer ou beber água, pois não tinha passagem para o parto normal e o médico se recusava a fazer cesariana. Forçou meu parto normal e ainda dizia que eu era uma negra forte e tinha que colocar o filho para fora, no dia seguinte já tive que levantar e tomar banho sozinha, a enfermeira ajudou quem ela quis, eu tiver que ir só e acabei caindo e me machucando no banheiro, dei um corte

no queixo. Além da humilhação que passei não pude mais engravidar, o útero ficou comprometido devido ao parto forçado.

Desde minha adolescência frequentava a Igreja Católica, após o casamento continuei a ir com minha sogra. Por volta de 1982 às missionárias Maria Inês, Aparecida e Berenice fundaram o grupo APNs aqui em Seropédica e eu fui convidada por elas para participar. Na época foi muita luta para conseguirmos aceitação dos fiéis e da própria população, eles não aceitavam o grupo. Alguns fiéis até se afastaram da Igreja por não nos aceitarem. Escandalizavam-se com os nossos cânticos, pois o povo negro tem muita alegria. A discriminação ao grupo vinha até mesmo de alguns padres, mas resistimos e estamos aí até hoje, com muitas conquistas e com o nosso espaço estabelecido. Costumo dizer que não somos um grupo religioso, somos um grupo social. O qual busca melhorias para a população negra, principalmente as mulheres negras. Fazemos um trabalho de conscientização dos direitos dessas mulheres, ensinamos artesanato, palestras sobre saúde e violência. Conseguimos formar o Conselho da Mulher e o Conselho da Igualdade Racial na cidade e no dia vinte de novembro de 2013 inauguramos uma praça em homenagem a Zumbi dos Palmares. Essa semana na missa ouvi algo da boca do padre que me deixou triste, ele foi explicar o endereço da igreja onde seria realizada a missa no domingo seguinte, e disse: *“vocês vão passar por uma praça, a qual dizem que fizeram em homenagem a um tal de zumbi”*, com um desdenho que me ofendeu. Nossa Pastoral é muito corajosa e resistente, não vivemos as mil maravilhas com a Igreja. Eu penso que ser negro é ser corajoso.

Minha motivação na militância são as conquistas, é maravilhoso vê a mudança nas pessoas, saber que uma mulher teve a coragem de denunciar seu marido, após anos de espancamento, vê a mulher negra se impondo no mercado de trabalho e lutando para ingressar em uma universidade. É um trabalho gratificante, há pouco tempo fizemos uma oficina em várias cidades do Rio de Janeiro, com o tema *“retalhos da nossa história”*, onde pedíamos para as mulheres que contassem um pouco da sua história de vida e em seguida costurasse um retalho na grande colcha, como se fosse sua história, depois pedíamos que recotasse da colcha aquele retalho que não queria, bem como recortassem de suas vidas o que não queria e, após costurassem outro retalho. Com essa oficina podemos observar o quanto essas mulheres avançaram e o quanto a participação no grupo às tem ajudado, como contribui para a mudança de vida e conscientização. Muitas encontraram força no grupo para superar as perdas e fazerem novas conquistas, para se aceitarem enquanto mulher negra e não abaixar a cabeça

para a discriminação. Passaram a exigir seus direitos, e não se calarem. São mulheres dinâmicas e lutadoras, as quais lutam por si e pelos outros.

Seropédica, 22 de outubro de 2013.

Entrevista com dona Francisca.

Sou de Itaperuna interior do Rio de Janeiro, nasci em 1956. Morávamos na roça eu, minha irmã, meu irmão e meus pais éramos muito pobre, meu pai trabalha nessa fazenda onde morávamos e era tudo distante o vizinho mais próximo era a 4 km, a Fazenda da Floresta. Não tinha criança para brincar, e quando nos encontrávamos era para brincar e não para brigar, eram raros os encontros. Meu sempre se preocupou com nossa educação, dizia que não estava criando filha para ficar com o umbigo no fogão, ele próprio nos alfabetizava em casa, com seis anos eu já lia tudo. Entrei na escola aos sete anos, a escola ficava na fazenda à 4 km da nossa e era uma única turma, ficava todos juntos, criança do pré até a quarta série. Naquele tempo a professora batia nos alunos, quando fazia uma pergunta o aluno tinha que levantar colocar os braços para trás e responder, se não soubesse levava umas chineladas e ficava de joelhos no carço de milho, eu nunca apanhei, estudava muito para saber as respostas. A minha mãe era muito conhecida nas fazendas vizinha, era ela que fazia as ladainhas, rezava os terços e fazia as introdutórias em latim. Era um dia em um lugar, no outro dia já tinha outra casa que queria a nossa diversão era as ladainhas, era quando as mulheres rezavam e as crianças brincavam, era o momento que tínhamos para brincar. Quando eu tinha meus onze anos meu veio para Seropédica, ele dizia que lá a vida era muito difícil e que na cidade nós poderíamos estudar e ter uma vida melhor.

Comecei a trabalhar com treze anos para comprar as coisas para mim, pois meu pai só comprava o básico, perfume e sabonete nem pensar. Então eu pensei vou dar aula em casa, na vizinhança havia muitas crianças e eu saí perguntando qual mãe queria que o filho aprendesse comigo. Eu alfabetizei muitas crianças, tinha jeito com as crianças. Dava aula das 7 horas até às 11 horas, aí tomava meu banho correndo e ia estudar, minha escola era o Presidente Dutra, lá nós enfrentávamos muita discriminação, o que chamam de bullying hoje, zombavam do nosso cabelo, nos chamavam de “neguinhas do Azizo”, pois o lugar onde morávamos era próximo a uma fábrica de carvão chama “Azizo”, cuspiam na gente quando descíamos do ônibus, a meninas maiores desfaziam as tranças do nosso cabelo. Quando eu fiz 14 anos terminei o primário, minha irmã já estava no ginásio e meu pai pagava para ela, e ele não podia pagar escola para as duas. Eu fiquei um ano sem estudar, depois surgiu uma vaga na



fábrica de bombinhas, eu passei as crianças para minha irmã e fui trabalhar na fábrica de bombinhas, uns meses depois a fábrica fechou, fiquei aquele resto de ano ajudando meus tios na lavoura, colhendo quiabo e jiló. Com esse dinheiro que eu juntei e o que minha irmã juntou, nós compramos panos e minha mãe fez roupas novas, foi uma alegria passar aquele Natal com roupas novas. Dos 14 até os 15 anos fiquei fora da escola, mas meu pai dizia para minha irmã me ensinar o que ela aprendia, assim ela me dava aula. No ano seguinte o colégio Morais Dias ofereceu umas bolsas de estudo, minha mãe foi lá para vê se tinha as vagas, mas eram apenas 20 vagas. Então minha mãe implorou a diretora uma vaga, pois eu e minha prima queríamos muito estudar. A diretora disse que havia uma proposta, uma “bolsa trabalho”, ou seja, iríamos estudar em um horário e no outro trabalharíamos para pagar pelo estudo, eu e minha prima aceitamos, pois queríamos muito estudar.

Nós aceitamos a proposta, e o trabalho era limpar a escola, enfrentamos muitas dificuldades, imagina você varrer a escola onde estuda e os outros alunos debocharem, zombarem, jogar um papel no chão e falar, agora vai limpar. Mas nos enfrentamos tudo isso, queríamos estudar para ter um futuro. Enquanto as outras meninas tinham “bamba”, agente tinha “conga” de pano furado ainda. Mas apesar de todas as dificuldades, nós superamos tudo, tentaram nos humilhar e discriminar, mas eu não deixava, encarava mesmo. Teve um episódio que eu não esqueço, uma menina me perguntou assim; ou neguinha porque você não arruma esse cabelo de “Aí meu Deus”? E eu respondi a ela e você porque não dá jeito nessa magreza? È falta de comida, vou te levar para minha casa lá não vai faltar algum com couve para você comer. Desde aquele dia ela nunca mais falou mais nada, eu acho que as pessoas não pode se deixar abater pelas circunstâncias ou aceitarem a discriminação, isso sempre vai acontecer o importante é como vamos reagir. Nós ficamos um ano assim, trabalhando para estudar, mas depois nós observamos que existiam outras crianças que tinham bolsas além das vinte vagas iniciais, e estas eram de pela clara, as que eram negras eles pediam para limpar a escola e não pagavam uma faxineira, aí nós não aceitamos isso mais, e no ano seguinte conseguimos uma bolsa de estudo pelo centro comunitário. Ma infelizmente eles conseguiram outros adolescente negros para limparem a escola, e na época não tínhamos consciência para denunciar aquilo, aliais não tinha nem a quem denunciar. Essa bolsa foi de um ano apenas, no ano seguinte eu arrumei outro emprego, mas era em casa de família e meu pai não queria, mas eu disse para ele que seria preciso, era o único jeito para continuar a estudar. E assim eu trabalhava e pagava a escola, e ainda paguei para meu irmão, o diretor deu um desconto e eu pagava a metade da mensalidade. Do meu salário sobravam apenas dez cruzeiros que dava

para comprar um mineirinho. Trabalhei em três casas de família, no começo sofri muito, pois não entendia dos serviços domésticos, minha casa era fogão de lenha, não sabia usar o forno a gás e nem usar a enceradeira. Saí da casa de família, e o diretor da escola disse que tinha uma vaga na loja do amigo dele, quando cheguei entrevista ele disse que a vaga foi ocupada. Eu não entendi nada voltei e falei com o diretor, ele ligou para o amigo dele e quando voltou disse assim, minha filha estuda porque você vai ter muita dificuldade para arrumar emprego, eu respondi, mas porque o senhor está falando isso? Ele respondeu é por causa da sua cor minha filha. Depois eu me casei tive dois filhos, mas continue a estudar, atualmente sou forma em Letras (Inglês e Português) e sou professora concursada.

Em 1988, no centenário da abolição eu vi um anuncio falando de um encontro da Pastoral Afro e fui ao encontro para saber do que se tratava. Apesar de frequentar a Igreja Católica o padre não tinha falado sobre isso. Nesse encontro foi explicado os objetivos do grupo que era combater o preconceito e buscar melhorias para a população negra do país. Até então eu não tinha conhecimento nenhum de movimento negro, sobre os direitos das mulheres nada disso, sabia o que minha dizia que o negro tinha que ser firme, que seríamos discriminadas, mas que se quiséssemos ser alguém, não poderíamos deixar isso nos afetar. A segunda reunião que eu fui foi a Missa Afro, que lindo! Ouvi os cânticos, o atabaque e depois um teatro explicando as leis que existiram até a libertação dos escravos. Quando eu cheguei à minha Igreja, a Paróquia de Santo Augustinho eu passei tudo aquilo para o padre e ele disse, então a partir de hoje você é a representante dos Apns aqui na nossa Paróquia, aí eu comecei fazendo as reuniões, juntei um grupo para jogar capoeira e nós íamos nos apresentar nos encontros que havia, fazíamos missa Afro, a comunidade não aceitava muito, ficavam escandalizada, mas nós continuávamos o nosso trabalho. Minha responsabilidade é mais as partes culturais do grupo. Reúno os jovens e fazemos apresentações teatrais, de capoeira, musical e etc., mas isso fora da Igreja, porque os da Igreja se escandalizavam. Os encontros eram no salão na casa de meu pai, era um grupo muito grande. E é assim a partir da disseminação da cultura negra que nós contribuimos para combater o preconceito e a discriminação.

Data: 20/06/2013

Local: Residência da entrevistada

Entrevistador: Cristiane A. de Sá

Entrevistado: Ana Maria, ativista dos Agentes de Pastoral Negros.

Cristiane = C / Maria Lúcia = ML

C – Bom dia dona Lúcia, vamos lá, em primeiro lugar me responda quando e onde a Sr (a) nasceu?

ML – Bom eu nasci na cidade de Carangola – MG, em 10 de agosto de 1954.

C – Atualmente a Sr (a) mora em Seropédica, como chegou na cidade?

ML – Quando eu estava com 1 ano de idade os meus pais vieram para Seropédica, para trabalhar na Construção da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, isso foi mais ou menos final de 1955 ou início de 1956. Inicialmente moramos na antiga rua 5 e em dezembro de 1958 viemos morar nesse endereço de hoje. (Rua Jairo Ramalho – nº 300). Nessa época não tinha iluminação pública era tudo na luz do lampião e tínhamos que cozinhar na lenha. Como não tínhamos poço em casa íamos eu e minha irmã buscar água no poço da vizinha. Aqui era o sítio da família e plantávamos de tudo para comer e criávamos animais de pequeno porte. Esse pé de jaca mesmo eu plantei quando tinha 8 anos, eu estou com 59 anos ele tem 51 então. A água para beber íamos buscar na pista em “expirinho” que saía da tubulação.

C – O que a Sr (a) recorda da História de vida de seus pais?

ML – O meu pai não tinha estudo nenhum, trabalhou um tempo com servente na obra da UFRRJ, depois passou para o quadro de efetivados do Ministério da Agricultura, faleceu em 2002 e já estava aposentado pelo MA. Minha mãe era dona de casa e faleceu muito nova, com 48 anos eu tinha 17 anos e ajudei a cuidar de meus irmão mais novos. Minhas duas irmãs mais velhas moravam distante e eu morava em Campo Grande e trabalhava em Niterói, mas vinha todos os dias vê como estava meu pai e meus irmãos e voltava correndo, pois 5h da manhã saía para trabalhar, e voltava nos finais de semanas. Nós éramos 14 irmão 4 morreram, e hoje eu tenho duas filhas 4 netos e 1 bisneto. Depois que minha mãe faleceu meu pai não se casou novamente e dizia que tinha medo de arrumar uma pessoa que maltratasse seus “negrinhos”. Eu respeitava muito meu pai, só no me olhar eu já sabia o que ele queria, hoje falo com meu neto minha neta eles me enfrentam.

C – Como foi a infância da senhora?

ML – Minha infância foi muito alegre, e não tinha essa diferença entre ser branco ou negro entre as crianças. Saíamos com moringas para buscar água e era uma festa, na minha casa éramos 10 e no vizinho mais 6 crianças e na outra vizinha mais 9, íamos todos buscar água. Quando chegávamos em casa só tinha metade da água, pois caía tudo pelo caminho e nos molhávamos. Eu me recordo de um senhor que brincava comigo, por eu ser gordinha, eu fica muito zangada, mas depois passava, ele dizia, “olha lá gente a parruda”... Posso dizer hoje que tenho muita saudade da minha infância, pois foi maravilhosa. Nossas brincadeiras eram criativas.

C – Qual a sua escolaridade?

ML – Sou formada em Administração pela Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro, depois de abrir minha empresa senti a necessidade de estudar administração para está à frente dos negócios.

C – Com que idade começou a trabalhar e onde?

ML – Comecei com 10 anos de idade na casa dos vizinhos, eles tinha 6 filhos eu ajudava a cuidar da casa e das crianças. Lavava a roupa da família toda na mão, que naquela época na existia máquina. Trabalhei muitos anos em casa de família como doméstica, e se me perguntarem se eu quero trabalhar novamente digo que não. Eu trabalhei minha vida toda em casa de família e ninguém nunca assinou minha carteira. Se eu tivesse na época os conhecimentos que tenho hoje, minha situação seria diferente pois teria exigido os direitos que tinha. Como ativista do movimento eu sou de briga, luto por meus direitos, só não aceito o que está acontecendo hoje no Brasil, esses vândalos se infiltrando nos movimentos para quebrar tudo.

C – Quais os tipos de trabalho a senhora já teve e quais eram as condições?

ML – Trabalhei uns 20 anos em casa de família, trabalho doméstico, quando não aguentava mais, pois a vida de doméstica não é boa, somos simplesmente uma faxineira sem valor nenhum. Tenho problemas de saúde até hoje devido ao trabalho doméstico. ”Ser doméstica é trabalho escravo”. Saí do trabalho doméstico e fui trabalhar como servente, minha carteira foi assinada e consegui crescer profissionalmente dentro dessa empresa que prestava serviço ao Supermercado Rio. Continuava a sair de casa às 5 h da manhã, mas chegava em casa 15:00h e meu trabalho era reconhecido e tinha um retorno. Em 1995 cheguei ao cargo de supervisora, pois eu tinha o 2ª grau técnico em contabilidade. Em fevereiro de 1997 eu enfartei devido ao estresse do trabalho, eu supervisionava mais de 130 funcionários. Quando estava me recuperando o meu patrão me chamou e disse que iria me ajudar a abrir uma empresa própria, e iria me ajudar com os serviços iniciais e assim eu abri minha própria empresa a Megalimp Serviços gerais Ltda, a qual tem 16 anos. E depois que eu abri minha empresa comecei a sentir na pele o preconceito, por ser mulher, negra e pobre.

C – Como e quando surgiu seu interesse pelo movimento social?

ML – Bem movimentos sociais eu costumo dizer que sou a ovelha negra da família, pois na minha trajetória escolar fiz parte do movimento estudantil por volta de 1970. Eu ia para as manifestações no centro do Rio e tinha medo do meu pai descobrir, pois ele não deixava. Na Pastoral tem 14 anos que faço parte e fui, pois depois de ter a empresa que comecei a sentir o preconceito, e faço parte de outros conselhos na cidade, inclusive um de comerciante no qual eu sou a única mulher.

C – Quais os maiores obstáculos enfrentados por você na prática?

ML – As dificuldades são as de conseguir recursos, não são todas as mulheres que querem sair pedindo ajuda para o movimento e isso fica a cargo meu e da Darci, mas não é o suficiente, precisamos de um fundo de caixa. Quando têm os encontros as reuniões nem todas podem ir por questões financeiras, isso atrapalha o movimento, as vezes não podemos contar com a participação de todas. Outro obstáculo são os oportunistas, pessoas que vão as reuniões com questões próprias, reivindicando algo para si, e o movimento social não é isso. Lutamos por algo para um grupo. As reuniões são abertas ao público, mas estamos ali por questões que vão além dos problemas pessoais.

C – Quais as principais conquistas do movimento em relação às mulheres negras?

ML – Não vejo muitas conquista para as mulheres, a única coisa que eu vejo de conquista é que as mulheres estão protestando, lutando, mas ainda somo a minoria com ascensão. Eu participo da Associação Comercial de Empresários de Seropédica e sou a única mulher. Muitas vezes me questiono será que não tem mais mulheres empresárias em

Seropédica. Eu chego a conclusão que não houve avanços, pois não vejo grandes diferença na condição da mulher negra.

C – Quais as críticas ao movimento?

ML – São os políticos que aparecem nos movimentos, que se interessam pelas questões sociais, pelas mulheres negras, negros apenas durante a campanha política, minha crítica são aos movimentos que permitem esses candidatos fazerem do movimento social um trampolim político.

C – Qual o significado da militância para você?

ML - Eu não saberia mais vive sem está em movimento, a militância faz parte do que eu sou. Recordo-me como nós brigamos para que o lixão não viesse para Seropédica. Fiquei 2 meses na rua, eu estava como uma alucinada e consegui colher 10 mil assinaturas, e infelizmente não tivemos resposta. Eu brigo não apenas para mim, mas para os meus netos, bisnetos e para o meu próximo. A militância mudou muito a minha cabeça, antes eu abaixava minha cabeça para tudo, hoje não eu luto pelo o certo e não aceito imposição de ninguém. Eu aprendi a ter o nariz em pé e falar mais, participar do movimento social me fez enxergar o mundo de forma diferente, pois quem participa do movimento tem a cabeça diferente, nós não nos conformamos com a injustiça e com o que está errado e buscamos mudanças. Não aceito o preconceito apesar de me sentir discriminada no meio empresarial por ser mulher e negra, mas não deixo isso me abater eu me imponho, o movimento social me ensinou isso, a me impor. Em maio tive uma experiência incrível, devido à comemoração aos 30 Anos dos APNS nós fizemos um encontro na Serra da Barriga, e para mim foi maravilhoso está ali no quilombo do Palmares senti aquela mística, cantávamos, dançávamos que para o negro tudo é festa. Quando entre no Quilombo dos Palmares eu chorei, pois ali meus ancestrais morreram e começaram uma luta que hoje nós continuamos, eles abriram os caminhos para que hoje tenhamos o direito de voz, de lutar por nossos direitos.

C – O que lhe motiva a continuar militar?

ML – Eu já levanto da minha cama motivada, e continuo a lutar, pois acho que as mulheres negras precisam de mais conquistas, como coordenadora do Fórum de Mulheres Negras estamos com a proposta de fazer um trabalho em Seropédica para motivar as mulheres negras à lutarem e buscar uma condição de vida melhor, seja um emprego melhor, qualidade de estudo e outros, pois na minha opinião a mulher como empregada doméstica ela não é nada. Eu sofro na pele por ser mulher e negra, a minha empresa nunca teve uma oportunidade de realizar um trabalho aqui na cidade onde moro, na qual lutei pela emancipação, fiquei um só dia em casa ia para a rua, participei dos protestos.

Seropédica, 30 de outubro de 2013.

Entrevista com dona Aparecida.

Nasci no ano de 1057, na cidade de Itaperuna, em uma roça chamada Comendador Venâncio, interior do Rio de Janeiro. Meu pai trabalhava na fazenda Barro Branco, fazia todos os tipos de serviço, desde cuidar do gado à lavoura. Minha mãe costurava para fora e rezava o terço em toda a cidade. Nossa diversão nos finais de semana eram os bailes e as

ladainhas, minha família era de cantores, um tocava o outro cantava e assim fazíamos a festa. Éramos todos muito unidos, não me recordo de vivenciado nenhum tipo de preconceito nessa época, mas lá não tínhamos oportunidades de melhorar de vida, meu pai seria sempre um trabalhador da fazenda e, eu e minha irmã iríamos crescer para ser costureira, igual minha mãe, ou cozinheira da fazenda. Esse seria o nosso futuro, mas nosso pai não queria isso para nossa vida, por isso em 1964 ele decidiu sair de lá, e fomos morar em Seropédica no km 42. A minha família é grande, tenho muitos tios, tias e primos, então minha infância foi sempre cercada de muita gente, muitas brincadeiras, todas saudáveis, não iguais as de hoje que os jovens ficam só na frente de um videogame ou computador. Nós brincávamos de taco, amarelinha, pique-bandeira, queimada, pula-corda e outras. Um defendia o outro, mexesse com um era com todos. Na escola debochavam muito de mim por causa do meu cabelo, muito crespo, ressecado, eu não tinha dinheiro para cuidar do cabelo. Ficava triste, mas pensava em estudar para não passar mais por isso e, nem meus filhos.

Em 1980 me casei, mas continuei a estudar e trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Eu trabalhei como empregada doméstica. Formei no Ensino Médico Técnico em Administração, mas nunca consegui uma vaga na área. Depois fiz o Normal e saí do emprego de doméstica e fui dá aula em casa e no Mobral, com esse dinheiro cursei a faculdade de Ciências Sociais. Em 1985 fui aprovada no Concurso da Prefeitura de Nova Iguaçu. Terminando a faculdade em 1987 e passei a dar aulas para o Ensino Fundamental e Médio. Em 1990 e tive curiosidade de voltar em Comendador Venâncio, na fazenda onde morei com meus pais. Chegando lá fui bem recebida pelo ex-patrão de meu pai e sua filha, estávamos todos à mesa tomando um café e ele perguntou: “como vocês estão?”; Seu pai? E você faz o que da vida? Eu disse: meu pai está aposentado, e eu trabalho em uma escola de Nova Iguaçu, aí a filha dele interrompeu a conversa e disse: eu trabalho em uma escola de São João de Miriti, sou professora. E você? Trabalha na cozinha? Respondi não sou professora, e ela, mais que depressa disse: de primeira à quarta, eu disse: não sou do Ensino Médio. Ela falou com ar de espanto, então você fez faculdade? Como se aquilo fosse um absurdo. E o pai dela completou é hoje em dia ninguém quer mais trabalhar na roça, e nem em casa de família, todo mundo quer estudar e ser doutor. As pessoas se espantam quando veem um negro ser bem-sucedido, ter um cargo público, mas eu sempre ouvi meu pai dizer, minha filha se você quer ser alguém, ter um bom emprego, estude e estude, só assim você conseguiu. O meu objetivo era ser aprovada em um concurso público, pois se eu passei eu entro ninguém pode me impedir, mas em outros empregos eu poço ser impedida ou discriminada devido à cor da pele.

Sempre trabalhei e estudei, e acredito que qualquer negro, ou qualquer pessoa independente da cor, ou classe social pode vencer na vida pelo estudo.

Comecei a participar dos Apns em 1988, minha irmã foi a primeira e depois me convidou. Foi bem na época da Campanha da Fraternidade e do Concílio Vaticano II, até então não se ouvia dentro da Igreja lutas em favor ao negro. No início tivemos muitas dificuldades, os fiéis estranhavam os cânticos e os instrumentos eram mal vistos. Eu sou responsável pelas palestras, faço reuniões com as mulheres, estudo de grupo para discutimos assuntos referente aos direitos das mulheres negras, questões sobre saúde, política e militância. Hoje acho que os Apns estão muito afastados da Igreja, é um grupo ecumênico desde o início, mas antes a Igreja era mais presente, sinto um pouco de dificuldade, quando tem o apoio religioso é melhor. Às vezes as pessoas não vêm participar de uma reunião nossa, quando se trata de assunto do povo negro, não querem nem saber. Mas se já estão em uma missa e o padre chama para assistir uma missa afro ou algo assim fica mais fácil, o contato com as pessoas é melhor, pois há quem nem queria ouvir. O movimento hoje é social, o Pastoral ficou só no nome. Eu gostava muita da época em que as irmãs (Berenice, Inês e Aparecida) estavam à frente do movimento, elas reunião grupo de jovens negros para cantarem no coral da Igreja, fazíamos teatro no dia 13 de maio e no dia 20 de novembro, e não era só isso, o tema mulher negra estava sempre na Igreja, o nosso espaço era bem definido. Hoje tudo que fazemos é fora da Igreja.

Apesar dos avanços e conquistas das mulheres negras, acredito que precisa de muito mais, essas conquistas são poucas, diante de tantas humilhações e sofrimentos que já passamos, e quando digo isso não sou apenas eu, mas falo por minha classe, falo enquanto mulher negra que sou. O Brasil é o país fora do Continente Africano com maior número de negros, eu não aceito vê esses negros em péssimas condições de vida, fora do mercado de trabalho e sendo estigmatizados na mídia, representados como subordinados, bandido ou prostitutas, domésticas. Mostram o negro no futebol e a passistas, a mulata como símbolos nacionais, limitando o lugar do negro, principalmente as mulheres negras que são as mais atingidas. É difícil construir uma imagem positiva de si mesma numa sociedade onde o branco é referencial estético e que tem uma imagem do negro vinculada à escravidão. Eu não aceito essas representações, pois tenho minha identidade, sei de fato como sou uma mulher guerreira, forte, decidida, que não abaixou a cabeça para as dificuldades e conquistou seus ideais. Orgulho-me da minha cor negra, do meu cabelo crespo, luto e busco o melhor para minha vida e de todos os negros. Tenho consciência que minha luta hoje irá ajudar meus

netos, e os filhos de meus netos no futuro, acredito que eles sim viverão em um mundo onde não haverá espaço para o preconceito e a discriminação.



## ANEXOS

### INFORMATIONS GENERALES

#### A propos du corpus

Nom du corpus	entrevistas cris.txt
Modifié le	12/03/2014
Taille du corpus	35 Ko
Nom du plan d'analyse	entrevis.pl
Date du traitement	12/03/2014
Type de traitement	(double classification)
Durée	

#### Analyse du vocabulaire du corpus

Nombre d'unités de contexte initiales (u.c.i.)	6
Nombre total de formes	6139
Nombre de formes distinctes	1586
Effectif moyen par forme	4
Effectif maximum d'une forme	286
Nombre d'hapax (formes d'effectif égal à 1)	917

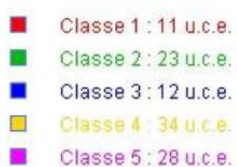
#### Après la réduction du vocabulaire

Nombre de formes réduites	190
Nombre de formes supplémentaires (articles, pronoms, marqueurs, etc.)	111
Nombre de mots étoilés (modalités de variables)	6
Nombre d'unités de contexte élémentaires (u.c.e.)	145

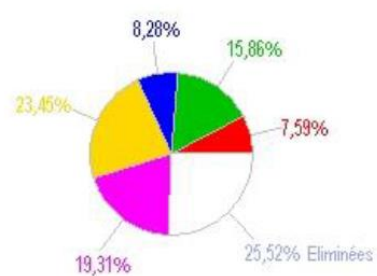
## CROISEMENT DES CLASSIFICATIONS

Nombre de classes retenues	5
Pourcentage d'unités de contexte élémentaires classées	74%
Nombre minimum d'unités de contexte élémentaires pour retenir une classe	10

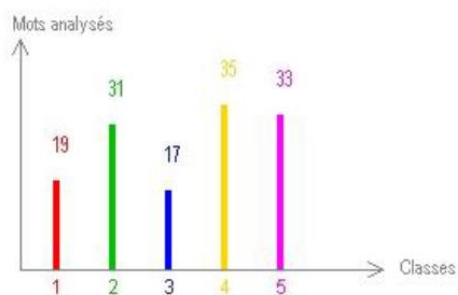
Nombre d'u.c.e. par classe



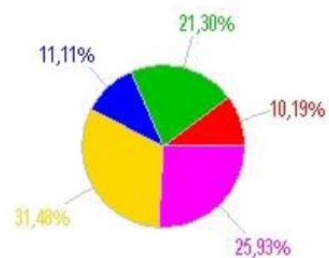
Répartition des u.c.e. dans les classes et non-classés



Nombre de mots analysés par classe

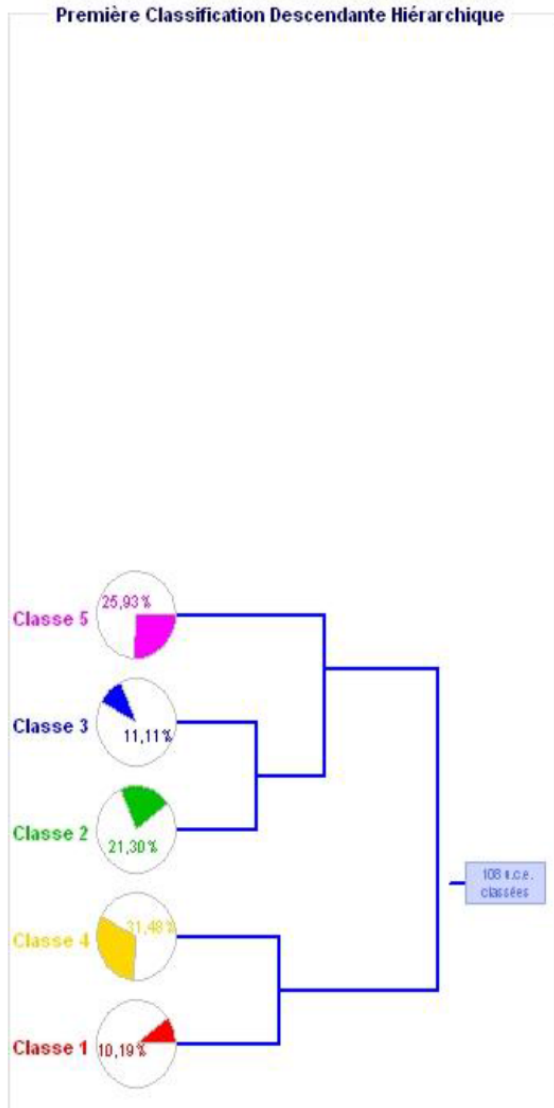


Répartition des u.c.e. dans les classes

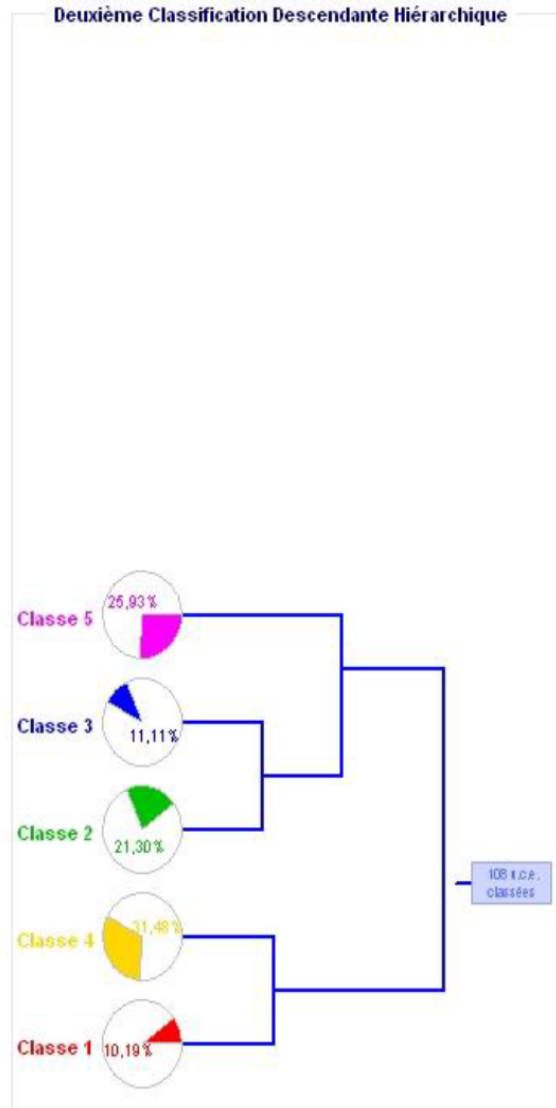


## CLASSIFICATIONS DESCENDANTES HIERARCHIQUES

Première Classification Descendante Hiérarchique



Deuxième Classification Descendante Hiérarchique



## CLASSE N°1

### Présences significatives

Forme réduite	Khi2	uce CI1	uce clas.	%	Catégorie Grammaticales
*E_4	26	6	11	55%	Formes non reconnues
precis+	18	4	7	57%	Formes non reconnues
mulher+	15	7	21	33%	Formes non reconnues
temos	14	3	5	60%	Auxiliaire TER
quer+	13	5	13	38%	Formes non reconnues
reun+	11	2	3	67%	Formes non reconnues
retalho+	11	2	3	67%	Formes non reconnues
consciencia	11	2	3	67%	Formes non reconnues
algo	11	3	6	50%	Pronoms
todas	11	2	3	67%	Pronoms
essas	11	2	3	67%	Pronoms
nao	9	10	51	20%	Adverbes
vida+	9	3	7	43%	Formes non reconnues
ainda	7	3	8	38%	Adverbes
conquist+	7	2	4	50%	Formes non reconnues
espaco	7	2	4	50%	Formes non reconnues
tem	7	4	13	31%	Auxiliaire TER
dificuldade+	6	3	9	33%	Formes non reconnues
ajud+	6	4	14	29%	Formes non reconnues
tenh+	5	3	10	30%	Formes non reconnues
pod+	5	2	5	40%	Formes non reconnues
outro	5	2	5	40%	Pronoms

## Unités de Contexte Élémentaires

**u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4\*K\_1**

u.c.e. : 86 Classe : 1 Khi2 : 32

hoje o grupo tem muita **dificuldade** em se **reunir**, pois não temos um **espaço** físico, um dia nos **reunimos** aqui outro ali. **existe** muita **discriminação** ao grupo, **acham** que não **precisamos lutar** que exigimos muito, e **difícil conseguir** apoio.

**u.c.i. : 5 \*5 \*E\_5\*K\_1**

u.c.e. : 111 Classe : 1 Khi2 : 28

bem-como recortassem de suas **vidas** o-que não **queria** e, após **costurassem** outro **retalho**. com essa oficina **podemos** observar o quanto essas **mulheres** **avancaram** e o quanto a participação no grupo **as** tem ajudado, como contribui para a mudança de **vida** e conscientização.

u.c.e. : 110 Classe : 1 Khi2 : 19

onde **pediamos** para **as mulheres** que contassem um pouco da sua história de **vida** e em seguida **costurasse** um **retalho** na **grande** colcha, como-se fosse sua história, depois **pediamos** que recortasse da colcha aquele **retalho** que não **queria**,

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6\*K\_3**

u.c.e. : 133 Classe : 1 Khi2 : 19

**as dificuldades** são **as de conseguir** recursos, não são todas **as mulheres** que **querem** sair pedindo ajuda para o movimento e isso fica a cargo meu e da **darci**, mas não é o suficiente, **precisamos** de um fundo de caixa.

**u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1**

u.c.e. : 22 Classe : 1 Khi2 : 17

eu não **aceito** essas representações, pois tenho minha identidade, sei de fato como sou uma **mulher** guerreira, forte, decidida, que não **abaixou a cabeça** para **as dificuldades** e **conquistou** seus ideais.

**u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4\*K\_1**

u.c.e. : 87 Classe : 1 Khi2 : 8

quando nos **reunimos** para fazemos um evento enche de **peessoas**, mas quando **precisamos** registrar uma queixa de racismo, por exemplo, ninguém **quer** testemunhar. não concordam com **as pessoas** quem veem algo errado acontecendo e cruzam os braços, independente de ser com negro ou não, eu sou contra a injustiça.

u.c.e. : 91 Classe : 1 Khi2 : 7

por-isso temos muito a **buscar** ainda e temos que continuar a caminhada não **podemos** parar.

**u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1**

u.c.e. : 23 Classe : 1 Khi2 : 6

orgulho me da minha **cor** negra, do meu cabelo crespo, **luto** e **busco** o-melhor para minha **vida** e de todos os negros. tenho **consciência** que minha **luta** hoje ira ajudar meus netos, e os filhos de meus netos no futuro, acredito que eles sim viverão em um **mundo** onde não haverá **espaço** para o preconceito e a **discriminação**.

**u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4\*K\_1**

u.c.e. : 88 Classe : 1 Khi2 : 6

meu **objetivo** no movimento negro e ajudar **as pessoas** não **busco** algo para o meu bem, eu posso dizer que ja sou bem resolvida, tenho minhas **conquistas**, mas luto por aqueles que ainda não tem isso, por aquelas **mulheres** que não participam do movimento,

u.c.e. : 90 Classe : 1 Khi2 : 5

A **mulher** negra e a-que mais **sofre** hoje no brasil, temos muitas leis de proteção e conscientização da situação da **mulher**, mas ainda **precisa** de mais, e um caminho longo ate mudar seculos de exploração e **discriminação**,

## CLASSE N°2

### Présences significatives

Forme réduite	Khi2	uce CI2	uce clas.	%	Catégorie Grammaticales
cas+	20	12	21	57%	Formes non reconnues
tinha	20	14	27	52%	Auxiliaire TER
faleceu	19	5	5	100%	Formes non reconnues
brinc+	19	5	5	100%	Formes non reconnues
infancia	15	4	4	100%	Formes non reconnues
cri+	15	5	6	83%	Formes non reconnues
iamos	11	4	5	80%	Formes non reconnues
mae	11	7	12	58%	Formes non reconnues
agua	11	4	5	80%	Formes non reconnues
filhos	11	4	5	80%	Formes non reconnues
brincadeiras	11	3	3	100%	Formes non reconnues
cuid+	11	5	7	71%	Formes non reconnues
*E_6	8	11	27	41%	Formes non reconnues
ajud+	8	7	14	50%	Formes non reconnues
senti+	7	3	4	75%	Formes non reconnues
irm+	7	7	15	47%	Formes non reconnues
meu	6	11	30	37%	Pronoms
tenh+	5	5	10	50%	Formes non reconnues
meus	5	6	13	46%	Pronoms
minha	5	13	40	33%	Pronoms
em	5	15	48	31%	Prépositions simples et locutions prépositives
era	5	9	24	38%	Auxiliaire SER
tinhamos	5	3	5	60%	Auxiliaire TER

## Unités de Contexte Élémentaires

**u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4 \*K\_1**

u.c.e. : 80 Classe : 2 Khi2 : 40

639 e o bullying. minha **mae** nos **criou** com muita dificuldade, pois meu **pai** **faleceu** e ela teve que **criar** sete **filhos** sozinha, mas teve **ajuda** dos familiares. eu e meus **irmaos** mais velhos tivemos que trabalhar para **ajudar nas** despesas de **casa**. minha **mae** **ficava** em **casa** **cuidando** dos menores e nos **iamos** trabalhar.

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 115 Classe : 2 Khi2 : 22

como nao tinhamos poco em **casa** **iamos** eu e minha **irma** buscar **agua** no poco da vizinha. aqui era o sitio da **familia** e plantavamos de tudo para comer e **criavamos** animais de pequeno porte.

**u.c.i. : 5 \*5 \*E\_5 \*K\_1**

u.c.e. : 93 Classe : 2 Khi2 : 18

nasci em **seropedica**, mas meus **pais** vieram do espirito santo para trabalharem na **construcao** da universidade federal rural do rio de janeiro. minha **mae** **faleceu** eu tinha seis anos e mais nove **irmaos**, foi minha **irma** mais velha e meu **irmao** que **ajudaram** meu **pai** a **cuidar** dos menores.

**u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5**

u.c.e. : 26 Classe : 2 Khi2 : 15

E aqui eles se conheceram e constituiram uma **familia**, a nossa **familia**. minha **mae** morreu cedo, e eu tive que parar de estudar para **ajudar a** **criar** meus **irmaos**.

u.c.e. : 24 Classe : 2 Khi2 : 15

eu me chamo darcy **tenho** 68 anos, sou **casada** **tenho** uma filha. **costumo** **dizer** que sou **cria** de **seropedica**, nasci no bairro peixoto em **casa** mesmo, e minha **mae** enterrou meu umbigo la **nas** palmeiras, que tinha proximo a nossa **casa**.

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 121 Classe : 2 Khi2 : 15

**saiamos** com meringas para buscar **agua** e era uma festa, na minha **casa** eramos 10 e no vizinho mais 6 **criancas** e na outra vizinha mais 9, **iamos** todos buscar **agua**.

**u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5**

u.c.e. : 27 Classe : 2 Khi2 : 13

so apos ter me **casado** que voltei a estudar. minha **infancia** foi **maravilhosa**, **tenho** saude **das brincadeiras**, da amizade que tinhamos naquela epoca, era muito-bom. nao me lembro de nenhum fato ocorrido comigo relacionado ao preconceito, pelo contrario me **sentia** privilegiada na escola, eu sempre estudei muito, e os outros alunos sempre me procuravam para pedir **ajuda** nos estudos.

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 119 Classe : 2 Khi2 : 13

nos eramos 14 **irmao** 4 morreram, e hoje eu **tenho** duas filhas 4 **netos** e 1 bisneto. depois-que minha **mae** **faleceu**/ meu **pai** nao se **casou** novamente e **dizia** que tinha medo de amumar uma pessoa que/ maltratasse seus negrinhos.

**u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5**

u.c.e. : 25 Classe : 2 Khi2 : 10

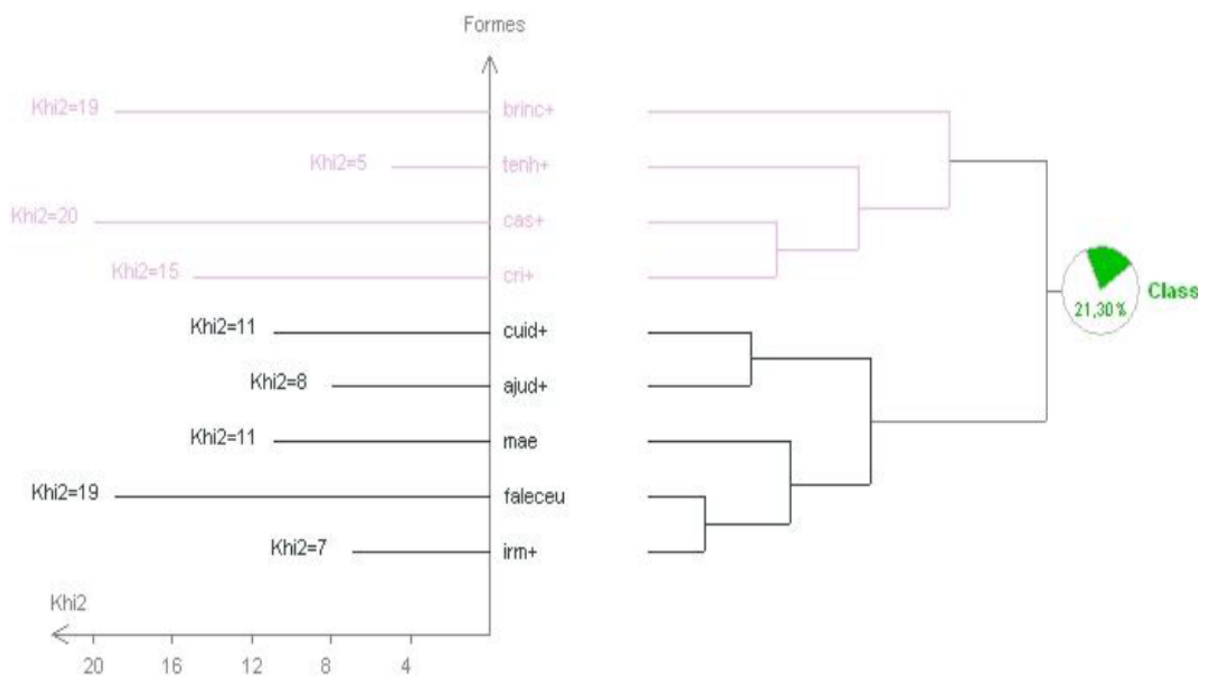
sou a mais velha de oito **irmaos**, somos quatro meninas e quatro meninos. minha **mae** era mineira e um **pai** capixaba, minha **mae** veio para **seropedica** acompanhado os **pais** dela, meus avos, e meu **pai** veio em busca de mao de obra na **construcao** da UFRRJ.

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 124 Classe : 2 Khi2 : 10

comecei com 10 anos de idade na **casa** dos vizinhos, eles tinha 6 **filhos** eu **ajudava** a **cuidar** da **casa** e **das** **criancas**. lavava a roupa da **familia** toda na mao, que naquela epoca na existia maquina.

## Classification Ascendante Hiérarchique





## CLASSE N°3

### Présences significatives

Forme réduite	Khi2	uce CI3	uce clas.	%	Catégorie Grammaticales
rio	36	6	8	75%	Formes non reconnues
cidade+	28	5	7	71%	Formes non reconnues
domest+	25	4	5	80%	Formes non reconnues
janeiro	20	4	6	67%	Formes non reconnues
serv+	20	4	6	67%	Formes non reconnues
empresa	20	4	6	67%	Formes non reconnues
trabalh+	14	9	31	29%	Formes non reconnues
ia	10	2	3	67%	Formes non reconnues
nasci	10	3	6	50%	Formes non reconnues
*E_6	8	7	27	26%	Formes non reconnues
universidade	6	2	4	50%	Formes non reconnues
do	6	8	37	22%	Formes non reconnues
qual	6	2	4	50%	Pronoms
fazend+	4	2	5	40%	Formes non reconnues
cham+	4	2	5	40%	Formes non reconnues
ano+	4	5	22	23%	Formes non reconnues
inici+	4	2	5	40%	Formes non reconnues
mor+	3	2	6	33%	Formes non reconnues
lut+	3	3	11	27%	Formes non reconnues
meus	2	3	13	23%	Pronoms
onde	2	2	7	29%	Pronoms

## Unités de Contexte Élémentaires

**u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1**

u.c.e. : 1 Classe : 3 Khi2 : 35

nasci no ano de 1957, na cidade de itaperuna, em uma roca chamada comendador venancio, interior do rio de janeiro. meu pai trabalhava na fazenda barro branco, fazia todos os tipos de servico, desde cuidar do gado a lavoura.

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 113 Classe : 3 Khi2 : 33

bom eu nasci na cidade de carangola, em 10 de agosto de 1954. quando eu estava com 1 ano de idade os meus pais vieram para seropedica, para trabalhar na construcao da universidade federal rural do rio de janeiro, isso foi mais ou menos final de 1955 ou inicio de 1956.

**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

u.c.e. : 43 Classe : 3 Khi2 : 31

sou de itaperuna interior do rio de janeiro, nasci em 1956. moravamos na roca eu, minha imma, meu imao e meus pais eramos muito pobre, meu pai trabalha nessa fazenda onde moravamos e era tudo distante o vizinho mais proximo era a 4 km, a fazenda da floresta.

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 130 Classe : 3 Khi2 : 20

quando estava me recuperando o meu patroa me chamou e disse que iria me ajudar a abrir uma empresa propria, e iria me ajudar com os servicos iniciais e assim eu abri minha propria empresa a megalimp servicos gerais ltda, a-qual tem 16 anos.

**u.c.i. : 5 \*5 \*E\_5 \*K\_1**

u.c.e. : 109 Classe : 3 Khi2 : 15

ve a mulher negra se impondo no mercado de trabalho e lutando para ingressar em uma universidade. E um trabalho gratificante, ha pouco tempo fizemos uma oficina em varias cidades do rio de janeiro, com o tema retalhos da nossa historia,

**u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3**

u.c.e. : 128 Classe : 3 Khi2 : 15

tenho problemas de saude ate hoje devido ao trabalho domestico. ser domestica e trabalho escravo. sai do trabalho domestico e fui trabalhar como servente, minha carteira foi assinada e consegui crescer profissionalmente dentro dessa empresa que prestava servico ao supermercado rio.

u.c.e. : 145 Classe : 3 Khi2 : 10

pois na minha opiniao a mulher como empregada domestica ela nao e nada. eu soffo na pele por ser mulher e negra, a minha empresa nunca teve uma oportunidade de realizar um trabalho aqui na cidade onde moro, na qual lutei pela emancipacao, fiquei um so dia em casa ia para a rua, participei dos protestos.

u.c.e. : 132 Classe : 3 Khi2 : 7

eu ia para as manifestacoes no centro do rio e tinha medo do meu pai descobrir, pois ele nao deixava. na pastoral tem 14 anos que faco parte e fui, pois depois-de ter a empresa que comecei a sentir o preconceito, e faco parte de outros conselhos na cidade, inclusive um de comerciante no qual eu sou a unica mulher.

**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

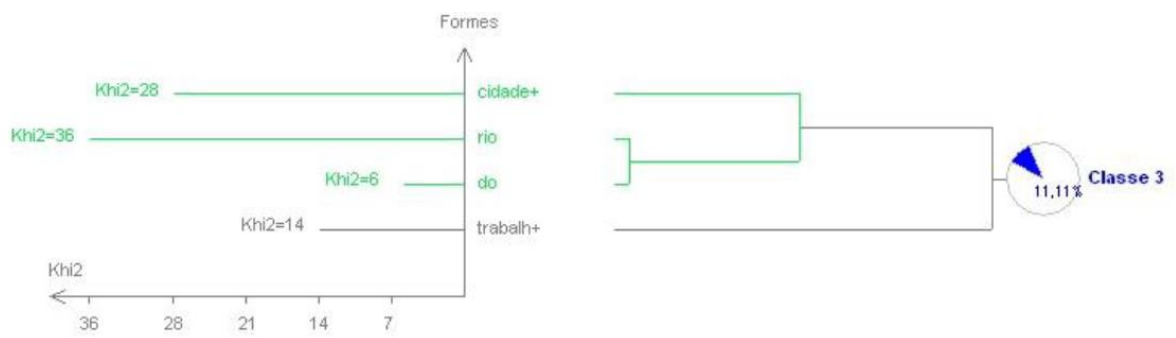
u.c.e. : 66 Classe : 3 Khi2 : 4

trabalhei/ em tres casas de familia, no comeco soffri muito, pois nao entendia dos servicos/ domesticos, minha casa era fogao de lenha, nao sabia usar o fomo a gas e nem usar a/ enceradeira.

u.c.e. : 65 Classe : 3 Khi2 : 4

E assim eu trabalhava e pagava a escola, e ainda paguei para/ meu imao, o diretor deu um desconto e eu pagava a metade da mensalidade. do meu/ salario sobravam apenas dez cruzeiros que dava para comprar um mineirinho.

## Classification Ascendante Hiérarchique



## CLASSE N°4

### Présences significatives

Forme réduite	Khi2	uce CI4	uce clas.	%	Catégorie Grammaticales
igreja	32	13	13	100%	Formes non reconnues
grupo	25	13	15	87%	Formes non reconnues
negr+	20	19	30	63%	Formes non reconnues
missa	16	7	7	100%	Formes non reconnues
apns	16	7	7	100%	Formes non reconnues
catol+	14	6	6	100%	Formes non reconnues
reuni+	14	6	6	100%	Formes non reconnues
afro	14	6	6	100%	Formes non reconnues
questoes	14	6	6	100%	Formes non reconnues
soci+	12	8	10	80%	Formes non reconnues
cant+	11	5	5	100%	Formes non reconnues
padre+	11	5	5	100%	Formes non reconnues
aos	11	5	5	100%	Formes non reconnues
part+	10	8	11	73%	Formes non reconnues
movimento+	10	9	13	69%	Formes non reconnues
campanha	9	4	4	100%	Formes non reconnues
religi+	9	4	4	100%	Formes non reconnues
populacao	9	4	4	100%	Formes non reconnues
cultura+	9	4	4	100%	Formes non reconnues
particip+	8	7	10	70%	Formes non reconnues
direito+	8	5	6	83%	Formes non reconnues
sobre	8	5	6	83%	Prépositions simples et locutions prépositives

## Unités de Contexte Élémentaires

u.c.i. : 6 \*6 \*E\_6 \*K\_3

u.o.e. : 137 Classe : 4 Kni2 : 35

sao os politicos que aparecem nos movimentos, que se interessam pelas questoes sociais, pelas mulheres negras, negros apenas durante a campanha politica, minha critica sao aos movimentos que permitem esses candidatos fazerem do movimento social um trampolim politico. eu nao saberia mais vive sem esta em movimento, a militancia faz parte do que eu sou.

u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5

u.o.e. : 39 Classe : 4 Kni2 : 27

tem trinta anos que faço parte dos apns, e foi primeiro movimento dentro da igreja catolica que busca discutir questoes relacionadas aos negros, depois que foi criada a pastoral afro.

u.c.i. : 4 \*4 \*E\_4 \*K\_1

u.o.e. : 85 Classe : 4 Kni2 : 23

a irma ines fez um movimento na igreja com missa afro, exigindo mais espaco para o negro expressar sua cultura e convidou todos para participar. em 1982 surgiu os apns em seropedica, a irma ines sempre nos motivou a lutar por nossos direitos. minha funcao nos apns e cuidar da agenda do grupo e fazer os contatos.

u.o.e. : 84 Classe : 4 Kni2 : 21

atualmente sou formada em letras lingua portuguesa e literatura trabalho na prefeitura e em um curso preparatorio. meu primeiro contato com os apns ocorreu na igreja catolica, eu fazia parte da juventude e na epoca estava tendo a campanha da fraternidade, cujo tema era voltado para a populacao negra com o titulo ouvi o clamor deste povo.

u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5

u.o.e. : 37 Classe : 4 Kni2 : 17

mas depois eu participei de varias formacoes e fui percebendo que essas danças, canticos e outra demonstracoes religiosas e culturais eram a expressao do negro e a preservacao de sua identidade.

u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.o.e. : 70 Classe : 4 Kni2 : 16

em 1988, no centenário da abolicao eu vi um anuncio falando de um encontro da pastoral afro e fui ao encontro para saber do que se tratava. apesar de frequentar a igreja catolica o padre nao tinha falado sobre isso. nesse encontro foi explicado os objetivos do grupo que era combater o preconceito e buscar melhorias para a populacao negra do pais.

u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1

u.o.e. : 15 Classe : 4 Kni2 : 15

no inicio tivemos muitas dificuldades, os fieis estranhavam os canticos e os instrumentos eram mal vistos. eu sou responsavel pelas palestras, faço reunioes com as mulheres, estudo de grupo para discutimos assuntos referente aos direitos das mulheres negras, questoes sobre saude, politica e militancia.

u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5

u.o.e. : 72 Classe : 4 Kni2 : 15

nao poderiamos deixar isso nos afetar. A segunda reuniao que eu fui foi a missa afro, que lindo! ouvi os canticos, o atabaque e depois um teatro explicando as leis que existiram ate a libertacao dos escravos.

u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1

u.o.e. : 17 Classe : 4 Kni2 : 12

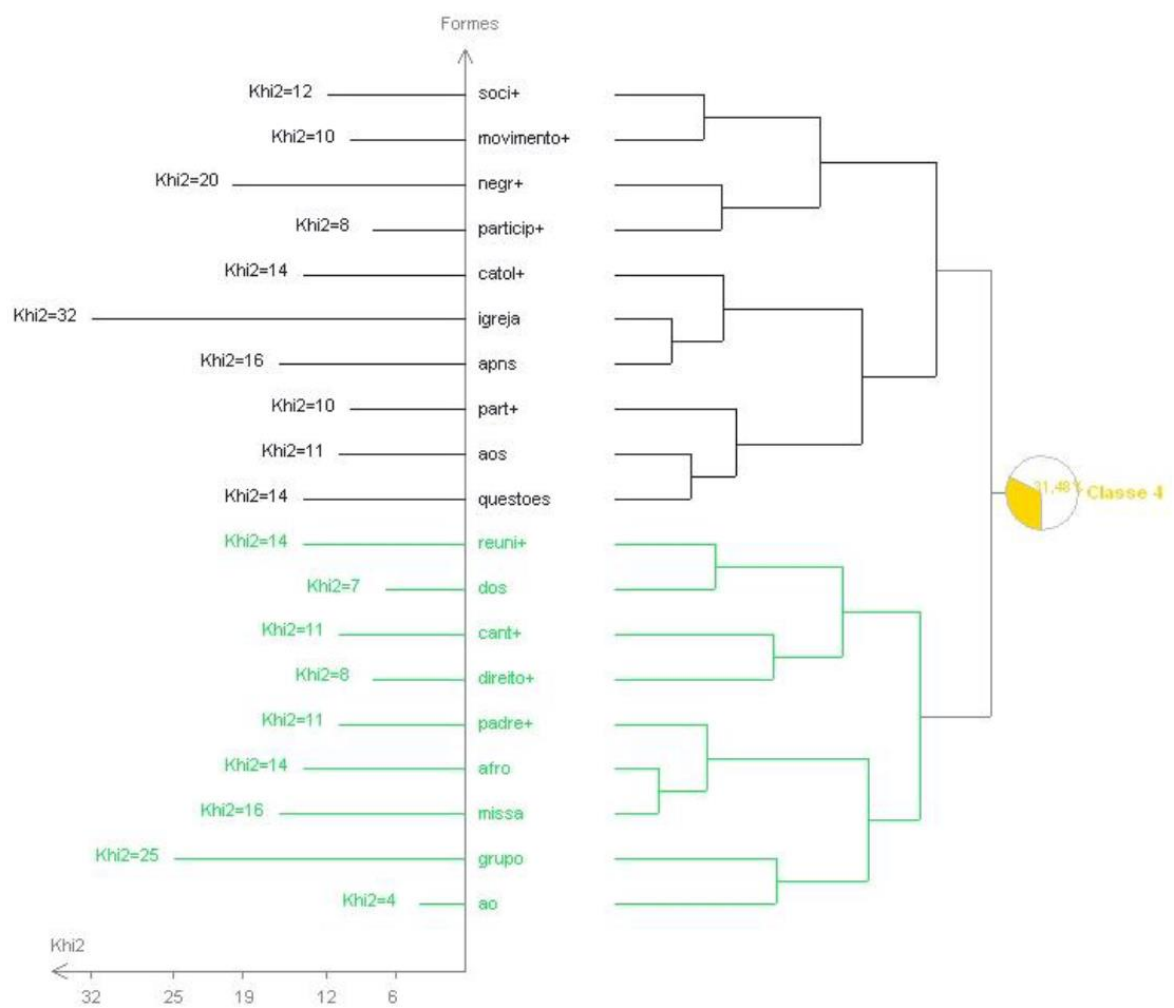
as vezes as pessoas nao vem participar de uma reuniao nossa, quando se trata de assunto do povo negro, nao querem nem saber mas se ja estao em uma missa e o padre chama para assistir uma missa afro ou algo assim fica mais facil, o contato com as pessoas e melhor, pois ha quem nem queria ouvir.

u.c.i. : 5 \*5 \*E\_5 \*K\_1

u.o.e. : 103 Classe : 4 Kni2 : 12

escandalizavam se com os nossos canticos, pois o povo negro tem muita alegria. A discriminacao ao grupo vinha ate mesmo de alguns padres, mas resistimos e estamos ai ate hoje, com muitas conquistas e com o nosso espaco estabelecido.

## Classification Ascendante Hiérarchique



## CLASSE N°5

### Présences significatives

Forme réduite	Khi2	uce CI5	uce clas.	%	Catégorie Grammaticales
estud+	29	16	23	70%	Formes non reconnues
*E_3	21	16	27	59%	Formes non reconnues
vaga+	18	6	6	100%	Formes non reconnues
professor+	18	6	6	100%	Formes non reconnues
emprego+	15	5	5	100%	Formes non reconnues
bolsa+	15	5	5	100%	Formes non reconnues
aula+	15	5	5	100%	Formes non reconnues
voce	14	6	7	86%	Pronoms
faculdade	12	4	4	100%	Formes non reconnues
pergunt+	12	4	4	100%	Formes non reconnues
normal+	11	5	6	83%	Formes non reconnues
ela	11	7	10	70%	Pronoms
escol+	10	8	13	62%	Formes non reconnues
limpar+	9	3	3	100%	Formes non reconnues
seguinte	8	4	5	80%	Formes non reconnues
uma+	8	14	31	45%	Formes non reconnues
tom+	8	4	5	80%	Formes non reconnues
esse	8	5	7	71%	Pronoms
diss+	7	7	12	58%	Formes non reconnues
ter	6	5	8	63%	Auxiliaire TER

## Unités de Contexte Élémentaires

**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

u.c.e. : 88 Classe : 5 Khi2 : 21

eu nao/entendi nada voltei e falei com o diretor, ele ligou para o amigo dele e quando voltou/ disse assim, minha filha estuda porque voce vai ter muita dificuldade para arrumar/ emprego, eu respondi, mas porque o senhor esta falando isso?

**u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1**

u.c.e. : 10 Classe : 5 Khi2 : 18

chegando la fui bem recebida pelo ex patroa de meu pai e sua filha, estavamos todos a mesa tomando um cafe e ele perguntou: como voces estao; seu pai? E voce faz o-que da vida. eu disse: meu pai esta aposentado, e eu trabalho em uma escola de nova iguacu, ai a filha dele interrompeu a conversa e disse: eu trabalho em uma escola de sao joao de miriti, sou professora.

**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

u.c.e. : 56 Classe : 5 Khi2 : 18

dos 14 ate os 15 anos fiquei fora da escola, mas meu pai dizia para minha irma me ensinar o-que ela aprendia, assim ela me dava aula, no ano seguinte o colegio morais dias ofereceu umas bolsas de estudo, minha mae foi la para ve se tinha as vagas, mas eram apenas 20 vagas.

**u.c.i. : 5 \*5 \*E\_5 \*K\_1**

u.c.e. : 98 Classe : 5 Khi2 : 17

forcou meu parto normal e ainda dizia que eu era uma negra forte e tinha que colocar o filho para-fora, no dia seguinte ja tive que levantar e tomar banho sozinha, a enfermeira ajudou quem ela quis,

**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

u.c.e. : 57 Classe : 5 Khi2 : 14

entao minha mae implorou a/ diretora uma vaga, pois eu e minha prima queriamos muito estudar. A diretora disse que/ havia uma proposta, uma bolsa trabalho, ou seja, iriamos estudar em um horario e no/ outro trabalharíamos para pagar pelo estudo, eu e minha prima aceitamos, pois queriamos/ muito estudar.

**u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1**

u.c.e. : 8 Classe : 5 Khi2 : 13

eu trabalhei como empregada domestica. formei no ensino medico tecnico em administracao, mas nunca consegui uma vaga na area. depois fiz o normal e sai do emprego de domestica e fui da aula em casa e no mobil, com esse dinheiro cursei a faculdade de ciencias sociais.

**u.c.i. : 2 \*2 \*E\_2 \*K\_5**

u.c.e. : 29 Classe : 5 Khi2 : 12

A unica coisa que recordo do periodo escolar e sobre uma amiga que eu tinha, e todos debochavam dela porque ela era muito gorda. E um dia estava eu e ela nas escadas do colegio presidente dutra e ela disse para outra menina, olha ali que desperdicio, um corpo tao bonito, mas com a cor preta, eu e tinha que ter esse corpo na minha pele branca.

**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

u.c.e. : 60 Classe : 5 Khi2 : 12

teve um episodio que eu nao esqueco, uma menina me/ perguntou assim; ou neguinha porque voce nao arruma esse cabelo de ai meu-deus? E/ eu respondi a ela e voce porque nao da jeito nessa magreza?

**u.c.i. : 1 \*1 \*E\_1**

u.c.e. : 11 Classe : 5 Khi2 : 10

E voce? trabalha na cozinha. respondi nao sou professora, e ela, mais que depressa disse: de primeira a quarta, eu disse: nao sou do ensino medio. ela falou com ar de espanto, entao voce fez faculdade. como-se aquilo fosse um absurdo. E o pai dela completou e hoje em dia ninguem quer mais trabalhar na roca, e nem em casa de familia, todo mundo quer estudar e ser doutor.

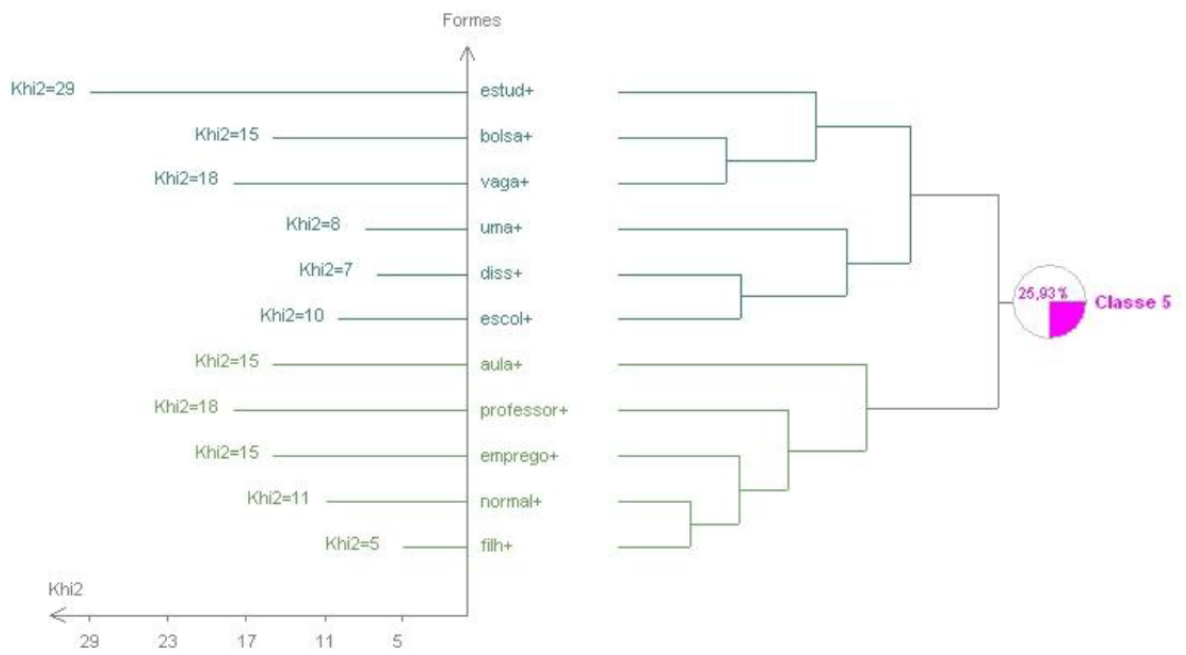
**u.c.i. : 3 \*3 \*E\_3 \*K\_5**

u.c.e. : 63 Classe : 5 Khi2 : 10

as que eram negras eles pediam para limpar a escola e/ nao pagavam uma faxineira, ai nos nao aceitamos isso mais, e no ano seguinte/ conseguimos uma bolsa de estudo pelo centro comunitario.

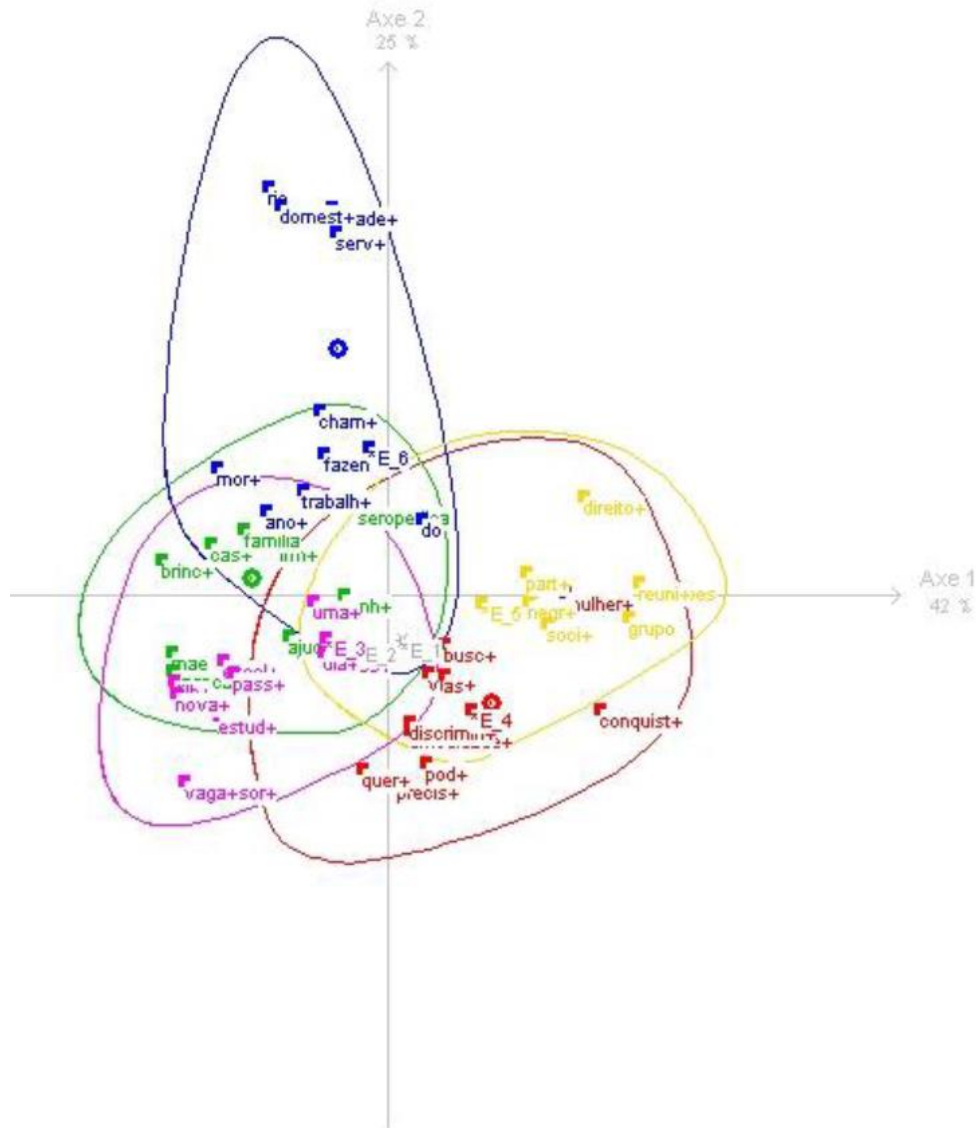


## Classification Ascendante Hiérarchique



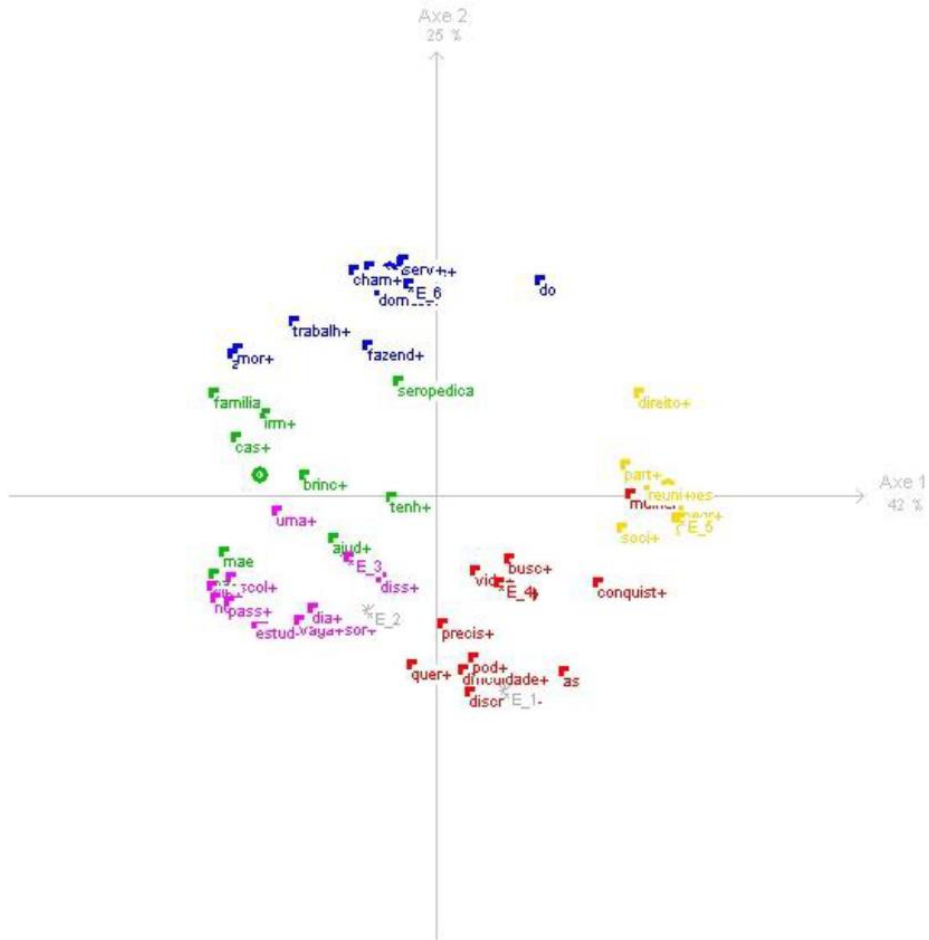
# Analyse Factorielle des Correspondances

## Représentation en coordonnées



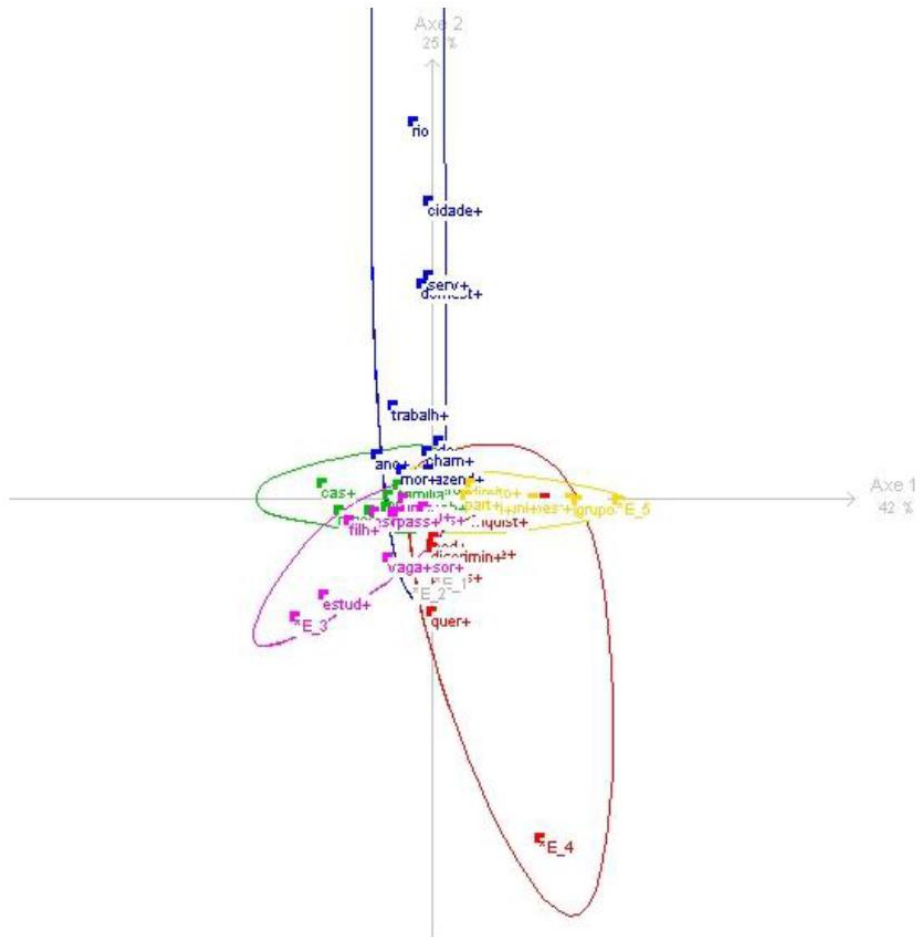
# Analyse Factorielle des Correspondances

## Représentation en corrélations



# Analyse Factorielle des Correspondances

## Représentation en contributions



Mulheres APNs presentes no V Encontro Nacional na cidade de Nova Iguaçu (RJ) em 17/11/12.



